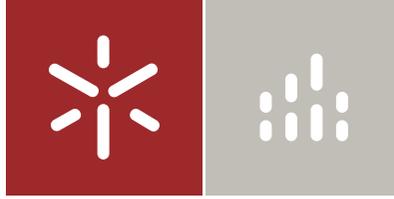




Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Sérgio Filipe Gonçalves Pinheiro

A Casa de Barral, em Aboadela.
Do Inquérito à Arquitectura Popular
Portuguesa à procura da génese tipológica
da construção.



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Sérgio Filipe Gonçalves Pinheiro

A Casa de Barral, em Aboadela.
Do Inquérito à Arquitectura Popular
Portuguesa à procura da génese tipológica
da construção.

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Área de Construção e Tecnologia

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Carlos Alberto Maia Dominguez

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITO DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 16 de Junho de 2021

Sérgio Filipe Gonçalves Pinheiro

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confir-
mo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática
de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética
da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 16 de Junho de 2021

Sérgio Filipe Gonçalves Pinheiro

AGRADECIMENTOS

Ao professor Carlos Maia pela orientação e motivação ao longo deste trabalho.

À família por tudo.

Ao Miguel pelos conselhos, ensinamentos e debates.

Ao Pedro pela disponibilidade e todo o apoio incondicional.

Ao Zé e ao Gerós pelas risadas, companhia e boa disposição.

A todos os amigos e colegas pelos bons e maus momentos.

Obrigado!

RESUMO

A presente dissertação centra-se no estudo e reconhecimento de um edifício exemplar da arquitectura regional da aldeia de Aboadela, no concelho de Amarante, que se encontra actualmente em ruínas e ameaçado pelo esquecimento.

Esta investigação exige a definição de uma metodologia de análise que responda de maneira eficiente ao reconhecimento da arquitectura e do contexto deste edifício. Para tal, propõe-se uma metodologia de análise que se desenvolve através do desenho, da fotografia e da observação directa com os objectos, com o intuito de fazer o registo e levantamento de uma construção ainda não documentada.

Do levantamento do edifício parte-se à procura de pistas para compreender e descodificar o léxico da construção, de modo a perceber o seu estado actual, reconhecer o seu processo histórico e escrutinar as relações da casa com os habitantes e com o território.

Por último pretende-se contrastar as análises obtidas do estudo do edifício com o *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*¹ de modo a estabelecer um enquadramento da construção abordada com exemplos de arquitectura popular publicados no inquérito.

A partir deste trabalho não se pretende a elaboração de um método de análise genérico ou um modelo de intervenção, mas a proposta de uma metodologia que nasce da observação e da representação desse olhar através do desenho e do contraste com os conhecimentos adquiridos no *Inquérito*.

Por fim, esta dissertação pretende valorizar um tipo de construção anónima, que nasce do conhecimento empírico dos artesãos locais e da integração com o lugar, com a comunidade e com a tradição, cuja sua história vale a pena resgatar, por ser parte da memória e cultura dum povo.

¹ Título original do Inquérito, alterado aquando da sua publicação.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the study and recognition of a building that exemplifies regional architecture in the village of Aboadela, located in the municipality of Amarante, which is currently in ruins and threatened by oblivion.

This investigation requires an analysis that responds efficiently to the recognition of the architecture and context of the aforementioned building. To this end, an analysis methodology is proposed, which is developed through drawing, photography and direct observation with objects, in order to register and survey a construction that has not yet been documented.

Based on the building's survey, one sets out to look for clues to understand and decode the construction's lexicon, perceive its current state as well as recognize its historical process in order to scrutinize the house's relations with the inhabitants and with the territory.

Afterwards, we intend to contrast the analyses obtained in the study of the building with the Survey of Portuguese Regional Architecture in order to establish a framework for the construction addressed with examples of popular architecture published in the survey.

From this work, it is not intended to elaborate a generic analysis method or an intervention model, but to propose a methodology that is born from the observation and representation of this gaze through drawing and contrasting with the knowledge acquired in the survey.

Finally, this dissertation intends to value a type of anonymous construction, which is born from the empirical knowledge of local artisans and the integration with the place, with the community and with tradition, whose history is worth recovering, as it is part of memory. of an almost forgotten culture.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	14
------------------------	-----------

1 CONTEXTO	17
---------------------------	-----------

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO.....	18
A GEOLOGIA	20
ABOADELA.....	22
ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS	26
AS VIAS ROMANAS EM AMARANTE	28
ATRAVESSAR O MARÃO	30
AS INFRA-ESTRUTURAS NA ALDEIA.....	32
OS LUGARES DA ALDEIA.....	34
USOS DO SOLO	36
USOS DA ÁGUA - RIO.....	38
USOS DA ÁGUA - FONTES.....	40
AS ANTIGAS REDES VIÁRIAS	42
AS ACTUAIS REDES VIÁRIAS	44
MORFOLOGIA DA ALDEIA	48
COMPARAÇÃO TIPOLÓGICA.....	50
BARRAL.....	52
RUA.....	56
IGREJA.....	60

2 ANÁLISE	65
--------------------------	-----------

A CASA DE BARRAL	66
O LUGAR.....	68
A TOPOGRAFIA.....	70
TIPOLOGIA DA CONSTRUÇÃO.....	72
MÉTRICA DA CONSTRUÇÃO	76
MORFOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	80
OS MATERIAIS	84
AS MARCAS E PATOLOGIAS.....	88
OS USOS NA HABITAÇÃO	92
CRONOLOGIA DAS OCUPAÇÕES.....	94
OS VÃOS	96
OS SISTEMAS CONSTRUTIVOS.....	100

3 ENSAIO COMPARATIVO	105
ESTRUTURA DO POVOADO.....	108
BARRAL.....	108
RUA.....	110
IGREJA.....	112
A TOPOGRAFIA.....	114
O ACESSO AO EDIFÍCIO	116
A RUA.....	118
A RELAÇÃO COM A RUA.....	120
O TERREIRO.....	122
A VINHA.....	124
ESTRUTURA.....	126
A ASNA.....	126
AS PAREDES.....	128
O TELHADO	130
O REVESTIMENTO A CAL.....	132
OS ESPAÇOS E CIRCULAÇÃO	134
O INTERIOR	136
EPÍLOGO.....	140
BIBLIOGRAFIA	142
ÍNDICE ICONOGRÁFICO	146
ENTREVISTAS	154

De há muito que nos conhecíamos...

Eu sabia algo da sua alma e do seu corpo. (...) Sabia-a forte e segura, nas suas espessas paredes de granito ou nas suas armações de castanho, mas descobrira-lhe já algumas cicatrizes, fruto de sucessivos crescimentos ou de agravos do tempo que, também ela, não soube perdoar.

De há muito que nos conhecíamos...

Mas só comecei a conhecê-la melhor quando, juntos, iniciamos o romance da sua - e nossa - transformação.¹

¹ Texto de Fernando Távora, Porto, 1990. Sobre o restauro da sua casa de família, a Casa da Covilhã em Guimarães. in *Luiz Trigueiros - Fernando Távora*. 1993

INTRODUÇÃO

De todos os modos de evocar o património o mais belo é memória. (...) Essas pedras – património, herança, testemunho ou memória -, existiram antes de nós (...) e, provando as capacidades da arquitectura, deveriam sobreviver-nos, abrigando ainda outros homens muito depois do nosso tempo.²

A presente investigação manifesta-se como uma oportunidade para estruturar uma metodologia de análise que se prove capacitada para o reconhecimento de um edifício anónimo, num estado avançado de degradação e ameaçado ao esquecimento. Esta metodologia compreende, principalmente, o campo da observação, essencialmente “*in loco*”, e procura através do registo em desenho, a representação desse gesto de observar.

O desenho é uma forma de comunicação, com o eu e com os outros. Para o arquitecto, é também, entre muitos, um instrumento de trabalho; uma forma de aprender, compreender, comunicar, transformar: de projecto.³

Para complementar as análises recorre-se também à recolha de fotografias, à redacção de anotações e ao uso de outras ferramentas que se verifiquem essenciais para uma compreensão clara destes estudos, como também da comparação com exemplos publicados no *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*. Estas análises surgem da ambição de perceber o estado actual do edifício, de reconhecer a sua história, de identificar os seus processos construtivos e as suas relações com os habitantes e com o lugar.

A elaboração e desenvolvimento desta metodologia aplica-se sobre uma construção popular erguida no lugar de Barral, na aldeia de Aboadela, imagem da herança e sabedoria empírica dos artesãos locais e do resultado de uma comunhão intrínseca entre o território, a comunidade e a tradição.

Chamamos património construído a tudo aquilo (...) que nos ficou do passado. Os anglo-saxões chamam-lhe heritage e nesse signo depositam uma carga ligeiramente diferente porque as heranças não pressupõem só um legado patrimonial, mas também valores simbólicos e afectivos.⁴

A escolha deste caso de estudo advém da intimidade entre o autor e a obra, por ter sido um lugar onde passou parte da sua infância e por actualmente ser propriedade da sua família. Esta escolha compreende a necessidade de valorização e conservação da memória subentendida na casa, e da oportunidade prática de preservar esta construção.

Actualmente, verifica-se uma crescente desvalorização da arquitectura po-

² GRAÇA DIAS. Manuel. *Prova*. In *À la recherche du temps perdu*. 2003. p.3

³ SIZA, Álvaro. *A importância de desenhar*. in *Textos 01*. 2009. p.25.

⁴ GRAÇA DIAS. Manuel. *Op. cit.* 2003. p.3

pular, resultado da industrialização e globalização dos sistemas e materiais de construção, implicando uma transformação evidente “*nos tipos de povoamento, na estruturação dos povoados, em certas características dos edifícios e até no surto de novos tipos de edificação*”;⁵ que “*baralhou as relações naturais dos povoados e o jogo tradicional das suas mútuas influências*”⁶. O desinteresse pela arquitectura popular influenciou um massivo abandono das suas construções, e “*que, na maior parte dos casos, estão sendo remodelados para pior, sem critério nem vantagem*”.⁷

Contudo, “*contribuir para salvar o que merece ser mantido, é pois, uma das finalidades deste trabalho*”⁸, que procura recuperar e valorizar a memória, cultura e herança de um povo que em tempos ali residiu.

Deste modo, a dissertação estrutura-se em três capítulos que se desenvolvem na articulação entre parte teórica e análise prática.

No primeiro capítulo – **Contexto** – procura-se o enquadramento geográfico do caso de estudo, através de análises que ajudem a perceber o contexto onde se insere, como: a identificação da sua localização, a descrição do território e o entendimento da sua história. Percorre-se também análises como: do uso dos solos e da água, das estruturas viárias, da evolução morfológica do povoado e de uma comparação tipológica entre vários edifícios da aldeia.

O segundo capítulo – **Análise** – centra-se no reconhecimento do caso de estudo, principalmente através de um registo obtido “*in situ*”. Assim, as análises focam-se no entendimento do seu estado actual, do seu contexto histórico e geográfico, na identificação tipológica, métrica e morfológica da construção, do reconhecimento material e dos sistemas de construção e da descodificação de vestígios e da memória dos seus habitantes.

Para reforçar a investigação recorreu-se a testemunhos de quem directa ou indirectamente se relacionou com o edifício ou com os seus habitantes.

No terceiro capítulo – **Ensaio Comparativo** – relaciona-se e contrasta-se a análise do caso de estudo com exemplos seleccionados a partir do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*. Este ensaio revela-se fulcral para reconhecimento da génese construtiva do edifício em estudo, na comparação com exemplos levantados e documentados no Inquérito.

No **Epílogo** não se procura uma definição conclusiva desta investigação, nem dos métodos de análise utilizados, mas pretende-se estimular ao estudo e documentação de outros exemplos de construções populares e regionais, menos comuns e que arriscam o seu desaparecimento, adaptando e aperfeiçoando os métodos de análise essenciais ao seu entendimento.

⁵ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - Arquitectura Popular em Portugal. 1980. p.XX

⁶ Ibid., p.XXI

⁷ Ibid., p.XXI

⁸ Ibid., p.XXI

1 | CONTEXTO

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Fig.01 Mapas de Altimetrias e Hidrografia

Esta investigação centra-se no estudo e análise de uma construção empírica, que se encontra em ruínas, mas que ambiciona ser preservada. Para o seu estudo adoptaremos uma análise que aborde várias escalas, desde o seu contexto geográfico até às suas características construtivas. Para tal, neste capítulo, procura-se reconhecer o enquadramento geográfico do seu contexto, através da identificação da sua localização e de todas as características que identificam o território.

Amarante situa-se no Norte de Portugal, “numa zona de transição entre o litoral minhoto e a região montanhosa de Trás-os-Montes”⁹, pertence ao distrito do Porto, à sub-região do Tâmega e Sousa e faz fronteira a Norte com Celorico de Basto e Mondim de Basto, a Sul com Marco de Canaveses, Penafiel e Baião, a Oeste com Felgueiras e Lousada e a Este com Vila Real e St^a. Marta de Penaguião.

Na zona Este do concelho de Amarante, é presente parte da serra do Marão, sendo um local, repleto de terrenos acidentados e altimetrias substanciais, podendo algumas passar os 1000 metros de altitude, seguindo assim a norma de grande parte da topografia do Norte de Portugal (figura 01). Para além da serra do Marão, são constituídas deste território também as serras, da Aboboreira e de S. Brás.

Assim como das grandes montanhas, também é característico do Norte de Portugal “o número de rios que retalham o solo”¹⁰, que pelos vales que as montanhas formam, serpenteiam em direcção ao mar. “A permeabilidade do solo granítico, o denso revestimento vegetal e a alimentação regular das grandes precipitações atmosféricas são as causas desse fenómeno”¹¹. O rio Tâmega é o principal rio em Amarante e atravessa o centro da sua cidade indo depois afluír ao rio Douro. Para além deste, existem outros rios que se destacam no conselho e que nele desaguam, nomeadamente o rio Olo, o rio Odres e o rio Ovelha, que nasce em Aboadela, atravessa o seu centro e desagua no rio Tâmega em Marco de Canaveses (figura 03).

Devido à sua localização histórico-geográfica, Amarante é durante tempos um local de passagem “obrigatório” para quem se quer deslocar entre o Litoral e o Interior do Norte do país. A A4, que faz a ligação Porto – Bragança, é o itinerário principal que atravessa a cidade, substituindo a estrada nacional EN15, que ainda se encontra em serviço apesar de menos utilizada. A mesma A4 reduziu o fluxo da IP4 que intersecta Aboadela e que até à inauguração do túnel do Marão era a estrada principal à travessia da serra do Marão.

⁹ *Roteiro natural: Amarante*. 2001. p.8

¹⁰ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. *Arquitectura Popular em Portugal*. 1980. p.6

¹¹ *Ibid.*, p.6

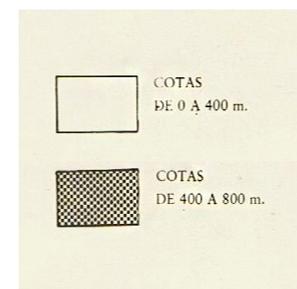
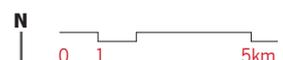


Fig.02 Legenda Mapas 1 e 2

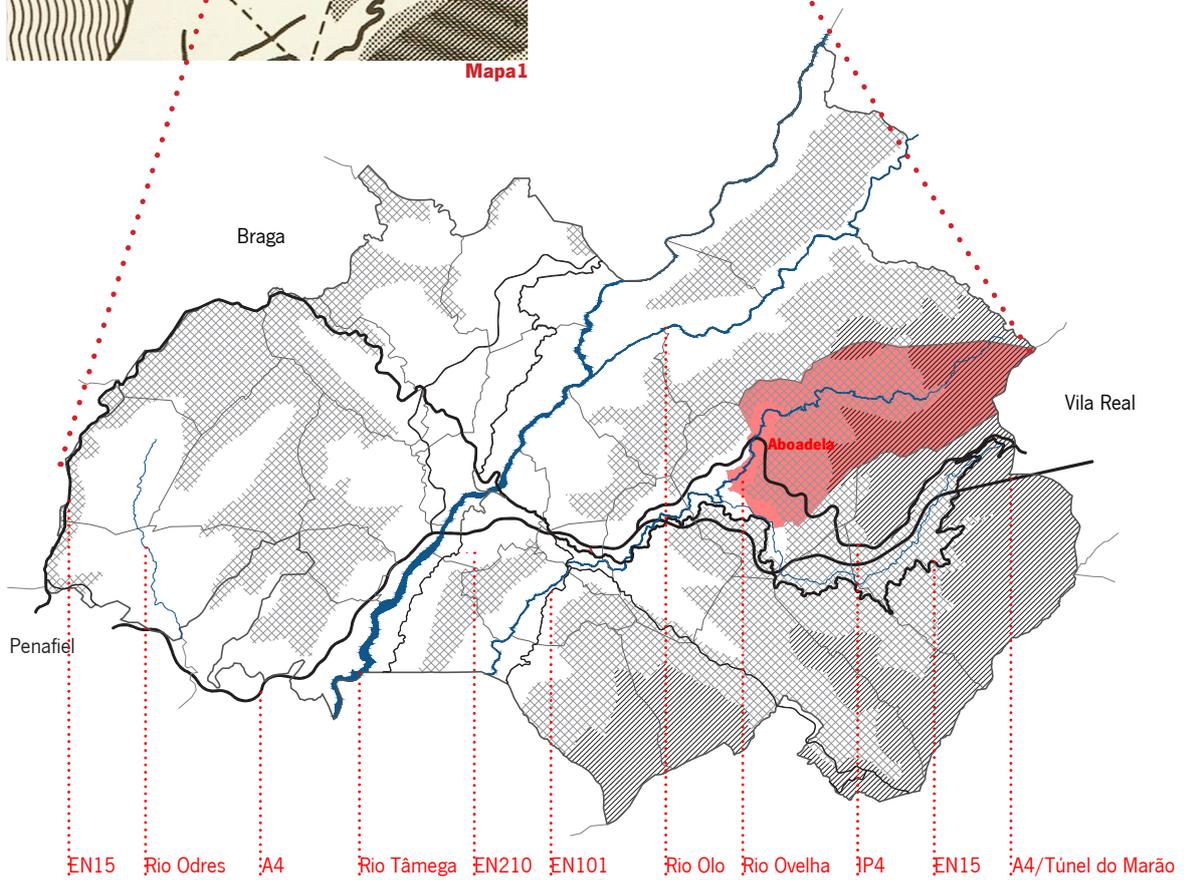
Fig.03 Mapas de Altimetrias e Hidrografia de Amarante





Mapa 1

Mapa 2



A GEOLOGIA

Fig.04 Mapas Geológicos

Na figura 04 verifica-se o mapeamento da geologia existente no Norte de Portugal, que se estrutura principalmente em dois tipos de rochas distintas. Apesar de haver várias zonas rochosas mistas, são evidentes: a “*dominante geológica do Minho*”¹² de afloração granítica; e a presença de grandes manchas de xisto no Interior-Norte do país. Estes dois tipos diferentes de rochas influenciaram as construções presentes em cada zona, tendo elas que se adaptar e tirar partido dos materiais existentes. Este, a par de outros, é um dos fenómenos que mais teve impacto sobre a arquitectura popular presente em cada região do país.

Em Amarante, tendo a figura 06 como base de análise, “*o concelho apresenta grande uniformidade, sendo constituído predominantemente por rochas ígneas de vários tipos, das quais, a mais abundante, é o conhecido granito de Amarante*”^a ¹³. O uso deste tipo de granito é directamente observável na construção de algumas obras conhecidas do concelho, nomeadamente, o Convento de S. Gonçalo e Ponte de S. Gonçalo sobre o Tâmega. Para além destes, é perceptível, por Amarante, várias obras em granito como principal material da construção, desde várias casas no centro histórico da cidade como habitações dispersas e mais arcaicas.

Sendo predominante o granito em Amarante, tem também alguma presença o xisto, numa mancha que cobre a parte Nordeste do concelho. Na zona Norte centra-se o afloramento de Xistos Arcaicos e a Este, Xistos Escuros. Estes são recorrentes em várias construções em aldeias serranas e até mesmo em Aboadela, em alguns casos ainda hoje visíveis.

Para além destas rochas também há presença de filões^b, que “*foram em tempos, intensamente explorados para extracção de estanho e volfrâmio, nas suas mineralizações ricas em cassiterite e volframite*”¹⁴, tendo existido em Aboadela algumas minas para essa mesma exploração e que ainda se percebe os seus vestígios.

a “Trata-se de um granito porfírido, de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico”.¹⁵

b “Os filões são corpos magmáticos, de forma tabular, resultantes do preenchimento de fracturas existentes nas rochas”.¹⁶

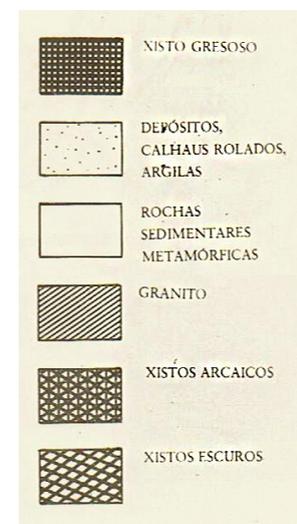


Fig.05 Legenda Mapa1

¹² PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. *Arquitectura Popular em Portugal*. 1980. p.116

¹³ *Roteiro natural: Amarante*. 2001. p.13

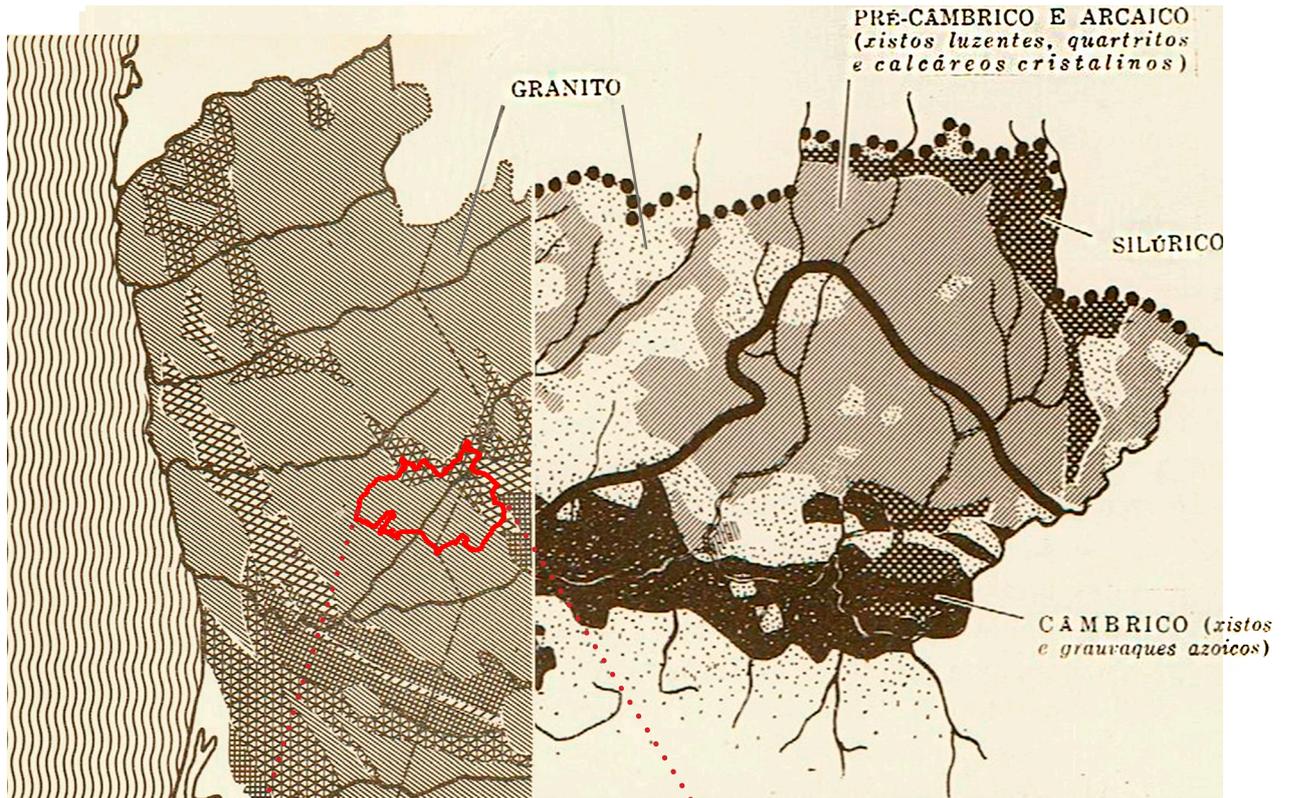
¹⁴ *Ibid.*, p.14

¹⁵ *Ibid.*, p.13

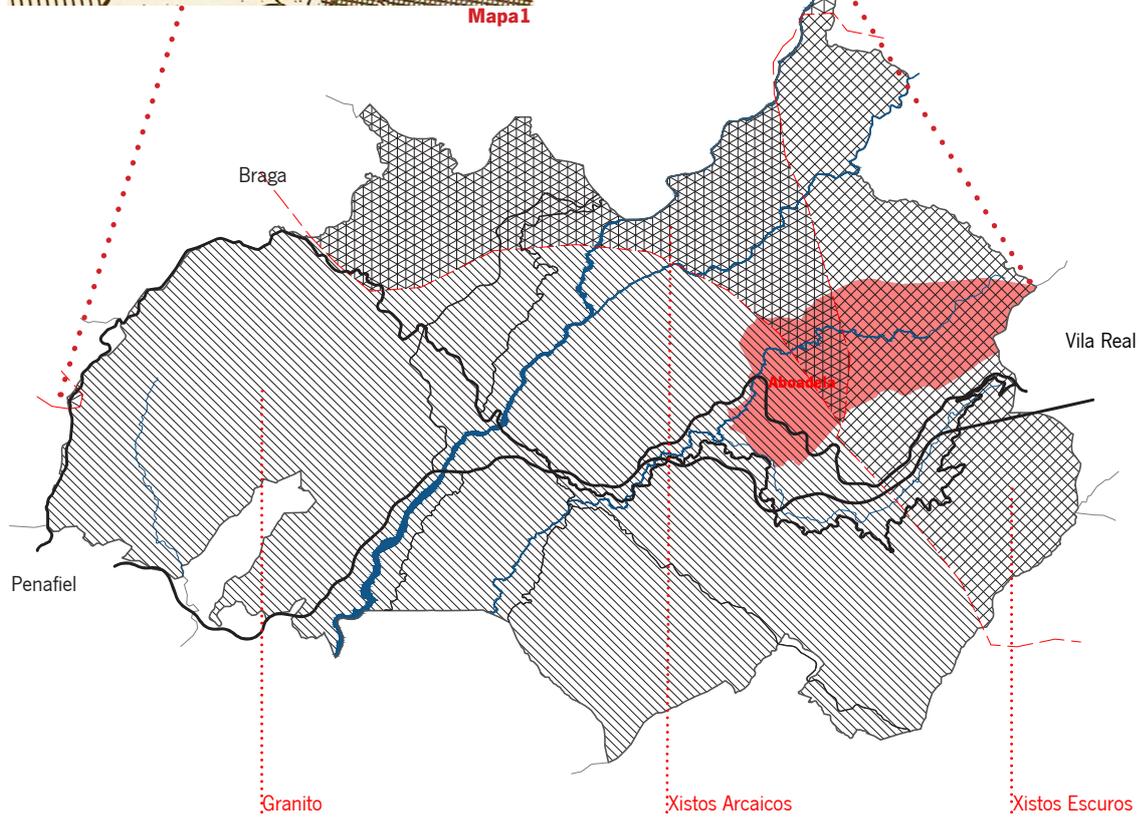
¹⁶ GEIRA, Projecto. *A Geologia do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. (consultado a 06 de Maio de 2021). disponível em < <https://dct.uminho.pt/pnpg/gloss/filao.html> >

Fig.06 Mapa geológico, Amarante





Mapa2



ABOADELA

Segundo o reitor Alexandre da Silva, a freguesia estava situada “entre a Serra do maram e outra chamada o Ladayro, em huma Ribeira muito fértil (...)” por onde passava o “rio de Ovelha, quieto no seu curso que começava no lugar de Covelo e fenecia no Tâmega”. Tinha uma légua de comprimento e nele se criavam peixes, nomeadamente trutas. Em toda a veiga que o Ovelha nutria cultivava-se cereal, vinho, castanha e algum azeite, estando as suas margens debruadas por uveiras e castanheiros. Sobre o seu curso alçava-se, então, a Ponte situada na Rua de Ovelha “de cantaria muito boa.”¹⁷

Aboadela era uma freguesia do concelho de Amarante, localizada a cerca de 10 quilómetros do centro da cidade, actualmente extinta e agregada com as freguesias de Sanche e Várzea. Situa-se no Norte de Portugal, na vertente ocidental da Serra do Marão, a uma altitude de aproximadamente 350 metros e é banhada pelo rio Ovelha. Para além de Amarante, Aboadela dista de 26 quilómetros do centro de Vila Real e de 65 do centro do Porto, tendo como principal acesso a IP4, que durante anos era o itinerário principal para a travessia do Marão, em conjunto com a EN15 que também faz essa travessia, mas que perdeu uso com o aparecimento destas novas e mais rápidas redes viárias.

A agricultura, pesca e pastorícias foram durante anos os sectores económicos mais predominantes para o sustento dos seus habitantes. Com o tempo estes sectores têm perdido força sendo a sua prática cada vez menos visível. A pesca essencialmente já não é exercida em Aboadela e a pastorícia cada vez em menor escala, mas a agricultura, apesar de se notar grande abandono, é dos sectores que ainda prevalece e que em muitos dos casos é um factor essencial no autoconsumo dos próprios habitantes. Aqui, a construção civil já teve seu apogeu, principalmente com a chegada dos emigrantes, que procuravam na aldeia um lugar para as suas famílias. Actualmente parte dos construtores de pequenas equipas foram forçados a emigrar à procura de melhores empregos, mantendo-se equipas já consolidadas e com melhores condições de trabalho. Para além destes é também visível alguns pequenos comércios, como cafés e mercearias.

Num estudo demográfico sobre a Aboadela, no primeiro vinténio do século XIX, António Barros Cardoso fala de «uma sociedade profundamente rural cuja vida [era] ditada pelo pulsar da natureza.»¹⁸

¹⁷ *Ponte de Fundo de Rua: Amarante*. In *Rota do Românico* [em linha]. 2014. (consultado a 06 de Maio de 2021). Disponível em < <https://www.rotadoromano.com/pt/monumentos/ponte-de-fundo-de-rua/> >. p.79.

¹⁸ *Ibid.*, p.79

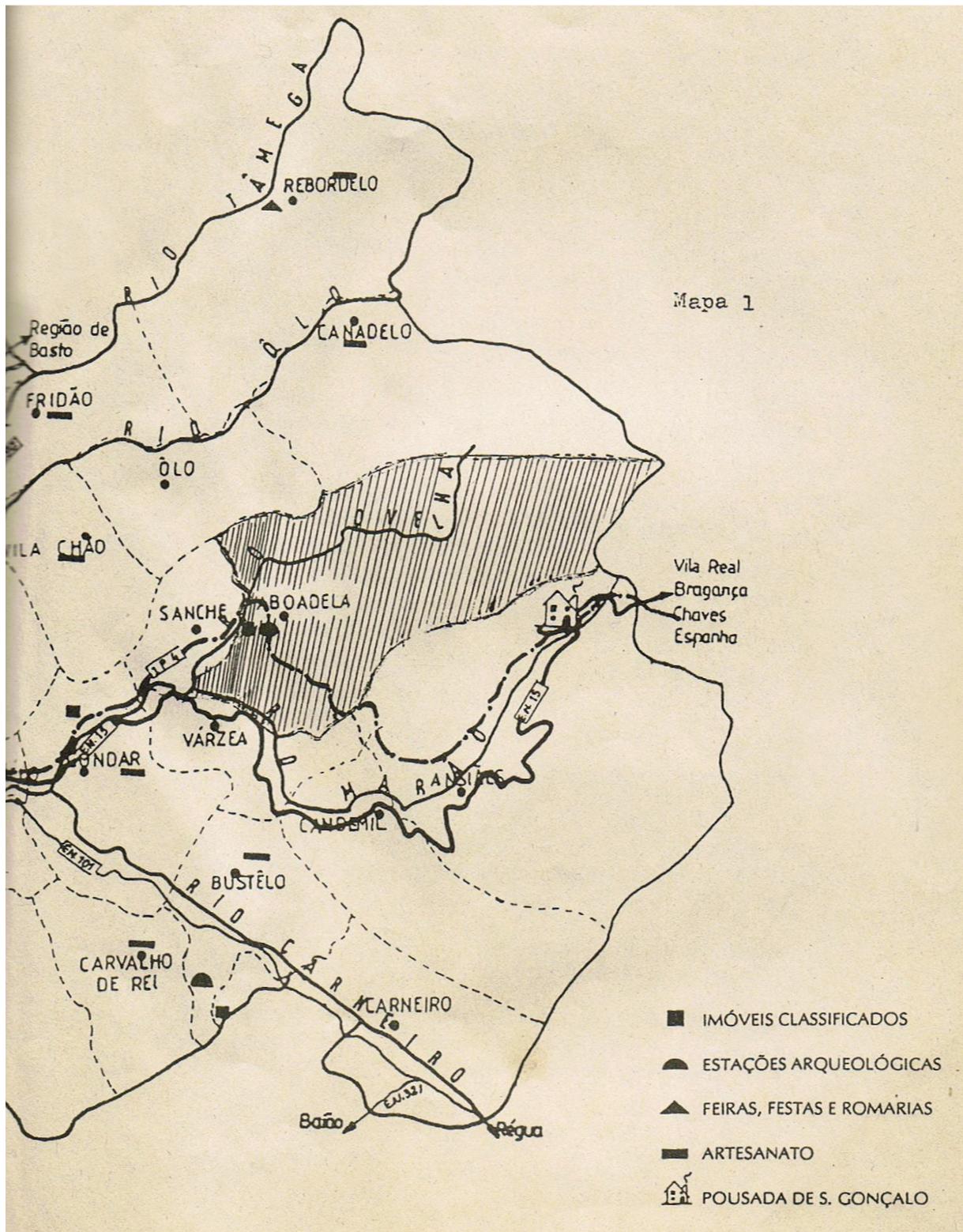


Fig.07 Mapa de Aboadela

ABOADELA

*A povoação que hoje se designa por ABOADELA pode orgulhar-se de ter uma longa e interessante História, podendo assegurar-se que existe, pelo menos, desde os primórdios da nacionalidade.*¹⁹

Considera-se que a fundação da aldeia se tenha devido, principalmente, pela presença do Rio Ovelha, rico em peixe, e dos terrenos férteis da ribeira, ideais para o cultivo. Para além disto, “*sabe-se que por Aboadela passava uma via romana (...) que foi fundamental para a circulação das legiões romanas no seu transito entre o litoral e o interior transmontano e da Península interior*”²⁰, sendo actualmente reconhecidas as ruínas da estalagem, perto da capela de S. Bento, e de edifícios próprios para resguardo dos cavalos.

A primeira evidência de vida humana na Serra do Marão remete para a Pré-História, da presença de “*povos nómadas que obtinham alimento na abundante caça, nos frutos silvestres e no mel*”²¹, referente à descoberta de um monumento funerários pré-histórico, primeira vez registado em 1527 por João de Barros^a.

Relativamente à aldeia, os primeiros registos datam de 1196, num foral concedido por D. Sancho I a *Santa Maria de Bobadella*, nome pela qual era conhecida no sec.XII. Para além das suas alterações toponímicas, também sofreu várias nos seus limites geográficos e políticos como é exemplo, *Honra de Ovelha do Marão* que incluía terras como Aboadela e Canadelo.

Ovelha do Marão, foi uma das dez Beatrias do reino, desde meados do sec.XV até 1550, “*espécie de senhorio em que os vassallos elegiam por senhor a pessoa do seu agrado*”²². Como consequência desta influência administrativa, Aboadela ou Ovelha do Marão, possuía “*sufficiente caza de câmara, perto da ponte, por onde se passa o dito rio, dentro do lugar, com sua cadea e pelourinho*”^b²³. Também neste território se encontrava um juiz, um ordinário, um vereador, um procurador, entre outros honrosos funcionários e onde “*vários senhores feudais, a igreja e os mosteiros, tinham aqui as suas propriedades, sendo o maior proprietário o Mosteiro do Pombeiro*”²⁴.

Também com peso histórico, foi a passagem das tropas francesas em 1809, que pilhavam e destruíam tudo que cruzavam, conquistando Amarante a 3 de Maio. Dias após, a 9 de Maio, uma violenta batalha foi travada em Aboadela, provando-se importante na defesa portuguesa, onde foi reforçada a artilharia e se registou a derrota e o enfraquecimento do exército francês.

¹⁹ MENDES, José G. *Apointamentos para a História de Aboadela (Ovelha do Marão)*. 1997. p.5

²⁰ Id., 2010. p.5

²¹ Ibid., p.5

²² *Ponte de Fundo de Rua: Amarante*. In *Rota do Românico* [em linha]. 2014. p.77

²³ MOREIRA, Miguel - *Pelourinho e o cruzeiro de Aboadela* [em linha]. 2020. (consultado a 06 de Maio de 2021). disponível em < <https://memgundar.blogspot.com/search/label/Aboadela> >

²⁴ MENDES, José G. *op. cit.*, 2010. p.7

²⁵ Id., 2010. p.5

²⁶ MOREIRA, Miguel - *op. cit.* [em linha]. 2020.

a “Outro modo de sepulturas há na serra do Marão, que são grandes montes de pedras meudas, e há fama que jazem ali grandes ladroens, que naquela serra andavam, antre os quaes era hu muito famoso, que se chamava Guiari”²⁵

b “O pelourinho de Ovelha do Marão levanta-se num pequeno largo da freguesia, junto à ponte, sobre plataforma de cinco degraus quadrangulares. A coluna é composta por grossa base circular e fuste cilíndrico e liso. Este é rematado por capitel constituído por uma peça tronco-cilíndrica, encimada por ábaco em tabuleiro, formado por três molduras quadradas crescentes. No topo assenta uma pirâmide de secção quadrangular.”²⁶

Fig.08 Pelourinho



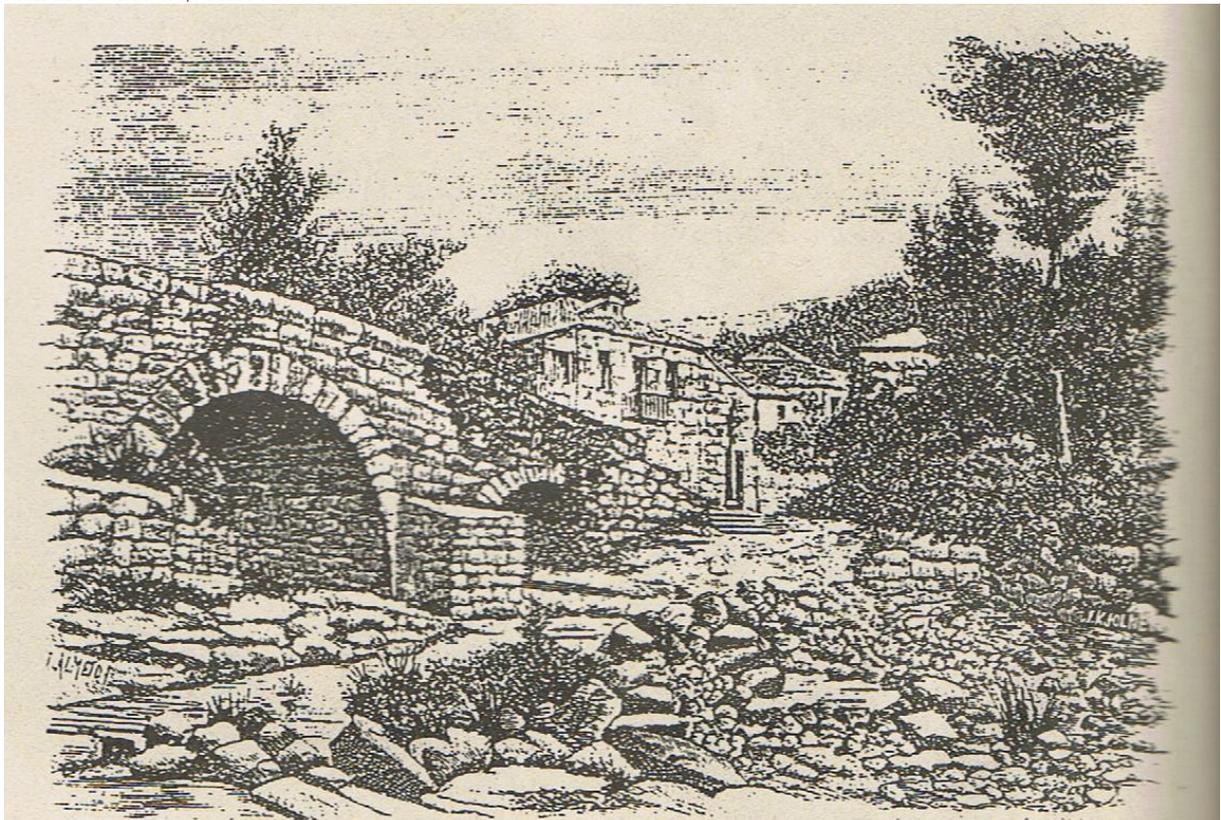
Fig.09 Argolas para prender os cavalos, Rua



Fig.10 Localização de Ovelha do Marão (Aboadela), 1561



Fig.11 Imagem/Desenho antigo da Ponte de Fundo de Rua, Aboadela



ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

1196 - D. Sancho I atribui o primeiro foral a Ovelha do Marão

1220 - Nas Inquirições de D. Afonso II, referem Sancta Maria de Abobadela no julgado de Gouveia-Gestaço

1258 - Nas inquirições de D. Afonso III, referem a povoação de Curugeyras e Ovelha do Marão

1269 - *“é referida a Igreja Paroquial de Santa Maria de Abovadelas”*²⁷

1288 - Nas Inquirições de D. Dinis é referido a povoação de Canadelo e Ovelha do Marão

1299 - *“é novamente referido o padroado de Santa Maria de Bovadela”*²⁸

1348 - *“são referidas as herdades de Gil Martins possuía em Canadelo, Covelo, Sá, Ovelha e outras mais, situadas na freguesia de Santa Maria de Abovadelas, sita no julgado de Gestaço”*²⁹

1444 - *“o lugar da Sá foi palco de uma importante reunião onde foi escolhido o senhorio desta honra”*³⁰

1491 - *“uma carta confirma D. Jayme, Duque de Bragança, como Senhor da Honra de Ovelha”*³¹

1514 - *“D. Manuel concede novo foral a Ovelha do Marão”*³²

1527 - (vestígios fúnebres pré-históricos) *“Foi João Barros quem primeiro referenciou estes monumentos”*³³

1530 - Primeiro censos da população por ordem de D. João III

1550 - D. João III acabou com as beetrias e uniu-as à Coroa^a

1568 - *“é novamente referida Santa Maria de Bovadela a propósito das rendas do Mosteiro de Pombeiros”*³⁴

1611 - A Ponte sobre o rio Ovelha foi construída por mão do mestre João Lopes de Guimarães e por ordem de Filipe II^b

^a “Com destaque na sua evolução política, refira-se que Ovelha do Marão, desde meados do século XV e até 1550, foi “Beetria”, uma das poucas (dez) do Reino. As Beetrias concediam às populações estatutos especiais, nomeadamente a liberdade de poder escolher e mudar de “senhor”, sempre que assim o desejassem. O mesmo não acontecia com os coutos ou as honras. Em 1550, D. João III extingue esta forma de administração local, a beetria, e Ovelha do Marão converte-se numa “Honra”, associada ao conceito de concelho.”³⁵

^b “Cremos que se enquadra nesta esfera de competências e sensibilidades a obra da Ponte de Fundo de Rua, sobre o rio Ovelha. Embora designada por Ponte românica, esta travessia apenas pode considerar-se herdeira dos modelos medievais que os construtores podiam ter ido buscar, por exemplo na de Canaveses, salvaguardada a devida distância e a diferença entre os cursos de água e respeitantes caudais a vencer. Efectivamente, o pequeno rio Ovelha não exigia a complexidade técnica e a monumentalidade da desaparecida passagem sobre o Tâmega. (...) Temos, assim, um exemplar de passagem pétrea, sustida por quatro arcos de volta perfeita com dimensões desiguais, sobre os quais corre um tabuleiro ligeiramente levantado acima do arco maior. Os pilares são protegidos a montante por talha-mares aguçados e a jusante por contrafortes”³⁶

²⁷ MENDES, José G. *Apontamentos para a História de Aboadela (Ovelha do Marão)*. 1997. p.6

²⁸ *Ibid.*, p.6

²⁹ *Ibid.*, p.6

³⁰ MUNICÍPIO DE LOUSADA. *Oppidum - Revista de Arqueologia, História e Património* [em linha]. 2018. (consultado a 06 de Maio de 2021) disponível em < https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/19281/1/Oppidum%20-%20Via_do_Marao.pdf >. p.44

³¹ MENDES, José G. op. cit., 1997. p.8

³² MOREIRA, Miguel - *Pelourinho e o cruzeiro de Aboadela* [em linha]. 2020. (consultado a 06 de Maio de 2021). disponível em < <https://memgundar.blogspot.com/search/label/Aboadela> >

³³ MENDES, José G. op. cit., 2010. p.5

³⁴ *Id.* 1997. p.6

³⁵ MOREIRA, Miguel - *Portal da Câmara de Ovelha do Marão* [em linha]. 2020. (consultado a 06 de Maio de 2021). disponível em < <https://memgundar.blogspot.com/search/label/Aboadela> >

³⁶ *Ponte de Fundo de Rua: Amarante*. In *Rota do Românico* [em linha]. 2014. p.75

Fig.12 Ponte de Fundo de Rua



c "As tropas francesas do general Soult tomaram Amarante a 3 de Maio de 1809. A ponte de São Gonçalo, em Amarante, foi palco do episódio na heroica defesa portuguesa contra as tropas napoleónicas. As tropas de Soult também passaram por Aboadela, no concelho de Ovelha do Marão, tendo ocorrido ali uma violenta batalha, isto a 9 de Maio de 1809. Aboadela foi, deste modo, um local estratégico para o lado português. Na aldeia foi reforçada a artilharia portuguesa, e foi oferecido apoio logístico. As tropas francesas, em sua chegada a Aboadela, e à semelhança do que faziam noutros lugares por onde passavam, serviam-se à força da população, promovendo pilhagem e destruição. Registe-se, por fim, a derrota das tropas francesas contra três corpos de cavalaria portuguesa, o que marcou significativo enfraquecimento para o lado francês" ⁴⁴

Fig.13 Inscricção "1630 RMO" na base do cruzeiro



Fig.14 Capela de Nossa Senhora da Conceição



Fig.15 Noticias sobre o incendio de 15 de Setembro de 1985



1630 - "A data de 1630 associada à Ponte de Aboadela, ou Ovelha do Marão, epigrafada na base do cruzeiro construído à entrada da Ponte, na margem esquerda, parece indicar reconstrução ou, pelo menos, edificação de raiz em local de travessia anterior, provavelmente a vau." ³⁷

1638 - Capela de Nossa Senhora da Conceição foi fundada por Baltazar Gonçalves Ramalho e por sua mulher Ana André e nela foram supultados

1706 - "Ovelha do Marão pertencia à Comarca de Guimarães." ³⁸
 "era honra d'El Rei com juiz ordinário. Tinha Câmara e uma companhia de ordenanças debaixo do comando do Capitão-Mor de Gestaço" ³⁹

1756 - D. Luís António de Sousa, IV morgado de Mateus, primeiro Senhor da Honra de Ovelha do Marão, a 18 de Junho

1758 - (Ponte da Tornada) "é referida nas Memórias Paroquiais" ⁴⁰

1762 - "Ovelha do Marão aparece sempre referida nos roteiros terrestres: no de Lamego para Braga; no de Lisboa para Vila Real; no de Vila Real para Amarante, Guimarães e Braga." ⁴¹

1770 - Ovelha do Marão tinha estatuto de Concelho

1798 - "Pina Manique mandou fazer novo recenseamento o que deu para Ovelha do Marão como tendo as freguesias de Santa Maria de Aboadela com 64 fogos e São Pedro de Canadelo com 32." ⁴²

1809 - Passagem do exército napoleónico liderado pelo Marechal Soult por Aboadela^c

1836 - Concelho de Ovelha do Marão foi extinto pelo Decreto de 06/11

1857 - "Aboadela do Marão era Distrito de Paz, com juiz de Paz e Livro de Conciliações." ⁴³

1985 - Grande incêndio a 15 de Setembro destrói cerca de 3000ha de floresta e mato

2013 - Aboadela agregou-se a Sanche e Várzea

³⁷ Ponte de Fundo de Rua: Amarante. In *Rota do Românico* [em linha]. 2014. p.75

³⁸ MENDES, José G. op. cit., 1997. p.14

³⁹ Ibid. p.6

⁴⁰ Id. 2010. p.8

⁴¹ Id. 1997. p.7

⁴² Ibid. p.11

⁴³ Ibid. p.14

⁴⁴ SANTOS, Gilson. *Aboadela e a Antiga Via do Marão* [em linha]. 2020 (consultado a 06 de Maio de 2021) disponível em < <https://institutopoimenica.com/2020/03/21/aboadela-e-a-antiga-via-do-marao/> >

AS VIAS ROMANAS EM AMARANTE

O *Caminho do Marão* era, durante anos, conhecido como uma travessia dura e perigosa para quem pretendia deslocar-se entre o Litoral e o Interior da região Norte de Portugal, como nos relata Camilo Castelo Branco numa das suas obras: “*Há poucos anos que eu jornadeava de Vila Real para o Porto, e cheguei, quebrado de corpo e alma, a uma póvoa escondida nos fraguados do Marão, chamada Ovelhinha*”.⁴⁵ Este caminho recebeu muitas transformações com o passar dos anos e muito influenciado pela evolução dos meios de transportes, mas sempre era referido como a Via que atravessava o Marão. Uma viagem muito perigosa e tortuosa, “*mais áspera da província e talvez do Reino*”.⁴⁶

No concelho de Amarante, para além de atravessar o Marão ser uma tarefa difícil, as vias que passavam pela cidade implicavam indiscutivelmente a travessia do Rio Tâmega. Até ao momento não há indícios de que tenha existido uma ponte da época romana perto do actual centro de Amarante, mas há documentos que “*indicam que houve uma ponte de origem romana sobre o rio Tâmega, nas proximidades de Vila Chã do Marão*”,⁴⁷ no povoado do Ladário de Gatão, mais a Norte no concelho. Esta suposta ponte permitia atravessar o Tâmega sobre um caudal reduzido dando ênfase a “*uma política já praticada pelos romanos: de que o melhor seria evitar os caudais mais volumosos, a transpô-los*”.⁴⁸

Durante a idade média, a construção da Ponte de São Gonçalo, no sec. XIII, abriu portas para novas vias e maiores facilidades na travessia sobre o Tâmega. Supõe-se que a criação da Ponte e a consecutiva nova Via Medieval, tenha levado ao desuso ou a menos travessias pela Via Romana. Esta, cruzava o centro de Amarante, atravessando o rio Tâmega pela Ponte de São Gonçalo, seguindo por Gatiães (Lufrei), “*Depois do Marancinho, a via seguiria por Roçadas, Sanche e Aboadela, onde atravessaria o rio Ovelha, possivelmente no lugar de Rua, e subia o Marão em direcção à Campeã*”.⁴⁹ Esta era conhecida como a Estrada Real ou a Estrada Velha, “*por onde passava o rei*”,⁵⁰ que até há poucos anos era utilizada pelos habitantes da aldeia que queriam deslocar-se entre Amarante e Vila-Real. A veracidade da localização desta via medieval é posta em causa num Colóquio sobre a *Viação Romana na Serra do Marão*,⁵¹ referindo que devido aos fortes declives que a ascensão pela Serra apresenta, possa ser um forte indicador de que o percurso não seja este.

⁴⁵ BRANCO, Camilo C., *Vinte Horas de Liteira*. 2016. p.12

⁴⁶ MUNICÍPIO DE LOUSADA. op. cit. [em linha]. 2018. (consultado a 06 de Maio de 2021) disponível em < https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/19281/1/Oppidum%20-%20Via_do_Marao.pdf >. p.40

⁴⁷ Ibid., p.43

⁴⁸ *Ponte de Fundo de Rua: Amarante*. In *Rota do Românico* [em linha]. 2014. p.75

⁴⁹ MUNICÍPIO DE LOUSADA. op. cit. [em linha]. 2018. p.43

⁵⁰ Entrevista n°1

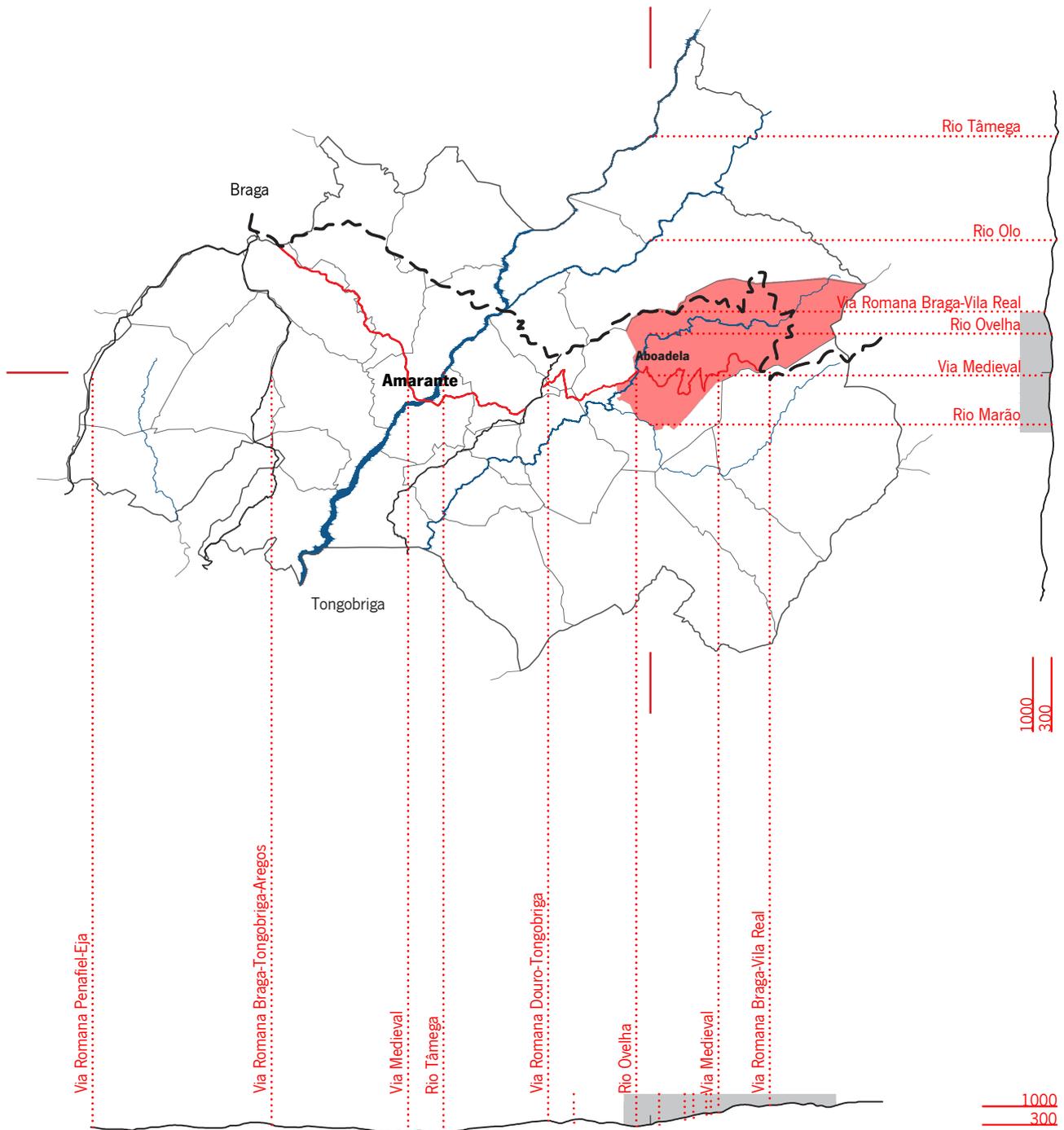
⁵¹ *Colóquio Viário do Marão*. [registo de vídeo]. 2020. Vídeo na plataforma Youtube. (Consultado a 19/05/2021) disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=aVntayn6wpU&t=9209s> >

Fig.16 Esquema das Vias Romanas e Medievais em Amarante

— Suposição da Via medieval
Amarante - Vila Real



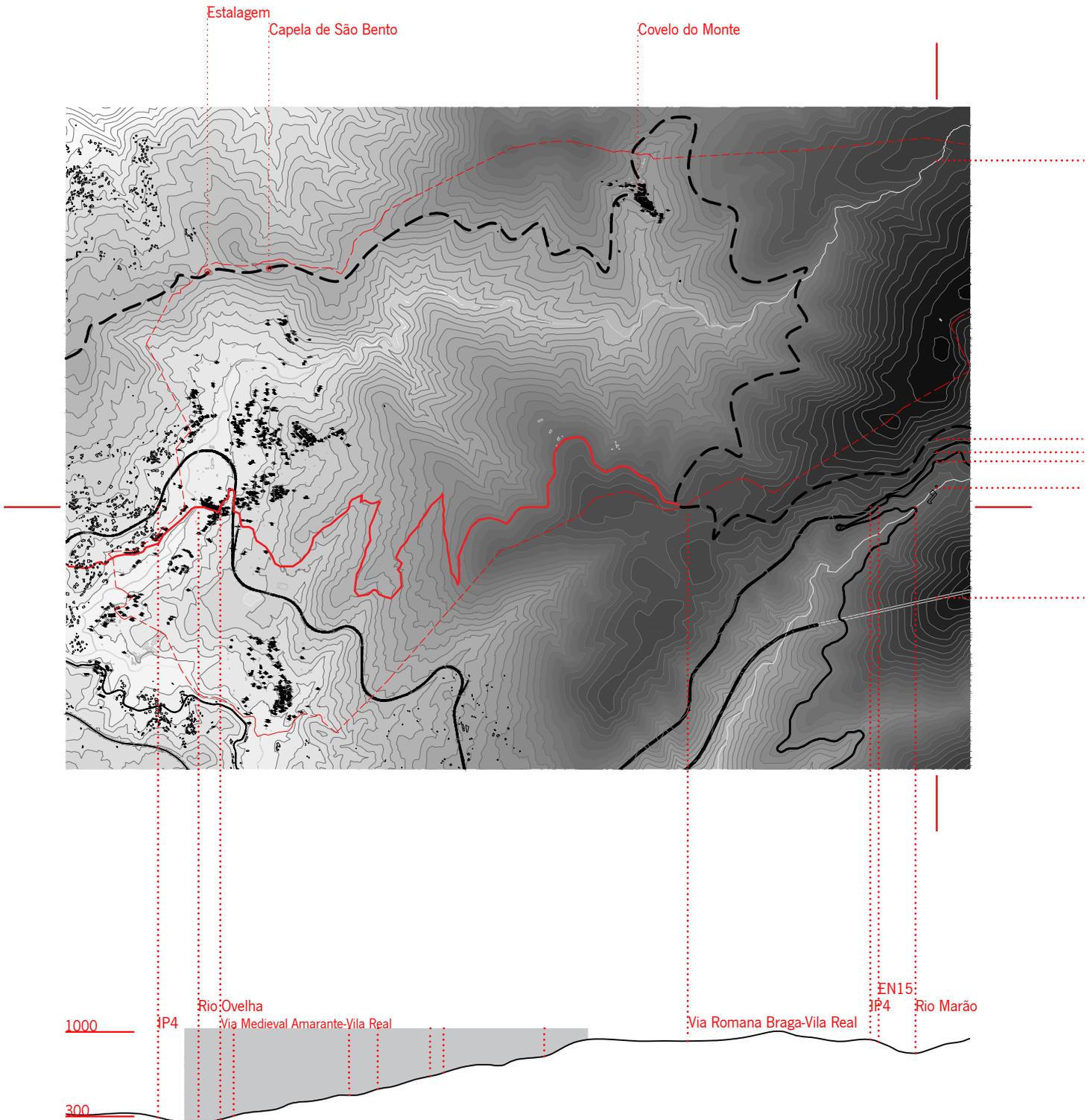
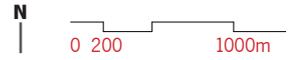
0 1 5km



ATRAVessar O MARÃO

Fig.17 Esquema das Vias Romanas e Medievais em Aboadela

- Suposição da Via medieval Amarante - Vila Real
- - - Delimitação de Aboadela



Neste percurso que atravessa o Marão, focámos a nossa análise no trajecto entre Aboadela e a Campeã, já que era a parte mais acidentada da viagem, tendo a via de vencer um desnível de cerca de 800 metros para transpor a Serra.

A Via Romana, “foi até ao meio deste século^a a estrada principal e mais seguida do Porto e do Minho para Trás-os-Montes”;⁵² sendo possivelmente substituída pela Via Medieval. Em Aboadela, o percurso seguia “pelo lugar da Estalagem, pelo santuário de São Bento e depois por Covelo do Monte e continuava a subir gradualmente a encosta norte do Alto do Gavião, com declives suaves, até à proximidade da Lameira”;⁵³ com a finalidade de ligar Amarante a Vila Real.

Contrariamente à Via Romana, o percurso Medieval apresentava fortes declives, implicando uma subida agressiva da Serra, mas, em contrapartida, era a suposta alternativa mais directa na travessia do Marão. Esta, depois de cruzar o rio Tâmega pela ponte de S. Gonçalo, chegava a Aboadela pela *Estrada Real*, atravessava a ponte de Fundo de Rua sobre o rio Ovelha e subia arduamente a Serra.

*Supomos, assim, que na subida a partir de Ovelha do Marão as diligências, normalmente atreladas a cavalos, tinham de ser puxadas por uma ou duas juntas de bois, que demoradamente as levavam até à Campeã. Em sentido contrário, na descida para Ovelha, estes veículos atingiam facilmente velocidades vertiginosas, que podiam ter por consequência o despenho pela serra abaixo.*⁵⁴

Da análise da figura 17, percebe-se o ziguezaguear de ambos os percursos, que procuram a forma menos brusca de atravessar a serra por vezes contornando a montanha através “das aberturas naturais proporcionadas pelos vales dos ribeiros que sulcam os seus flancos”⁵⁵ como também com percursos mais longos, mas ao mesmo tempo mais suaves. Do mesmo modo verifica-se que, enquanto a Via Romana contorna o vale onde se encontra Aboadela e o pico mais alto do Marão, criando um percurso mais longo, a Via Medieval, atravessa a aldeia e consecutivamente o Marão, encontrando a Via Romana perto da zona da Lameira.

*Estas condicionantes naturais estão ainda hoje bem patentes nos traçados das actuais estradas EN15, IP4 e A4, embora esta última não suba ao Alto de Espinho, mas passe por baixo da Gaiva através de um túnel.*⁵⁶

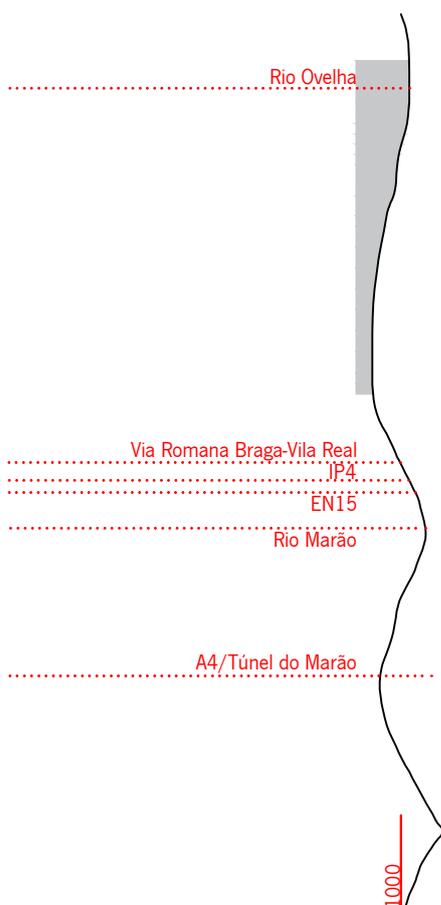
⁵² MUNICÍPIO DE LOUSADA. op. cit. [em linha]. 2018. p.54

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid.

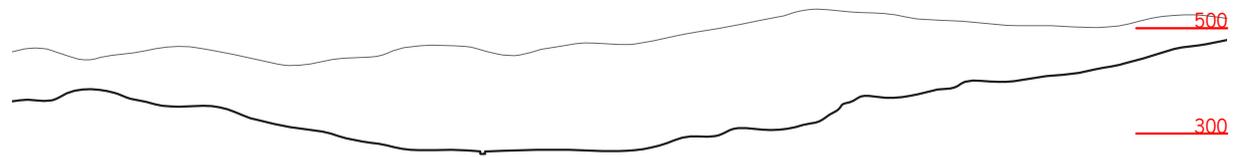
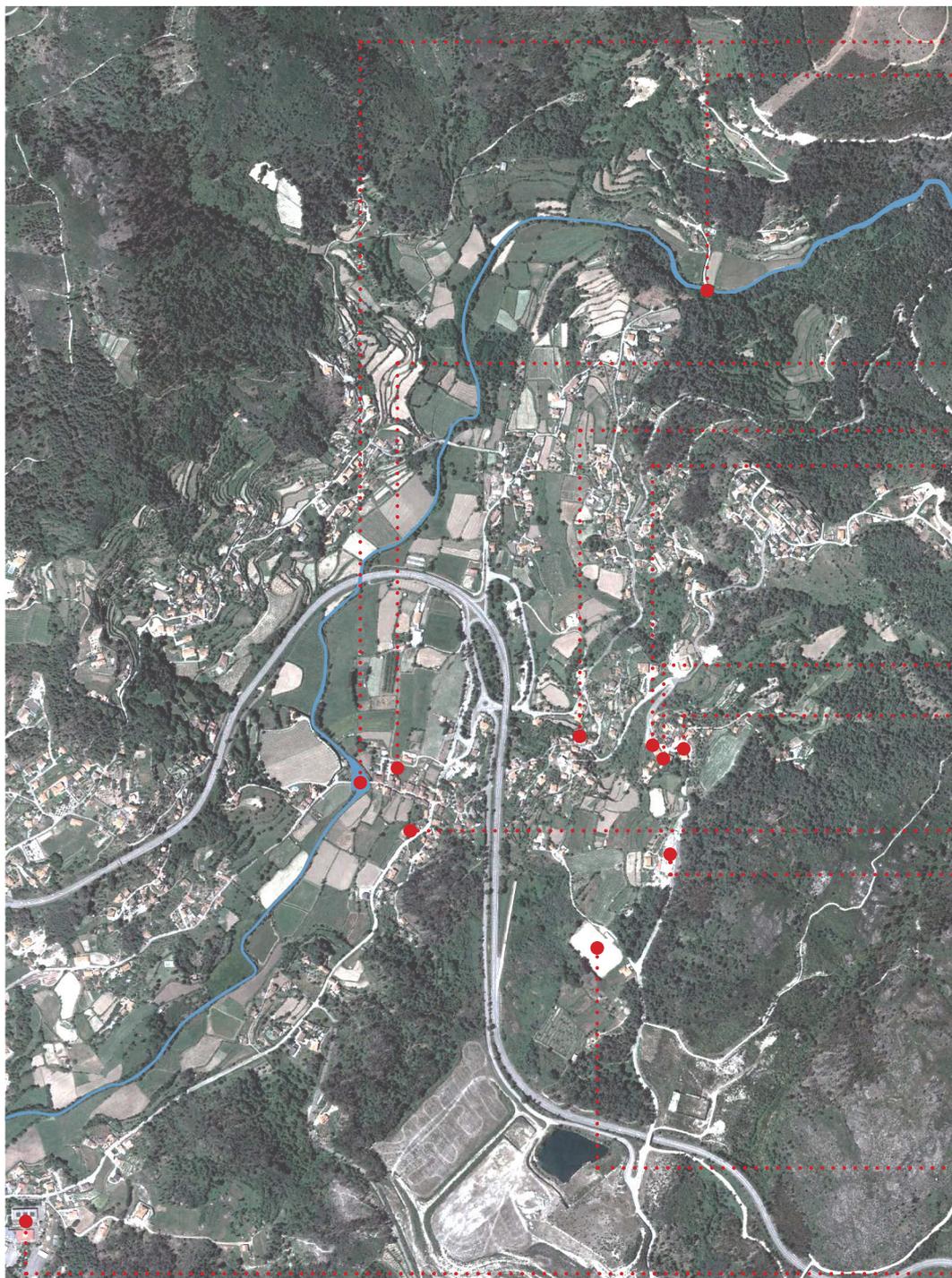
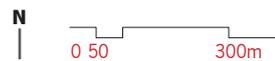
⁵⁵ Ibid., p.41

⁵⁶ Ibid.



AS INFRA-ESTRUTURAS NA ALDEIA

Fig.18 Ortofotomapa e principais Infra-estruturas, Aboadela, Amaran-te, 2020





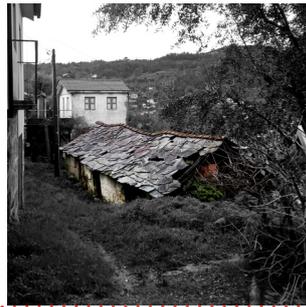
Ponte de Fundo de Rua



Ponte da Tornada



Junta de Freguesia



Caso de Estudo



Salão Paroquial



Casa Mortuária

Igreja



Infantário

Cemitério



Campo de Futebol

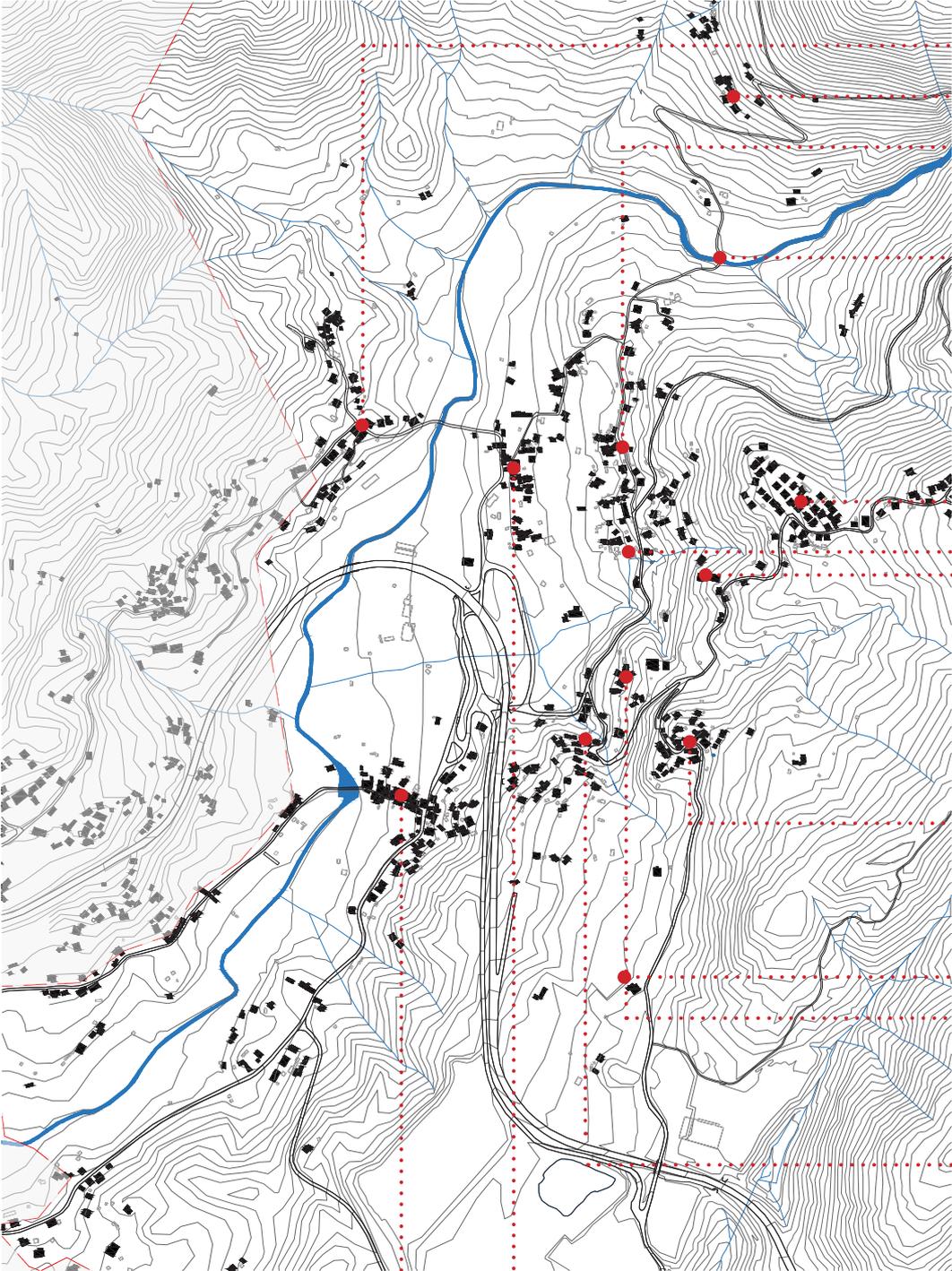
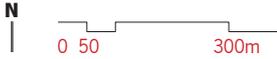


Escola do Marão



OS LUGARES DA ALDEIA

Fig.19 Planta Topográfica e principais Lugares, Aboadela, Amarante, 2020





Seara

Carregal

Eira



Sã



Penouços

Tornada

Corujeiras



Igreja



Póvoa

Feiteira



Barral



Outeiro



Rua

USOS DO SOLO

Neste tópicos analisaremos e iremos mapear os principais usos do solo presentes em Aboadela, com base sobre o Plano Director Municipal que abrange esta zona, uma aldeia maioritariamente rural que procura o sustento na terra e no rio. Assim, são perceptíveis três tipos de usos do solo de características e finalidades distintas, nomeadamente, **agrícola, florestal e construtiva**.

A **área agrícola**, actualmente inserida no PDM como reserva agrícola nacional, presente em Aboadela, representa todo o terreno fértil com capacidades para produção agrícola. Esta área é composta principalmente por campos de cultivo de autoconsumo, pastorícia e também por produções de maior escala. Como é perceptível na figura 20, a área agrícola demarca uma mancha progressiva ao longo do rio Ovelha, em ambas as suas margens. Para além desta, também é visível pequenas “ilhas” fora da proximidade com o rio, terrenos que se encontram a cotas superiores, mas que em contrapartida são banhadas por linhas de água, nomeadamente ribeiros, levadas, minas, poças, tanques, etc.

A **área florestal**, que se encontra inserida no PDM como espaço florestal de conservação, concentra o espaço não destinado à produção agrícola e de construção, e que não possui marcas profundas de explorações e intervenções. Um dos possíveis factores para serem terrenos não incluídos noutra área deve-se pela difícil topografia e acessibilidade, e pela incapacidade dos solos. Assim, esta é composta por bouças de mato e árvores florestais e outros terrenos não produtivos, servindo durante anos como um recurso importante para extracção de lenha, principalmente usada no aquecimento dos lares, assim como mato tanto para fertilização de terrenos de cultivo como para acamar as cortes do gado.

A **área construída** em Aboadela compreende, nomeadamente, todas as construções consolidadas, como edifícios, caminhos, estradas, praças, etc., assim como terrenos destinados para construção ou que não se enquadrem nas duas áreas anteriores. Destes terrenos, destaca-se uma propriedade na parte Sul de Aboadela que abrange uma área de extracção de pedra, inactiva, mas que em tempos foi utilizada para a edificação da IP4.



Fig.20 Área Agrícola

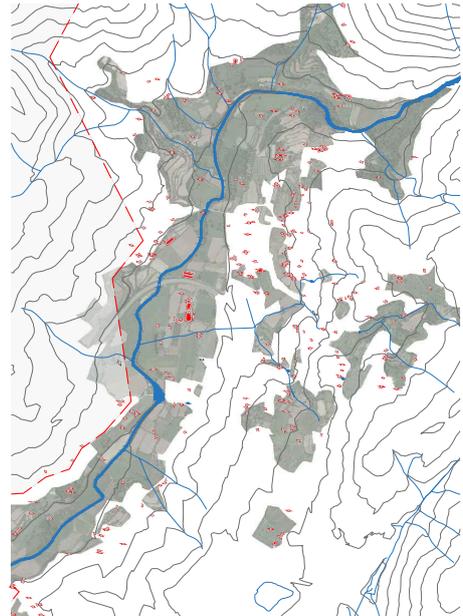


Fig.21 Área Florestal

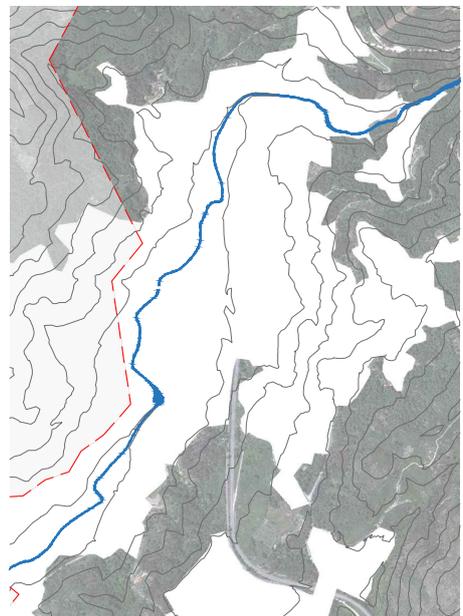
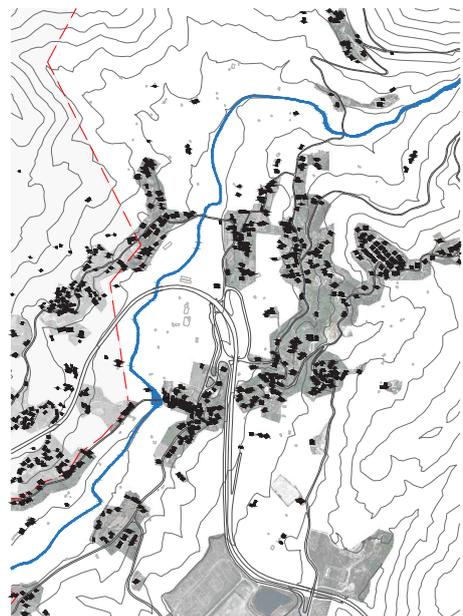


Fig.22 Área Construída



USOS DA ÁGUA - RIO

*Desce a encosta no meio de uma paisagem deslumbrante indo fertilizar o vale que abaixo o espera com os seus campos verdejantes. (...) É um veio precioso de água que dá vida à terra e aos homens.*⁵⁷

^a No sentido Norte-Sul

Na análise presente na figura 23, compreende-se o vínculo que a aldeia de Aboadela tem com o rio Ovelha. Desta forte relação, que vem desde a fundação da aldeia, destacam-se, o auxílio na produção agrícola, na fertilização e rega dos terrenos, no uso dos moinhos e azenhas, e também para lazer, nomeadamente, para pesca desportiva e banhos no Verão. A presença do rio indicia desde logo também a existência de peixe, que se acredita que tenha sido outrora uma fonte de sustento para os habitantes da aldeia.

Durante os últimos anos, devido à crescente globalização e desenvolvimento nos sectores primários, o rio Ovelha tem perdido alguma da sua importância e os habitantes deixaram de depender exclusivamente dele. Um dos exemplos mais evidentes é o uso de moinhos e azenhas. A sua maioria, se não todos, estão inutilizados, muitos em ruínas e os que ainda se encontram em condições deram lugar a palheiros e arrumos. Da mesma forma, a produção agrícola tem perdido a sua força, deixando de ser a economia central para a aldeia, levando terrenos e “sistemas” ligados com o rio, ao abandono, enquanto outros terrenos são agrupados e utilizados para grandes produções, afastando-se do que antes eram utilizados como terrenos para produção de autoconsumo.

Maior parte dos terrenos agrícolas destacam-se na zona Este visto que “*o vale do rio Ovelha apresenta uma assimetria nos declives em suas margens esquerda e direita: a vertente da margem direita apresenta-se mais abrupta do que a vertente da margem esquerda*”^a.⁵⁸ Contudo a longinquidade dos terrenos não implica que não possam usufruir da água do rio, sendo isto possível através de uma rede de levadas ao longo do rio que conduzem a água para terrenos mais remotos. A presença destas levadas é igualmente importante para o uso dos moinhos e azenhas.

Para além de tudo isto, o rio também apresenta as suas condicionantes, sendo que a principal e mais influente é a diferença de caudais que apresenta em várias épocas do ano. Para controlar essa variância, a existência de barragens e açudes são exemplos tecnológicos usados para tentar resolver esses tais problemas e manter uma homogénea capacidade do caudal do rio durante todo o ano.

⁵⁷ CRUZ, Domingos. *Caminhadas pelas Margens do Rio Ovelha*. [em linha]. 2015 (consultado a 05 de Maio de 2021) disponível em < <http://www.bestanca.com/2015/caminhada-pelas-margens-do-rio-ovelha/nggallery/page/3#fotografias> >

⁵⁸ SANTOS, Gilson. *A Porta de Entrada do Marão* [em linha]. 2020 (consultado a 05 de Maio de 2021) disponível em < <https://institutopoimenica.com/2020/03/10/a-porta-de-entrada-do-marao/> >

Fig.23 Análise sobre usos da água



transporta a água do rio para os campos

levada



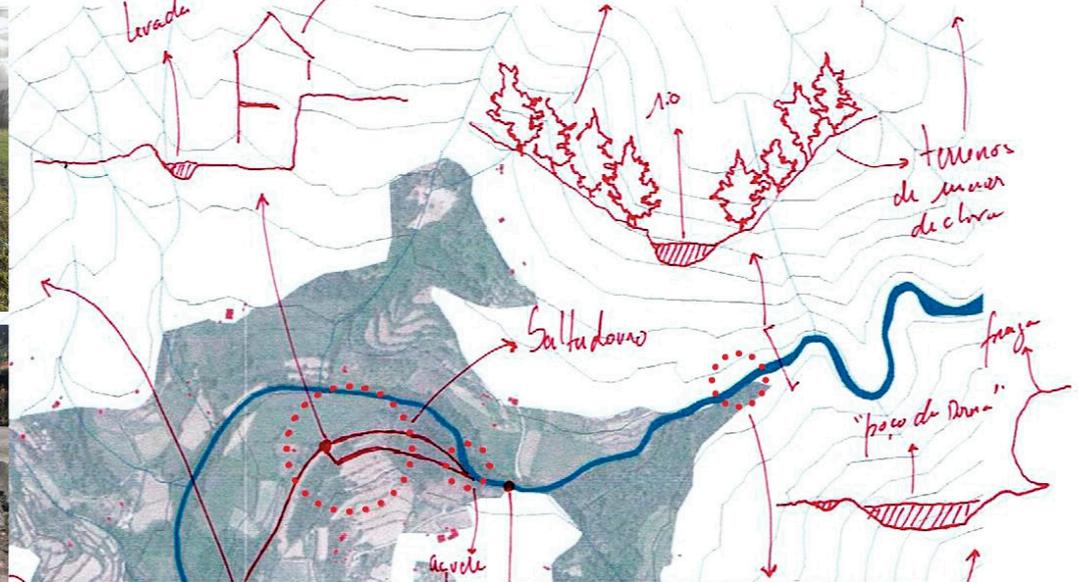
levada

Moinho

terrenos florestais

difíceis para produção agrícola

terrenos de menor declive



levada



terrenos de menor declive

melhor relação com o rio

terrenos para produção agrícola

levada que transporta água do rio para os terrenos adjacentes

leva água para o moinho

levada para regar os campos a esta do rio

possui comportas que permitem controlar o fluxo do rio



"Poco da Dona" muito utilizado para banhos no Verão

terrenos agrícolas irrigados na pequena agricultura do ZPM



Moinho

Ponte de Fundo de Pera sobre o rio Ovelha

USOS DA ÁGUA - FONTES

Em zonas mais afastadas e de cotas elevadas, que não conseguem ter uma relação directa com o rio, recorre-se a diferentes modos de aproveitar e utilizar a água, nomeadamente através de tanques, fontes, poças, minas, ribeiros, nascentes, etc. De entre estes, as fontes são os “equipamentos” que mais se destacam quando se refere à sua importância na vida da aldeia, pois supõe-se que delas tenham dado origem os principais núcleos de habitações presentes em Aboadela, servindo principalmente para o autoconsumo, para a produção agrícola, banhos, lavagem da roupa, entre outras necessidades.

As fontes, havia esta aqui de Barral, a da Igreja, a da Rua e a do Gontão. No Outeiro ia-se às Nogueiras, que era em baixo na terra do doutor, agora já não há lá água nenhuma. Tinha cá em Marta uma que lhe chamam a fonte de Santa Ana, também lá iam à água (...).⁵⁹

Das fontes existentes, destacam-se quatro principais e mais importantes para o desenvolvimento da aldeia e dos núcleos de habitações que se formaram em seu redor, como se pode verificar na análise da figura 24, nomeadamente a fonte de Barral, de Gontão, da Igreja e da Rua.

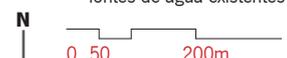
A fonte de Gontão é das quais já pouco uso se lhe dá, tendo ainda alguma utilidade no regadio das hortas. No sentido contrário, as outras três fontes ainda estão em utilidade, tanto para autoconsumo, rega e lavagem da roupa.

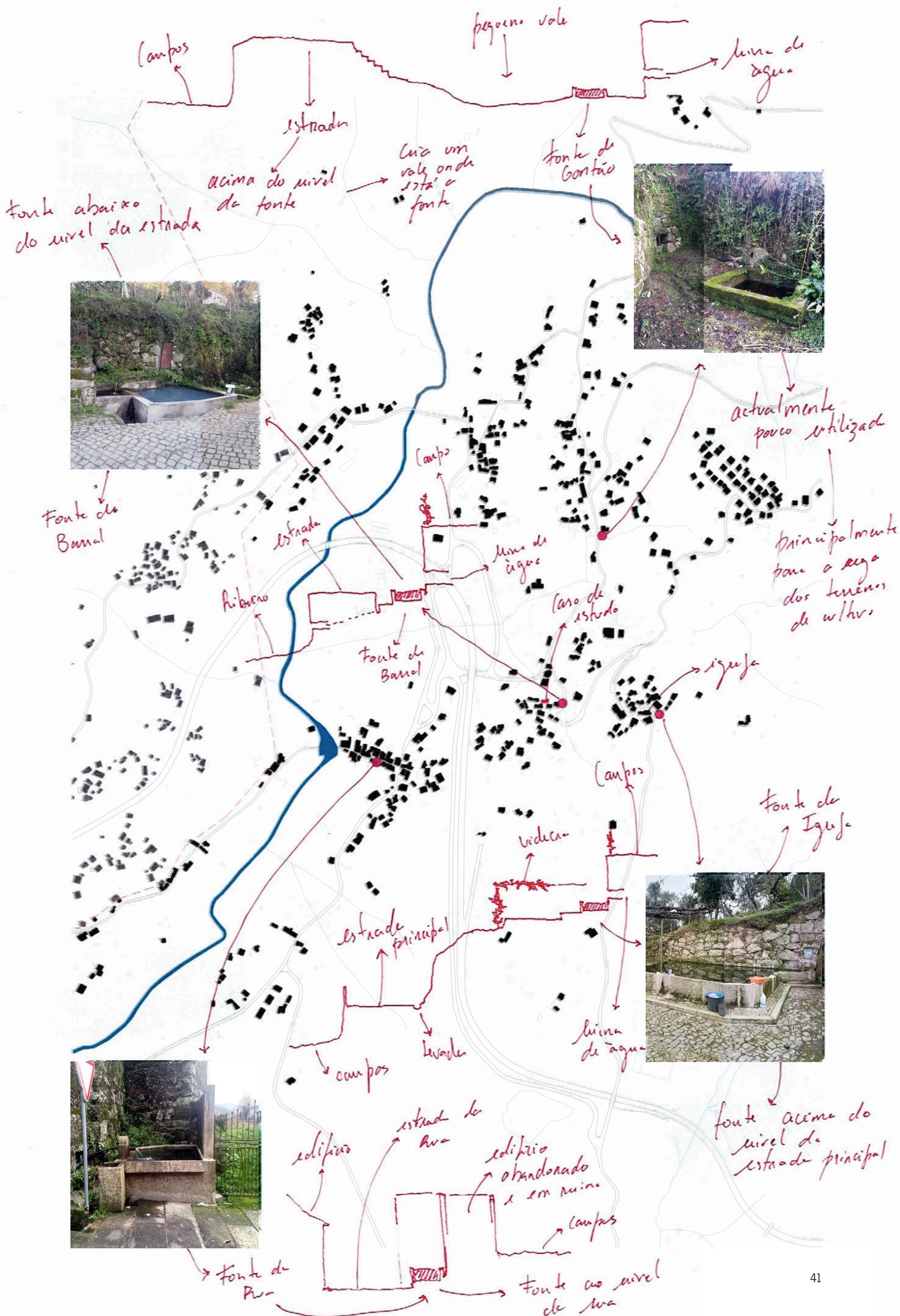
Na mesma análise verificar-se ainda um estudo sobre a relação das fontes com o terreno e com a rua. A fonte de Gontão, actualmente, com a construção da estrada elevada do terreno, insere-se num vale, circunscrito por um muro de campos de cultivo, de uma habitação e da imponente rua de alcatrão. A relação com a fonte de Barral, também foi muito influenciada aquando da reestruturação da rua que lhe dá acesso, sendo esta reconstruída elevada face à anterior, à mesma cota que a fonte, encastrando-a no terreno. A fonte da Igreja aparece num pequeno monte, elevado da rua, esta também reconstruída há não muito tempo, mas que não mostrou ter influência directa com a fonte. A fonte da Rua, apesar de ser uma reconstrução recente, permanece com identidade semelhante à anterior. A rua adjacente, como se encontra num local de habitações em ambas as margens não sofreu muitas alterações, mantendo a mesma relação directa com a fonte.

a “Faziam as casas mais pertinho da água (...).”⁶⁰

⁵⁹ Entrevista n.º1
⁶⁰ Entrevista n.º1

Fig.24 Análise sobre as principais fontes de água existentes





AS ANTIGAS REDES VIÁRIAS

Como se pôde constatar na análise anterior, as ruas têm um grande impacto na relação com as fontes, mas são também uma grande influência na organização e desenvolvimento da aldeia. O surgimento de uma via, pavimentada ou não, construída ou simplesmente trilhada, tem como principal objectivo ligar dois lugares da forma mais conveniente, tendo em conta a envolvente e topografia existente, a distância e a importância que a rua terá, assim como a sua afluência. Durante o passar dos anos as necessidades de locomoção tomaram novas proporções, nomeadamente pelo surgimento de novos meios de transporte e pelas inovadoras capacidades de edificar redes viárias.

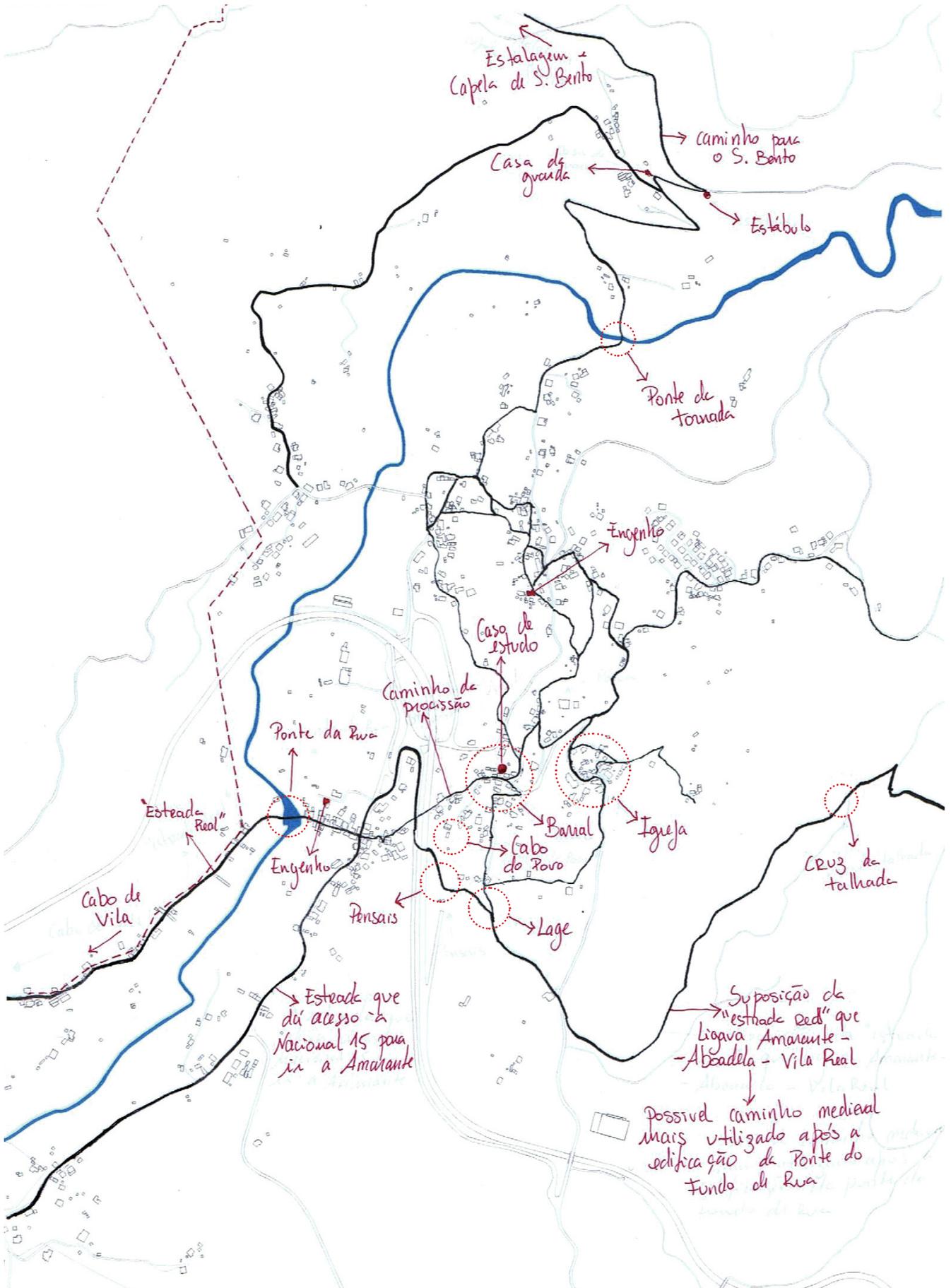
Na figura 25, estão destacadas as principais vias utilizadas em meados do sec.XX na aldeia de Aboadela, mediante recolha de informação junto dos habitantes locais. A maioria das vias representadas (figura 25) correspondem a uma tipologia bastante recorrente, concretamente, vias que obedecem à mínima intervenção da topografia existente. Desta forma, muitas das ruas são diferenciadas pelas capacidade de circulação, sendo maioritariamente divididas em ruas para circulação pedestre e de animais e ruas com características para circulação de carros de bois, por exemplo. Algumas são visíveis actualmente apesar do seu estado de abandono, outras percebe-se marcas da sua existência e uma maior parte só pela palavra dos habitantes é que se conhece.

Aqui, no meu tempo, eram uns caminhos, não havia estradas nenhuma (...). O caminho da procissão da igreja, da festa, ia aqui por Barral adiante até à Calçada (...), ia na mesma à Ponte da Rua dar a volta (...). O caminho para a igreja, lá seguia pela Póvoa (...), e tinha uma 'canelha' por aí acima (...) mas depois aproveitaram e fizeram a estrada (...). Seguia lá outro caminho onde tem a estrada para Penouços, era um caminho onde se ia lá à lenha (...). (...) Pra Sá, o caminho era aqui pela Povoia, passava por cima da casa do Jaime, era um carreiro, era o caminho para ir pra lá a pé. Se fosse o carro do gado era por lá por cima por Guilharim, (...) ou pelo Outeiro (...), não havia caminho de carro para ir directo pra Sá. (...) Agora a pé ia-se num carreiro que ia pelos campos abaixo e descia-se lá em baixo no Gontão (...). Depois a estrada seguia por baixo (...) onde tinha o engenho e era por lá o caminho de Gontão(...).⁶¹

61 Entrevista n°1

Fig.25 Análise sobre as antigas vias existentes





AS ACTUAIS REDES VIÁRIAS

O desenvolvimento das redes viárias em Aboadela foi significativo nas últimas décadas, acompanhando a evolução dos meios de transporte e dos equipamentos e técnicas de construção, com o propósito de facilitar a deslocação na aldeia. Essa necessidade implicou, em vários casos, intervenções bruscas, chegando em certos momentos a arrasar, quase por completo, a morfologia dos terrenos existentes.

Um dos exemplos mais evidentes foi a construção da IP4^a, que apesar de ter possibilitado um acesso mais eficiente e que actualmente é o principal para a aldeia, é também a prova do impacto que o desenvolvimento das novas redes viárias teve em Aboadela, visível desde a sua dimensão como na sua integração e relação com o terreno. Paralelamente à IP4 surgiu uma outra via com um impacto semelhante que foi construída essencialmente para facilitar a deslocação de veículos de grandes dimensões para zonas de construção, como a fabrica e a pedreira, e usada na edificação da IP4. Deste novo núcleo de grandes estradas, emergiram novas vias alcatroadas que facilitaram e criaram novos percursos mais cómodos à deslocação entre lugares.

Para além das estradas alcatroadas, algumas das vias na aldeia são pavimentadas a pedra (figura 27), umas usadas para marcar percursos, como o de acesso à igreja, e outras, por exemplo, para facilitar a implantação de redes de água canalizada. Uma das vias em pedra que mais se destaca é a “Rua de Ovelha e Honra do Marão”, na zona da Rua, que por estar ligada à história de Aboadela, toma-se como princípio de preservação da sua materialidade que durante anos vem a herdar, e que procura a relação de continuidade com a “Ponte de Fundo de Rua”. Este pavimento marca também um velho e famoso percurso que por ali passava, a antiga “Estrada Real”.

Contrariamente a esta, maior parte das vias em pavimento em pedra são reconstruções recentes de vias antigas que possuíam condições pouco favoráveis aos novos meios de locomoção. Maria Alice, na entrevista n°1 refere: *“(...) o caminho era mais estreito (...), e depois quando começaram a trazer os carros (...) deixou alargar um bocadinho”*⁶², indicio das intervenções tanto na morfologia como na topografia a que algumas vias foram sujeitas.

Existem também outros percursos, maioritariamente não pavimentados, que nada ou pouco se alteraram, muito pelo facto do aparecimento das novas vias lhe retirarem importância e uso, e que passaram a ser utilizadas principalmente pelos habitantes mais próximos ou para acesso a zonas agrícolas. Por outro lado, existem também alguns caminhos não pavimentados que sofreram alterações devido à grande escala dos novos equipamentos agrícolas que habitualmente usam essas vias (figura 28).

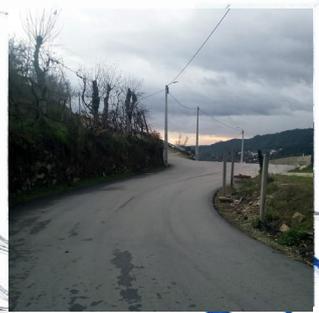
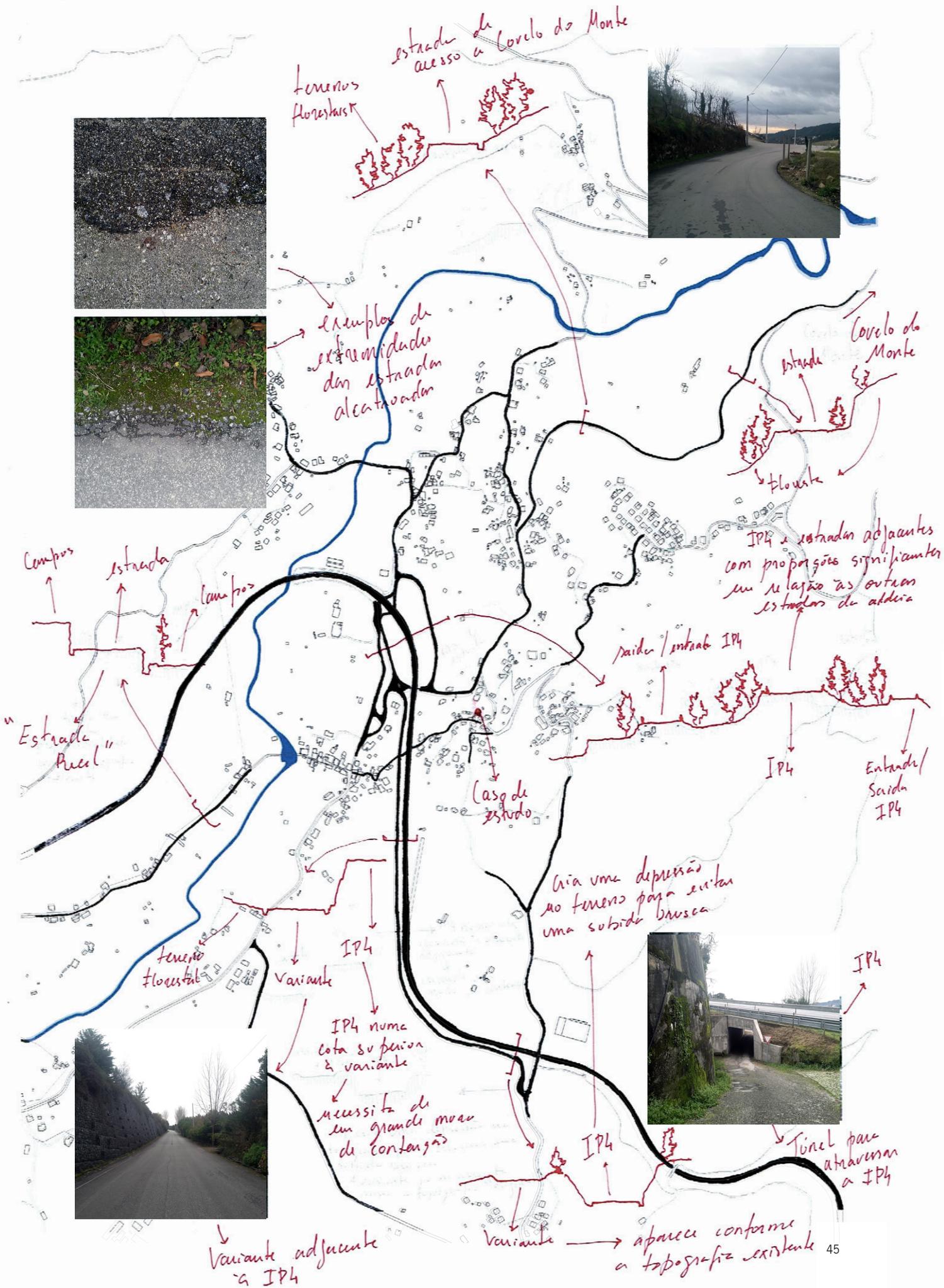
⁶² Entrevista n°1

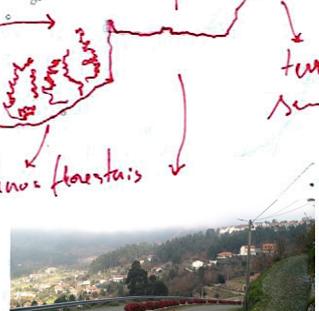
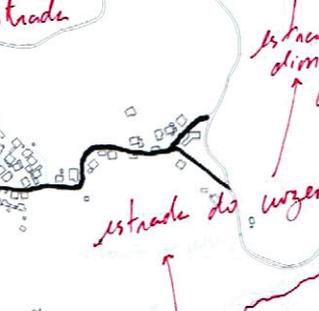
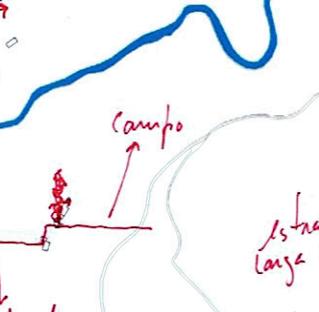
^a Itinerário Principal n°4 - faz a ligação entre Padronelo (Amarante) e Mouços (Vila Real). Inaugurada na década de 80.

Fig.26 Análise sobre as vias pavimentadas em asfalto

Fig.27 Análise sobre as vias pavimentadas em pedra, p.46

Fig.28 Análise sobre as vias não pavimentadas, p.47





estradas com dimensões para circulação em dois sentidos
 ↓
 intervenções para alargamento
 ↳ passagem do paralelo para asfalto

exemplo de extenuidade dos estrados em paralelos

estrada mais longa de aldeia

estrada com dimensões desproporcionais

Mãe de Ovelha e Honra de Matos

estrada dos vizinhos

casas são os limites da rua

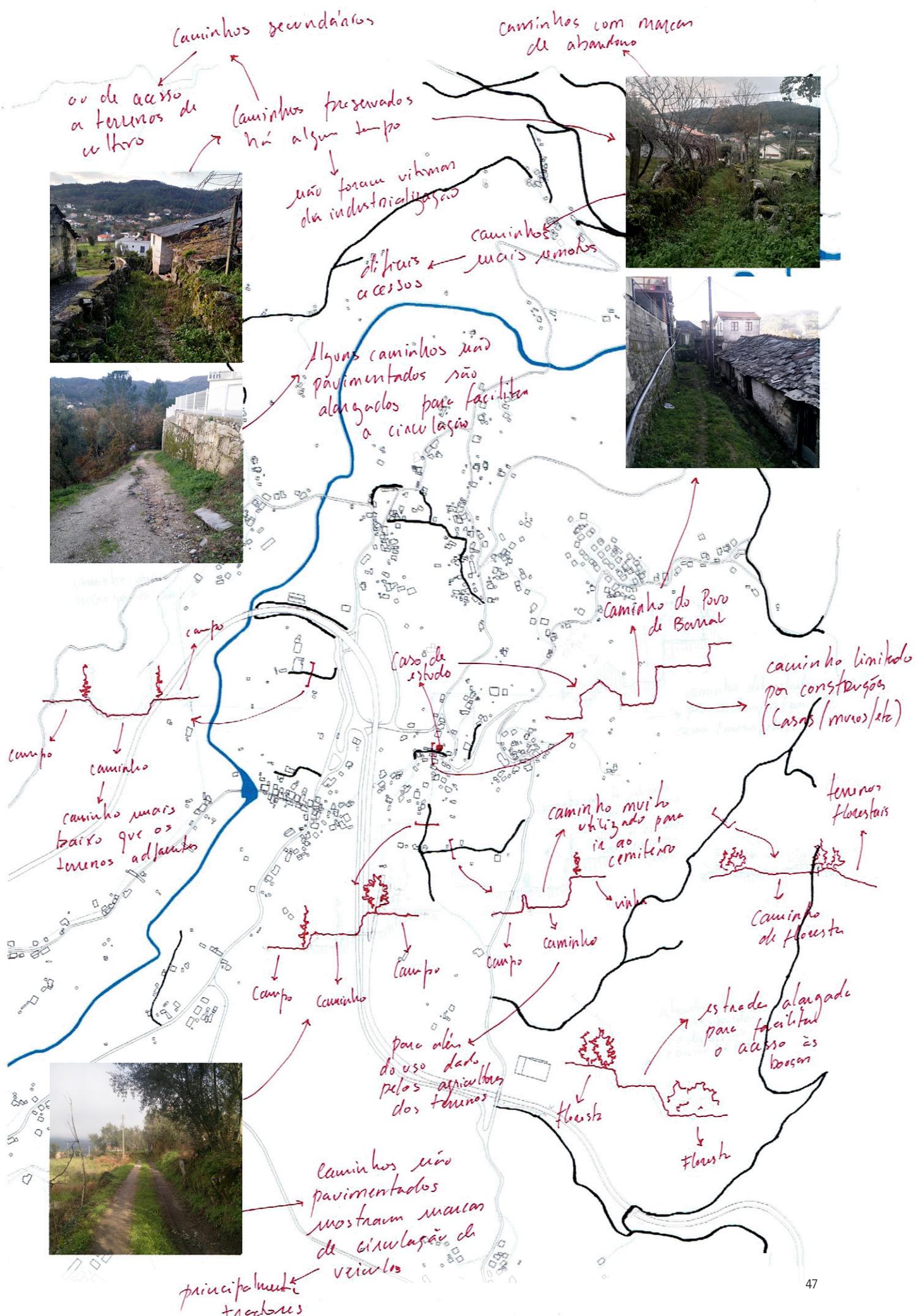
terrenos florestais

terrenos sem uso

terreno de habitação

estrada com circulação automóvel
 ↓
 dimensões insuficientes para usar dois carros
 ↓
 não aumenta pelo limite com edificações

estrada que liga a igreja ao cemitério



MORFOLOGIA DA ALDEIA

Fig.29 Análise morfológica, Aboadela meados sec.XX

O desenvolvimento da rede viária em Aboadela, nas últimas décadas, tem sido um grande incentivo para a expansão do número de construções na aldeia, permitindo, deste modo, alcançar zonas que antes eram de difícil acesso e inadequadas para as técnicas construtivas até então. Assim, o desenvolvimento, tanto na questão das redes viárias como nos materiais e técnicas de construção, abriu um novo leque de possibilidades para mais famílias residirem na aldeia, permitindo explorar novos terrenos para a edificação das suas casas.

Através da análise da página seguinte (figuras 29 e 30), elaboradas com base na informação de alguns habitantes, percebe-se a evolução morfológica das construções na aldeia numa duração estimada de cerca de 70 anos.

Com base no primeiro mapa, da figura 29, é notória a centralização das construções em pequenos núcleos próximos às estradas principais da aldeia, conhecidos como “Povos”, sendo os mais relevantes, o “Povo de Barral”, o “Povo da Igreja” e o “Povo da Rua”. Para além destes aglomerados se implantarem na proximidade com as ruas, a existência de fontes e de edifícios públicos também são factores importantes para a sua origem, destacando a Igreja, no lugar da Igreja, e os antigos edifícios da “Câmara”, “Escola”, “Engenho”, etc., no lugar da Rua.

Já no mapa da figura 30, diferencia-se a organização das novas construções face às mais antigas, surgindo estas mais dispersas e em terrenos que antes dificilmente se conseguia construir. Para além da evolução da rede viária ter sido um factor para o desenvolvimento da aldeia, a construção de uma rede de água canalizada foi também essencial para a descentralização das habitações da proximidade com as fontes de água, permitindo que destas dependessem menos.

Assim, cada vez mais é visível a procura da autonomia das novas construções com os factores envolventes, como por exemplo as redes viárias, a topografia e até a proximidade com as fontes, que para as construções antigas eram imprescindíveis no seu contexto.

Fig.30 Análise morfológica, Aboadela 2020



Junta de feijoado /
escola / tribunal /
pelourinho / engenho / etc

Núcleo onde se centraram
os edifícios mais
importantes

Núcleos de habitação
existentes principalmente
na proximidade
de fontes de água

Maiores aglomerados
possuem edificações
de carácter público

Edifícios implantam-se
na proximidade
de estradas / caminhos

permite ter melhores
acessibilidades

Núcleo de edifícios
na proximidade
de igreja

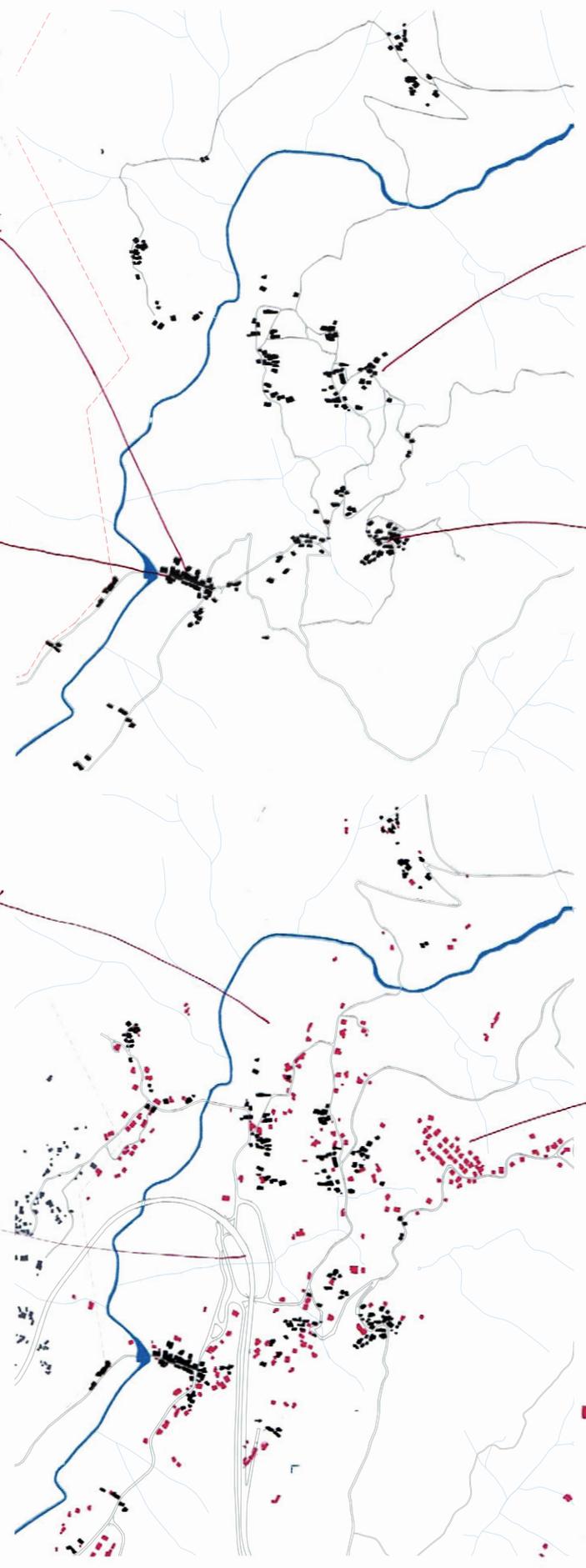
disposição das
novas construções

edificação de um
infraestruturas
viária de grandes
dimensões

proporção desmesurada
em relação à aldeia

Novos aglomerados
de construções

Novas capacidades de
construção permite
explorar novos terrenos



COMPARAÇÃO TIPOLÓGICA

As construções mais antigas em Aboadela são o resultado da utilização dos materiais da região e fruto do saber empírico dos artesãos locais que trabalham em comunhão com o lugar. Estas construções são um marco na história da aldeia, mas que actualmente é visível o aparente abandono de algumas delas, enquanto outras são manipuladas para satisfazer as necessidades actuais dos seus habitantes. Contudo ainda existem alguns exemplos que preservam a sua originalidade construtiva ou que não se distanciam muito. Assim, seleccionou-se três núcleos de habitações (figura 32) onde se verificam uma maior presença destas construções empíricas e mais relevantes para uma análise tipológica. Neste estudo comparativo destacam-se quatro parâmetros que se consideram essenciais quando se analisa a arquitectura regional em Aboadela, não desvalorizando outras características que sejam fundamentais neste tipo de arquitectura. Entre eles, os escolhidos foram:

Relação com o terreno: enquadram-se a maioria das construções que apresentam duas formas distintas de se relacionarem com o terreno: uma em que parte do edifício se encontra encastrado ou encostado no terreno, dependendo possivelmente da topografia onde se encontra; e um outro tipo em que a relação com o terreno é menos visível.

A morfologia: a hegemonia de dois dimensionamentos de edifícios que se repetiam e se diferenciavam, possivelmente ligados a factores tanto monetários como também de implantação, por exemplo. Entre eles está uma forma mais próxima ao quadrangular, mais compacta, em que se acredita que eram herdadas de famílias mais pobres, e uma outra forma mais longitudinal, em que por vezes era distinta a sua dimensão.

O acesso: em que se comparam as diferentes entrada no edifício, nomeadamente: A relação directa com o terreno, em que muitas das vezes está directamente relacionada com a relação topográfica; A entrada no edifício feita por uma escada encosta a um dos alçados e que é prolongada por uma varanda que abrange toda a fachada; Escada mais directa, que em princípio remata numa pequena varanda ou patim que serve de patamar para o edifício; E directamente pelo terreno, mas neste caso, o declive do terreno é a característica principal para enumerar este parâmetro.

A varanda: apesar de se verificar alguns exemplos em que não é possível reconhecer a sua existência, pretende-se manter como tópico de análise por se verificar pertinente para a comparação e característica tipológica dos edifícios. Em alguns casos, principalmente em edifícios em que a há uma relação topográfica directa, constata-se que a inexistência de varanda se deve mesmo a essa sua característica, sendo o terreno usado com a mesma finalidade que as varandas em outros edifícios.

Fig.31 Esquema comparação tipológica

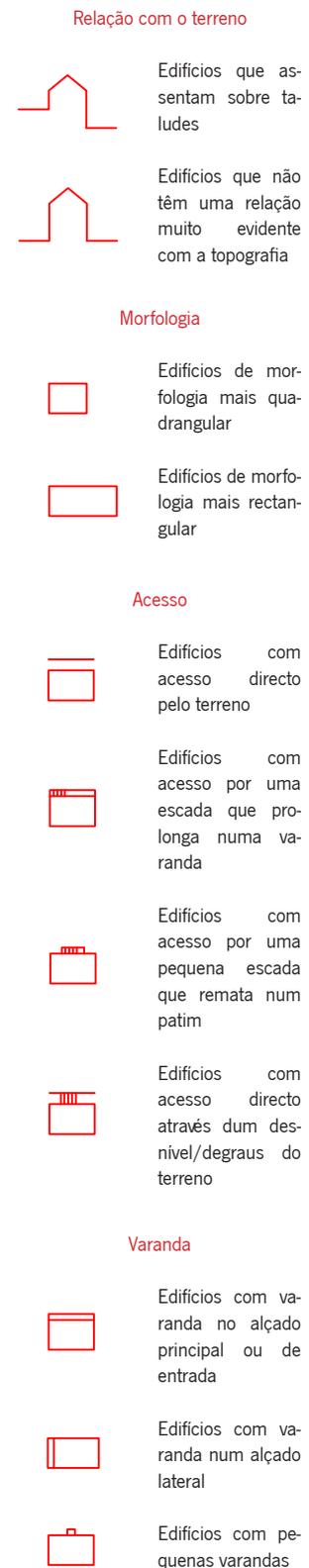
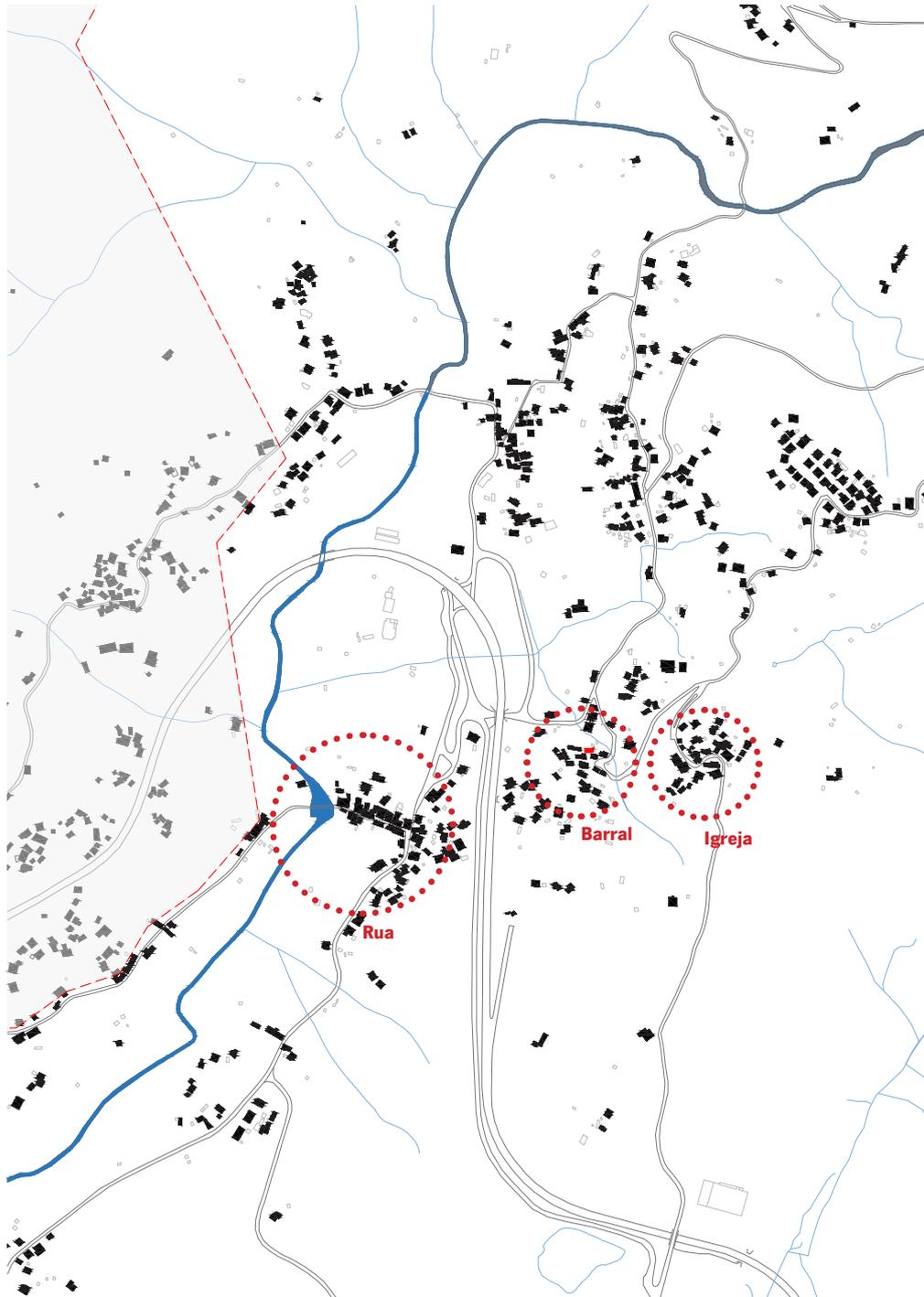
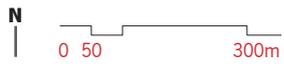


Fig.32 Mapa geral - Análise tipológica, Aboadela



COMPARAÇÃO TIPOLÓGICA - BARRAL

Na primeira zona em análise, é evidente a relação que maioria dos edifícios seleccionados têm com a topografia, em que quase todos possuem uma fachada, metade ou por completo, encostada ao terreno ou aproveitando um talude. Esta relação deve-se à localização das construções sobre uma encosta tendo estas que se adaptar e tirar proveito dos acidentes do terreno.

A morfologia também se destaca, isto muito provavelmente devido aos sistemas construtivos, que têm impacto na largura máxima possível de se alcançar, obrigando a que os edifícios crescessem longitudinalmente. As construções que apresentam uma morfologia mais quadrangular são também as de dimensões mais contidas e mais pequenas.

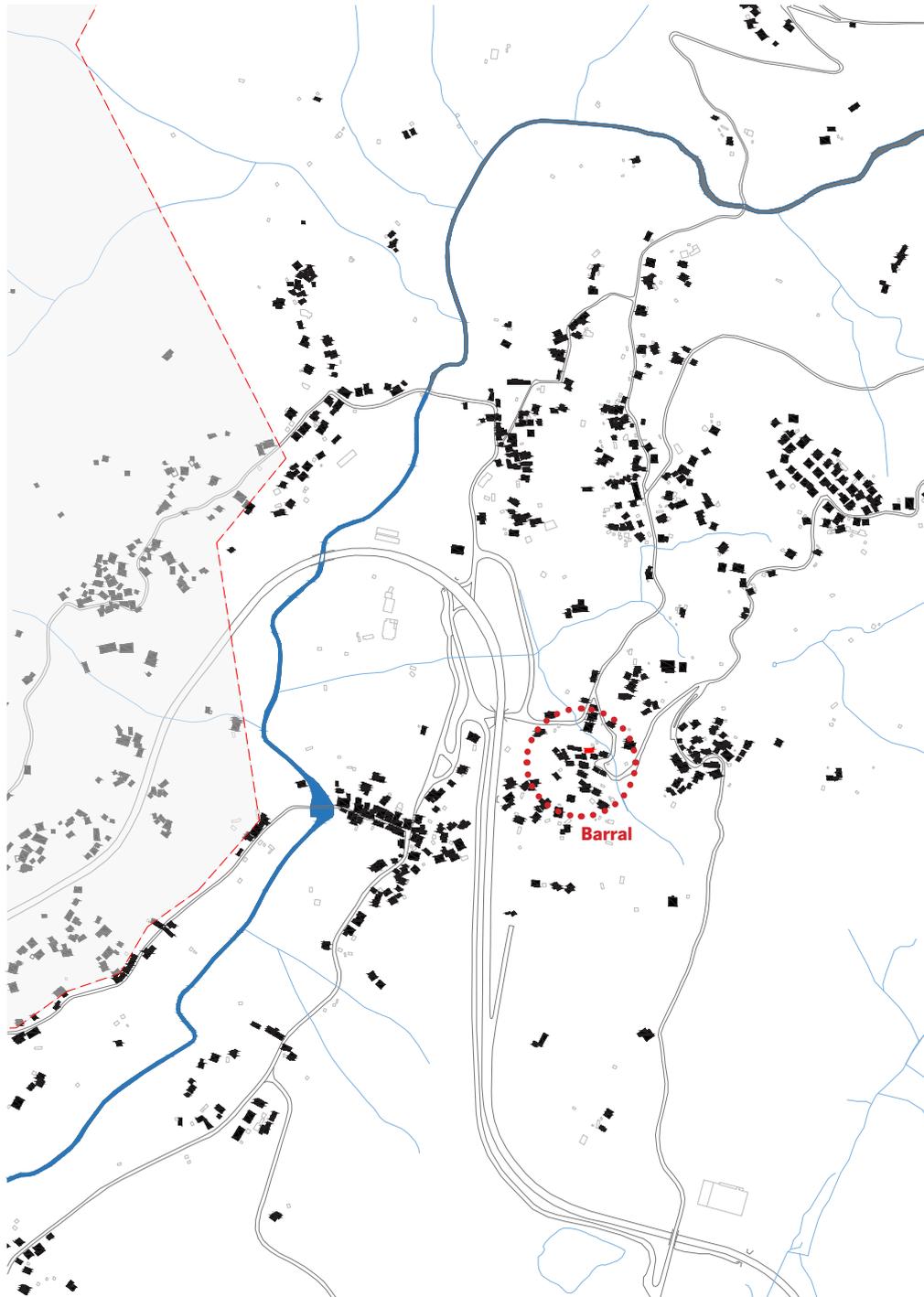
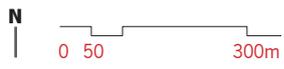
Na maioria dos casos, a entrada para os edifícios, é influenciada pela sua relação com a topografia. É comum nestas construções um acesso directo pelo terreno exterior, variando entre a rua, uma escada no terreno ou simplesmente pelo desnível do mesmo.

A existência de varanda é algo que não se verifica com tanta evidência nas construções desta zona. Deste modo, pressupõe-se que a relação directa com o terreno tenha substituído a necessidade de possuir uma varanda, sendo que maioria das existentes aparecem como zona de transição para uma casa de banho exterior.

Fig.33 Barral, Aboadela



Fig.34 Mapa geral - Análise tipológica, Aboadela



COMPARAÇÃO TIPOLOGICA - BARRAL



Fig.35 Esquema comparação tipológica

Relação com o terreno



Edifícios que assentam sobre taludes



Edifícios que não têm uma relação muito evidente com a topografia

Morfologia



Edifícios de morfologia mais quadrangular



Edifícios de morfologia mais rectangular

Acesso



Edifícios com acesso directo pelo terreno



Edifícios com acesso por uma escada que prolonga numa varanda



Edifícios com acesso por uma pequena escada que remata num patim



Edifícios com acesso directo através dum desnível/degraus do terreno

Varanda



Edifícios com varanda no alçado principal ou de entrada



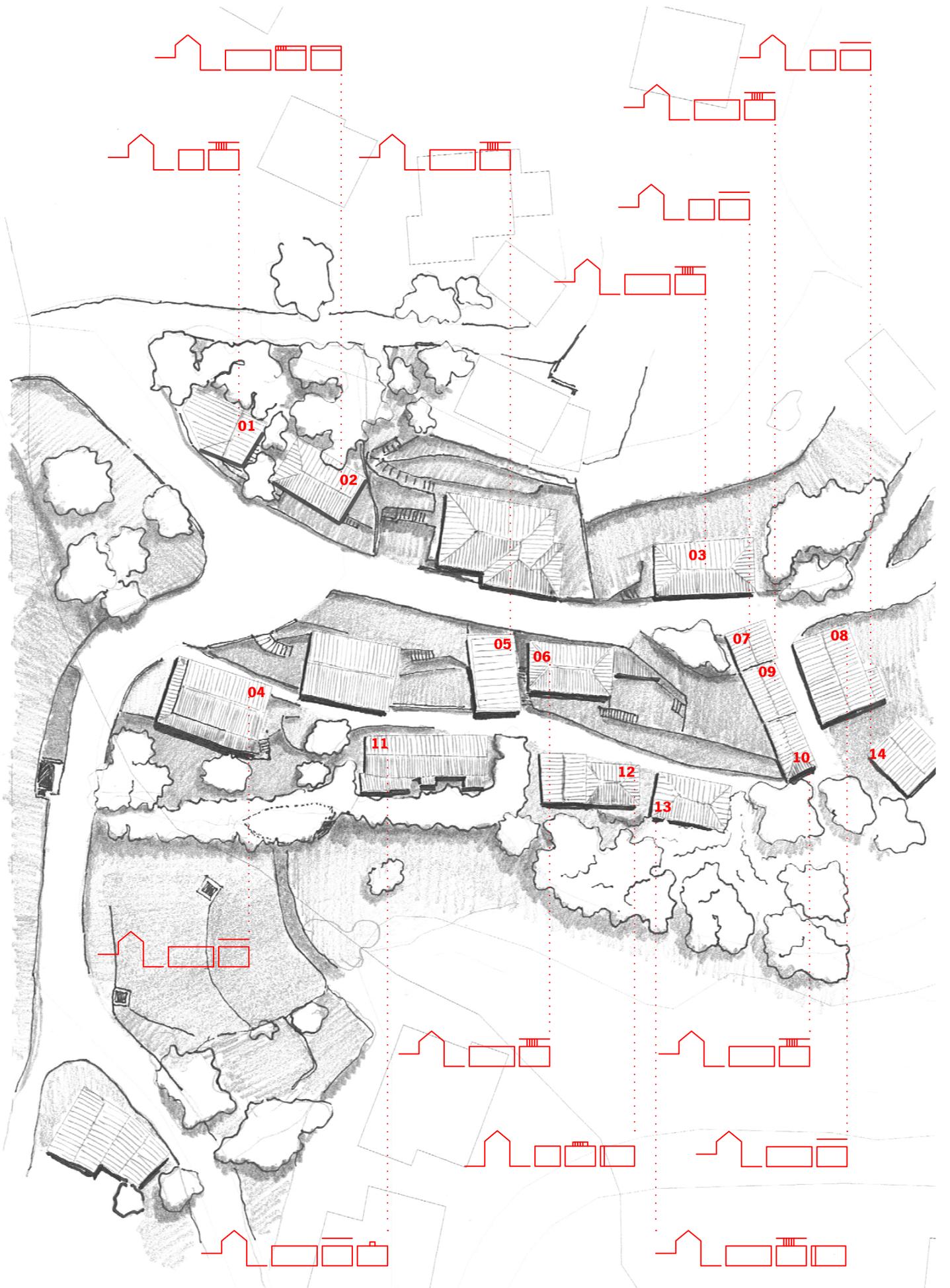
Edifícios com varanda num alçado lateral



Edifícios com pequenas varandas

Fig.36 Análise tipológica, Barral





COMPARAÇÃO TIPOLÓGICA - RUA

O lugar da Rua localiza-se na proximidade com o rio e a sua topografia apresenta um desnível consideravelmente menor, comparando com a encosta do lugar de Barral. Neste lugar não há uma predominância de edifícios que interajam evidentemente com a topografia envolvente, mas em contrapartida estes aproximam-se uns aos outros. Contudo, existe alguns exemplos de construções que se relacionam directamente com o terreno, maioritariamente pela relação entre estes e os campos ou pátios envolventes.

Assim como no lugar de Barral, predomina a existência de edifícios de morfologias longitudinais, possivelmente devido às técnicas construtivas recorrentes, à qualidade da construção em maior escala e a relação com a rua.

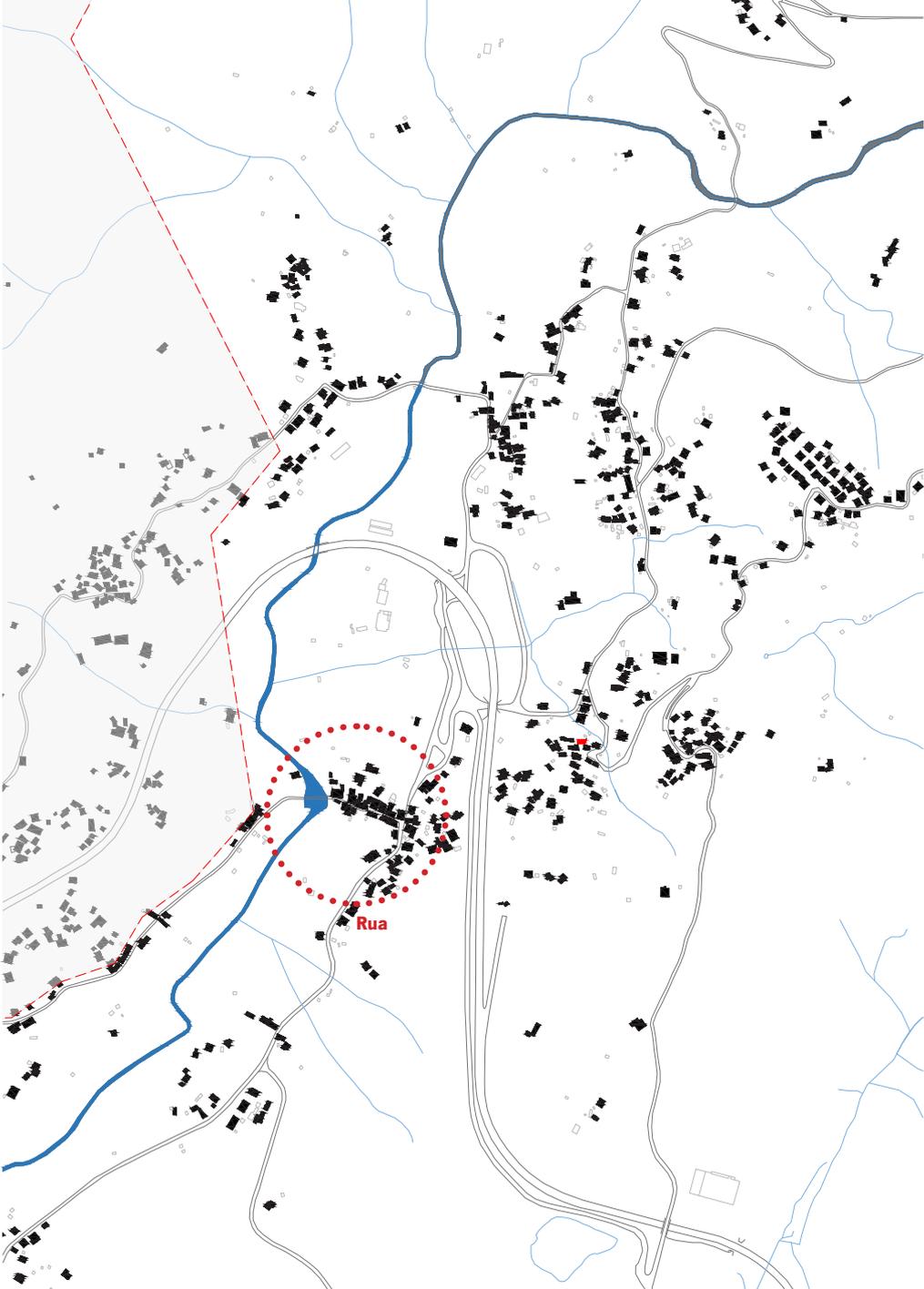
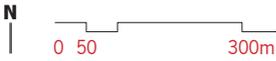
Numa zona em que o piso de habitação não tem relação directa com o terreno, por estar elevado da rua, a entrada/acesso aos mesmo, é feito preferencialmente, em quase todos os casos seleccionados, por escadas. Maior parte dos edifícios em análise são compostos por escadas que acabam numa pequena varanda ou patim, sendo também evidente, em alguns casos, escadas que rematam em varandas corridas pela fachada.

No lugar da Rua é visível o predomínio de edifícios com varanda, sendo mais presentes as de pequenas dimensões, que não correm por completo uma das fachadas do edifício. Este tipo de varanda é mais recorrente nas fachadas viradas para a rua, aparecendo soltas ou como parte das escadas de acesso, e normalmente construídas em pedra e com guardas de ferro.

Fig.37 Rua, Aboadela



Fig.38 Mapa geral - Análise tipológica, Aboadela



COMPARAÇÃO TIPOLOGICA - RUA



Fig.39 Esquema comparação tipológica

Relação com o terreno



Edifícios que assentam sobre taludes



Edifícios que não têm uma relação muito evidente com a topografia

Morfologia



Edifícios de morfologia mais quadrangular



Edifícios de morfologia mais rectangular

Acesso



Edifícios com acesso directo pelo terreno



Edifícios com acesso por uma escada que prolonga numa varanda



Edifícios com acesso por uma pequena escada que remata num patim



Edifícios com acesso directo através dum desnível/degraus do terreno

Varanda



Edifícios com varanda no alçado principal ou de entrada



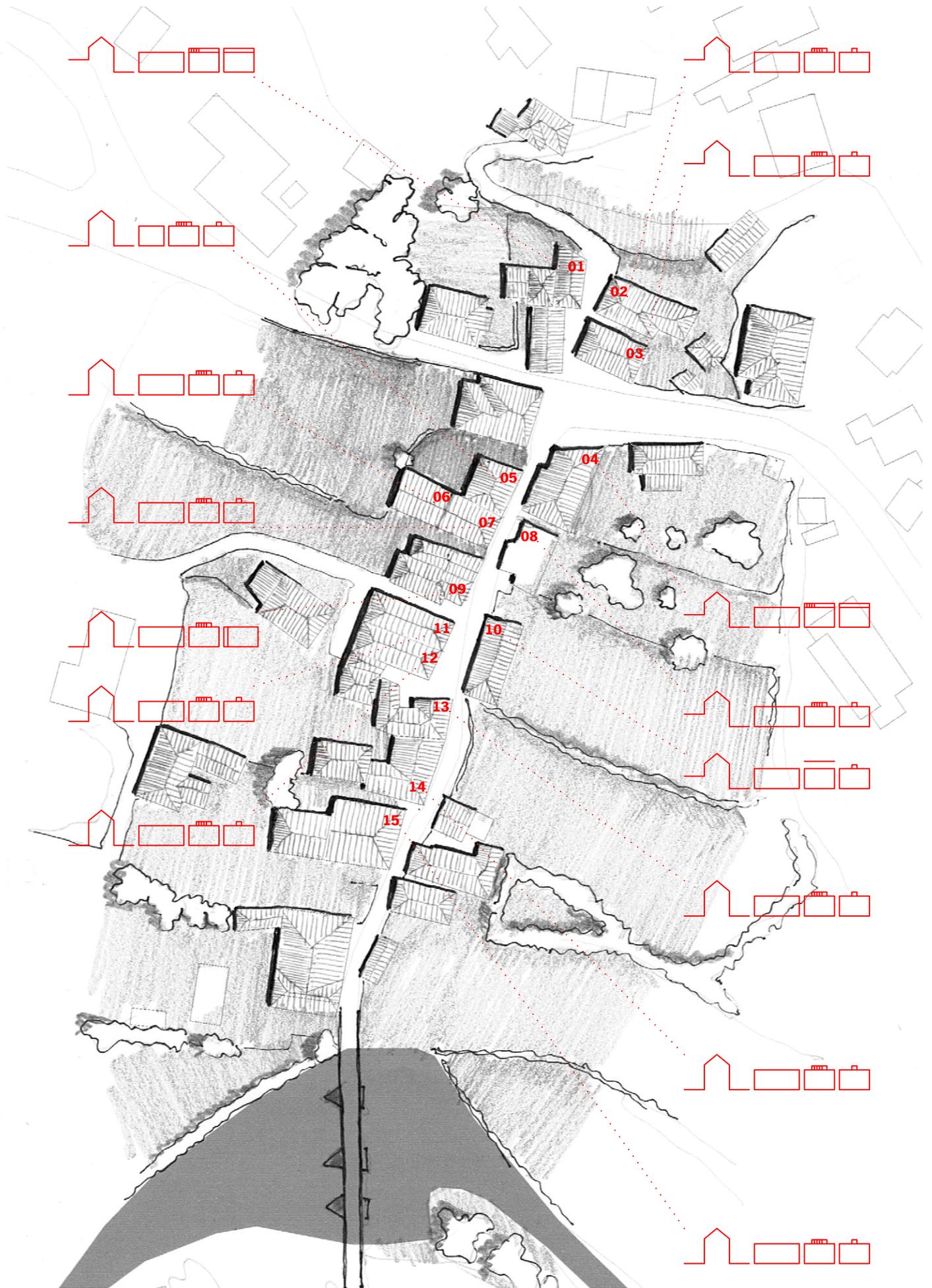
Edifícios com varanda num alçado lateral



Edifícios com pequenas varandas

Fig.40 Análise tipológica, Rua





COMPARAÇÃO TIPOLÓGICA - IGREJA

O lugar da Igreja é característico por se localizar no cimo de um monte a uma altitude considerável em relação ao resto da aldeia. Neste lugar maior parte das habitações apresentam uma relação directa com o terreno envolvente, e em alguns casos, possuem pelo menos uma das fachadas do edifício encostada por completo. Algumas destas construções possuem o piso de habitação elevado do terreno e entre essas, parte são também edifícios de maior escala, que se supõe que pudessem estar ligados à igreja, como a residência do padre por exemplo.

Dos edifícios que ainda se reconhece minimamente a sua construção, destaca-se entre eles uma morfologia predominante mais próxima da forma quadrangular, que na sua maioria são edifícios mais pequenos e de dimensões mais contidas. Por outro lado, verificam-se também construções de maior escala de morfologia semelhante, apesar de ser em número reduzido.

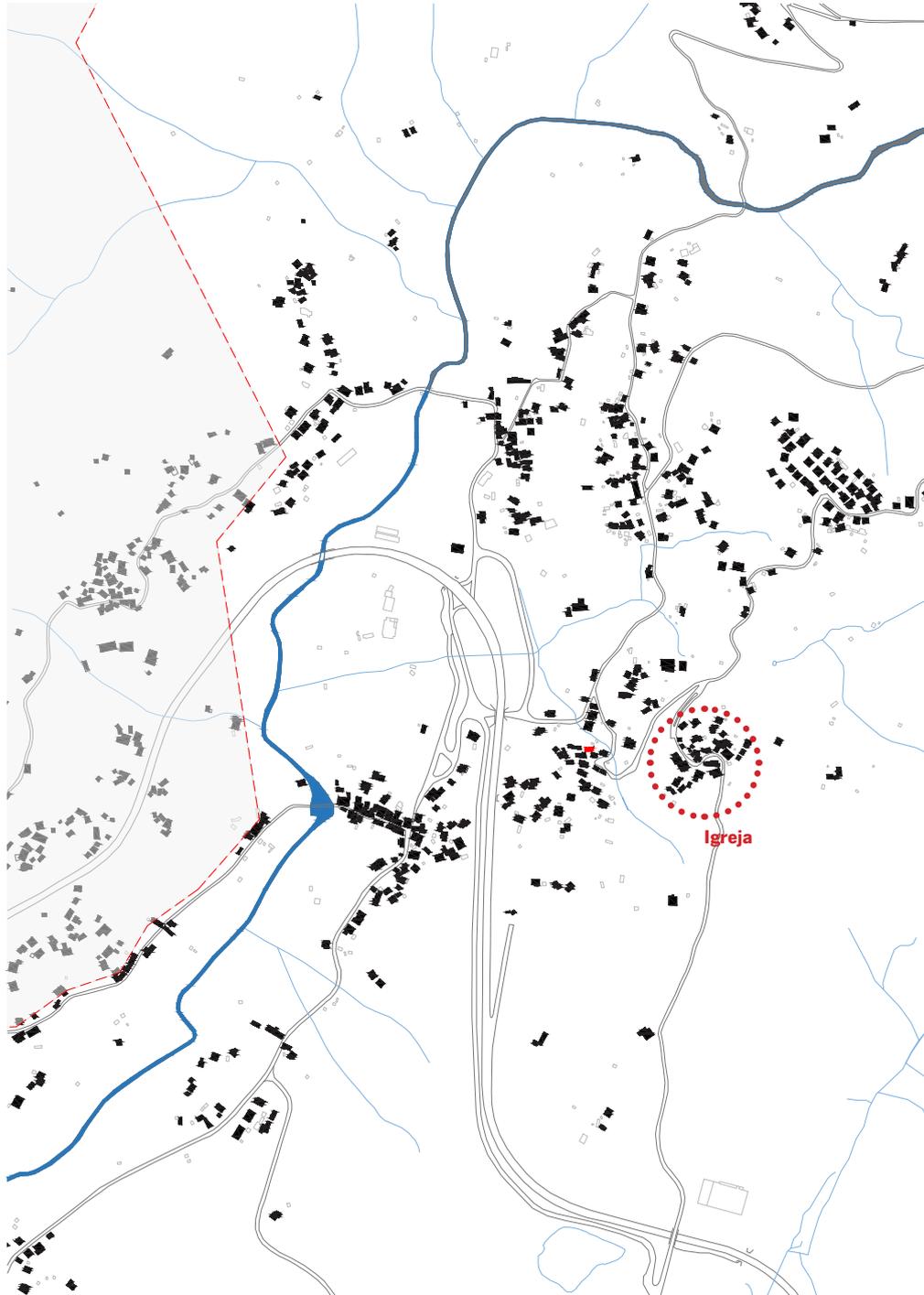
Nesta zona, os modos de acesso às habitações variam, mas aqueles que se podem considerar mais habituais são: o acesso directo pelo terreno, como verificamos também no lugar de Barral, deve-se à relação topográfica que o edifício apresenta; e o acesso feito por pequenos lanços de escadas.

A maioria das construções no lugar da Igreja não possui varanda, sendo reproduzido o seu uso no terreno envolvente. Dos poucos edifícios que possuem são também edifícios de maiores dimensões e edifícios com relação com a estrada principal que dá acesso ao lugar da Igreja.

Fig.41 Igreja, Aboadela



Fig.42 Mapa geral - Análise tipológica, Aboadela



COMPARAÇÃO TIPOLOGICA - IGREJA



Fig.43 Esquema comparação tipológica

Relação com o terreno



Edifícios que assentam sobre taludes



Edifícios que não têm uma relação muito evidente com a topografia

Morfologia



Edifícios de morfologia mais quadrangular



Edifícios de morfologia mais rectangular

Acesso



Edifícios com acesso directo pelo terreno



Edifícios com acesso por uma escada que prolonga numa varanda



Edifícios com acesso por uma pequena escada que remata num patim



Edifícios com acesso directo através dum desnível/degraus do terreno

Varanda



Edifícios com varanda no alçado principal ou de entrada



Edifícios com varanda num alçado lateral



Edifícios com pequenas varandas

Fig.44 Análise tipológica, Igreja





2 | ANÁLISE

A CASA DE BARRAL

Nesta segunda parte da dissertação, abordar-se-á a investigação ao caso de estudo, numa leitura dos parâmetros que caracterizam a sua construção, percorrendo análise que abrangem desde a sua história ao seu estado actual.

Localizado no lugar de Barral, no centro de um aglomerado habitacional, camuflado pela vegetação e as suas cores monocromáticas, encontra-se “a casa de Barral”^a, um edifício actualmente em ruínas, resultado da sabedoria empírica dos artesãos da região. *“A casa de habitação desta zona caracteriza-se por uma arquitectura elementar e arcaica e integra-se em bandas irregulares, com edifícios encostados lateralmente à beira de um caminho e algumas casas isoladas”*.⁶³ Trata-se de uma construção pesada e ancorada ao terreno transmitindo a ideia de que sempre ali tenha existido, e que durante anos foi abrigo a famílias pobres que viviam do que o campo lhes dava. Em seu redor encontram-se construções suas contemporâneas, algumas abandonadas e outras “adulteradas”, sendo esta das poucas que ainda se mantém fiel à sua construção original que tanto lhe dá valor.

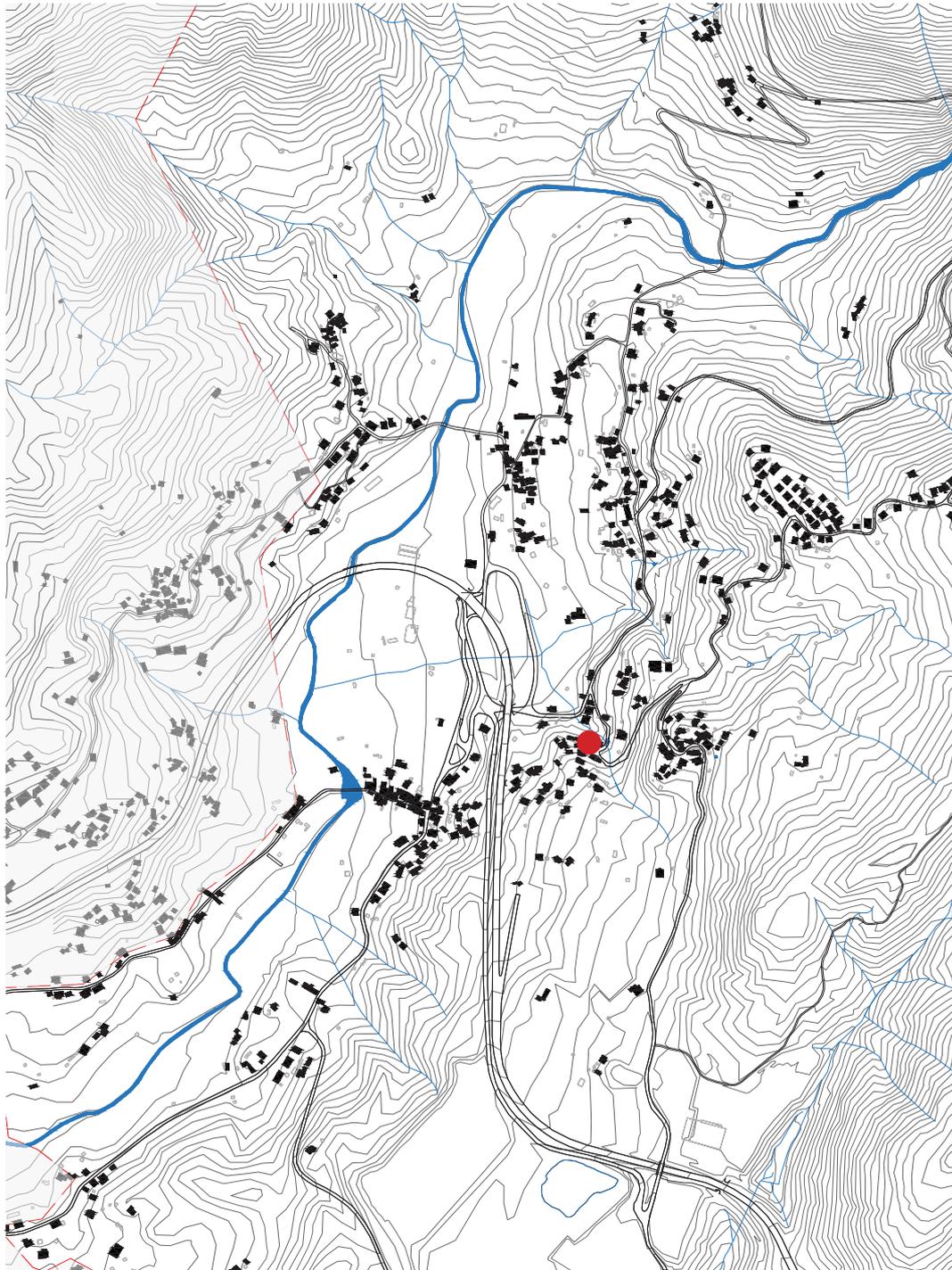
^a Nome pela qual é conhecida pela família do autor e pelos habitantes próximos à casa

63 SALAVESSA, Eunice. *Arquitectura Vernácula do Alvão in Pedra e Cal*. 2015. p.17

Fig.45 Caso de Estudo



Fig.46 Localização do Caso de Estudo



O LUGAR

Do legado medieval, regista-se que casas mais antigas, de rés do chão e primeiro andar (...); estão alinhadas ao longo da rua; as paredes laterais das casas (...) podem encostar, deixando espaço de alguns centímetros, ou afastar-se, formando estreitas ruelas, por onde correm as águas pluviais das coberturas em ardósia.⁶⁴

Para aceder à construção, o caminho que o permite, conhecido como o “Caminho do Povo de Barral”, cria um percurso essencialmente pedonal, sinuoso e de difícil acesso, sendo mesmo impossível para transportes de grande escala. Este caminho acaba por se ligar a uma estrada maior e mais recente, em pavimento de pedra que faz a ligação com o lugar da Igreja.

Adjacente ao caso de estudo, encontra-se ainda um terreno, para além daquele a que a construção faz parte, usado durante anos para o cultivo de pequenas hortas, mas que tem sofrido alterações progressivas na sua topografia. Actualmente, nesse mesmo terreno, estão também disponíveis dois tanques, usados para o auxílio na rega das hortas e da terra.

A proximidade com a fonte é também um dos factores essenciais para a implantação desta e de outras construções, sendo que ainda é usada pelos habitantes da zona, nomeadamente para consumo, rega e lavagem da roupa.

64 SALAVESSA, Eunice. op.cit., 2015. p.16



Fig.47 Casa de Barral

Fig.48 Análise da envolvente do caso de estudo





terreno de cultivo → pertencente à mesma propriedade do caso de estudo

Arquitetura para cultivo de alimentos para auto-consumo



vai des=par ao rio Ovelha
linha de água



poça de água
→ recolhe as sobras de água da fonte de Barmal

Fonte de Barmal

Cemitério

estade

Fonte de Barmal

utilizada para o regadio de terrenos em cotas inferiores

terrenos do caso de estudo

poça antiga
→ atualmente inutilizada

Caso de estudo

Caminho do Povo de Barmal

Caminho de acesso ao caso de estudo

possibilita o acesso à poça de água

Cunço de Barmal

Igreja

Caminho do Povo de Barmal



A TOPOGRAFIA

A casa implanta-se sobre uma encosta virada a Norte, onde aflora uma fraga granítica que molda a topografia do lugar de Barral. Na primeira secção da figura 50, é perceptível a morfologia dessa mesma encosta e da relação dos edifícios vizinhos com o terreno. Esta é maioritariamente composta por socalcos sucessivos e assimétricos, que definem os campos, pátios, jardins, caminhos e os terrenos das habitações.

Na segunda secção da figura 50, percebe-se a implantação do caso de estudo e os limites do seu terreno, formado por dois muros de contenção que balizam a mudança de propriedades. Verifica-se um a sul, que marca a divisão com a propriedade vizinha numa cota superior, e outra a norte, sendo este o qual engloba o caso de estudo e que faz a divisão com o terreno do vizinho, a uma cota inferior.

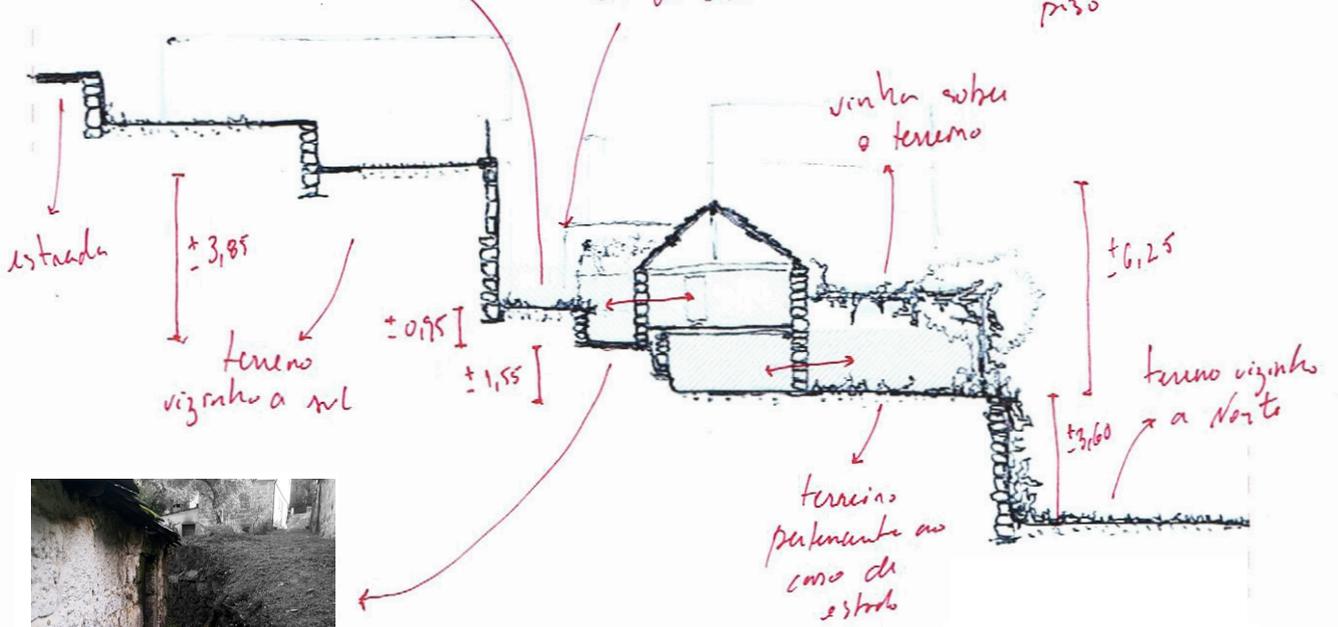
Este jogo de desníveis e a conseqüente adaptação do edifício à topografia, permitiu estabelecer uma relação directa da construção com o terreno envolvente, possibilitando que ambos os pisos pudessem dialogar com o exterior. O piso térreo assenta sobre o terreno à mesma cota do socalco que o ampara, a mesma do terreiro a Norte, criando uma relação directa entre ambos. Na cota superior, ao nível do piso da habitação, encontra-se à mesma cota o caminho e respectivamente o acesso à casa.

Fig.50 Análise sobre a relação topográfica do caso de estudo

Fig.49 Caso de Estudo



casas adaptam-se ao terreno
 ou manipulam o terreno para seu proveito
 visível a encosta do lugar de Banat
 Lado Norte
 vista para o caso de estudo



também dá acesso à poça de água
 caminho de acesso directo ao edifício
 caso de estudo
 vista de poça de água a uma cota inferior



TIPOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

*A casa serrana apresenta as características fundamentais da casa típica do Noroeste, com a sua planta rectangular, o seu aparelho de pedra, os dois pisos funcionalmente distintos, a varanda, a escada exterior; mas, comparada com essa, tem uma feição mais rude, arcaica e pobre, e sofre a acção do povoamento aglomerado em que está integrada.*⁶⁵

Segundo a nota de Ernesto Oliveira e Fernando Galhano, é possível estabelecer paralelismos evidentes entre as tipologias do caso de estudo com a das *casas serranas*. Assim, o edifício em análise, apresenta-se como uma casa-bloco de dois andares, erguida em paredes de granito com cerca de 30 a 40 centímetros de espessura e um telhado de duas águas, formado por placas irregulares de xisto. O edifício é organizado numa planta rectangular alongada, composta por três espaços quadrangulares de morfologia semelhantes e que, como consequência da sua integração tipológica, comunicam directamente com o terreno. *“No rés do chão ficam as cortes e arrecadações e no primeiro andar a cozinha e sala/quarto”*,⁶⁶ assim como outros espaços diferenciados. *“O compartimento principal, maior e mais importante, centro da vida familiar, sobretudo no Inverno, é de acordo com a regra, a cozinha”*,⁶⁷ onde se encontra a lareira e o escano, tendo outrora, o edifício duas cozinhas a funcionar em simultâneo, uma sobradada e outra assente sobre o terreno e que dava acesso ao terreiro, que funciona como um prolongamento do piso inferior, criando um local de resguardo ao ar livre destinado ao gado existente.

“O acesso ao sobrado, quando a topografia do terreno o permite, faz-se directamente da rua com cota semelhante”,⁶⁸ mas quando não há essa possibilidade, surge umas “escadas”, arcaicas e toscas, que dão acesso ao piso superior, concretamente desde o terreiro da habitação.

“As paredes mostram, exterior e interiormente, blocos apenas empilhados, com total despreocupação de alinhamento, e até de prumo. (...) Interiormente, o tosco aparelho das paredes fica à vista, sem qualquer reboco”,⁶⁹ à excepção da sala onde *“o paramento interior das paredes é rebocado ou revestido apenas com cal apagada e o espaço interior é preenchido com mobiliário rústico”*.⁷⁰

A varanda, apesar de posterior, foi edificada inicialmente para dar acesso à casa de banho, também posterior, mas que ganhou outros novos usos, nomeadamente para descanso à sombra do sol quente do Verão.

65 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 1992. p.131

66 SALAVESSA, Eunice. *op.cit.*, 2015. p.17

67 OLIVEIRA; [et. al.]. *op. cit.* 1992. p.134

68 SALAVESSA, Eunice. *op.cit.*, 2015. p.19

69 OLIVEIRA; [et. al.]. *op. cit.* 1992. p.131

70 SALAVESSA, Eunice. *op.cit.*, 2015. p.19

Fig.51 Análise tipológica, planta

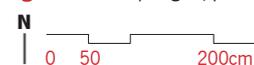
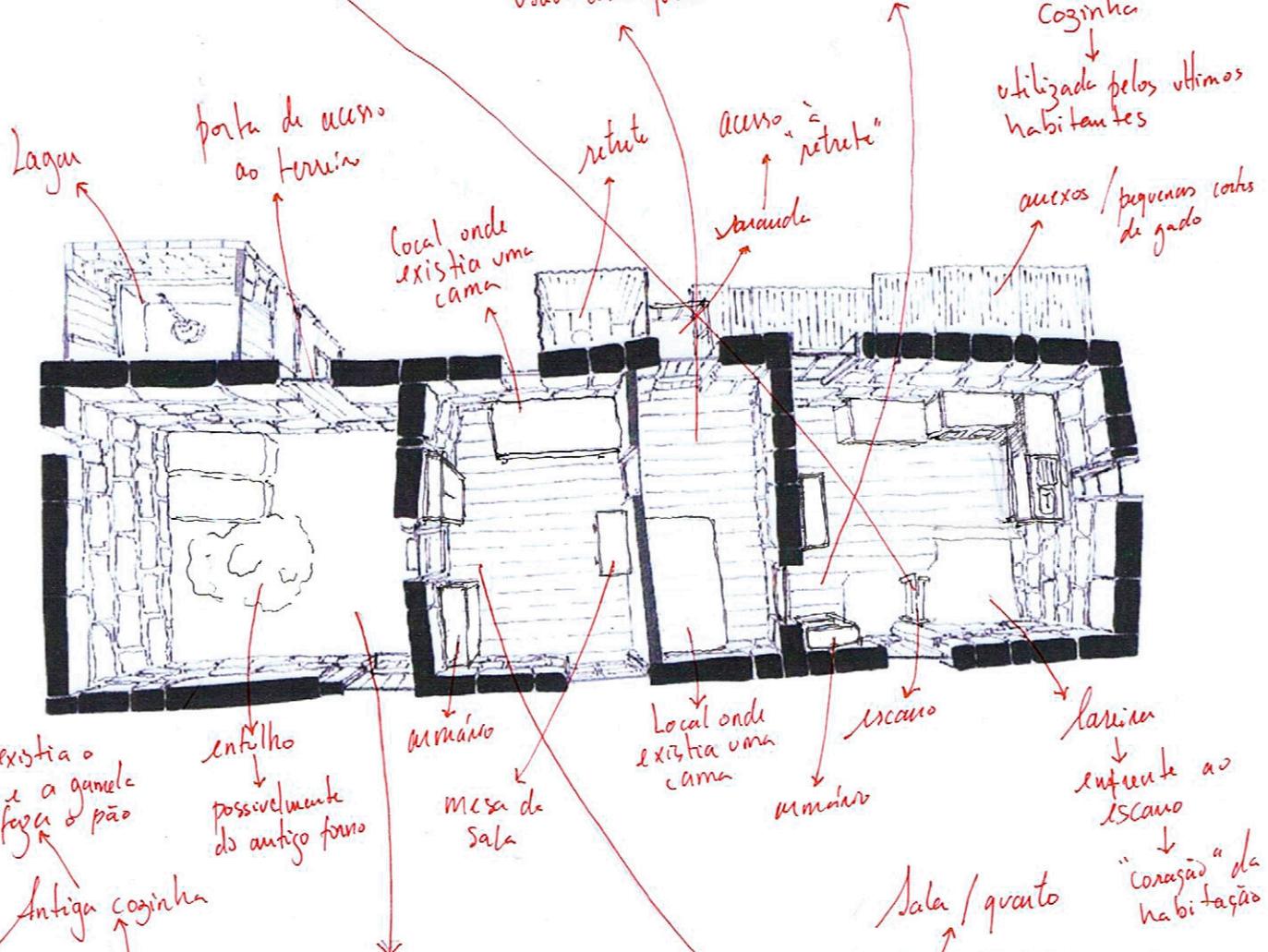


Fig.52 Análise tipológica, axonometria poente-sul, p.74

Fig.53 Análise tipológica, axonometria nascente-norte, p.75





vinha

campo

terrace

caso de estudo

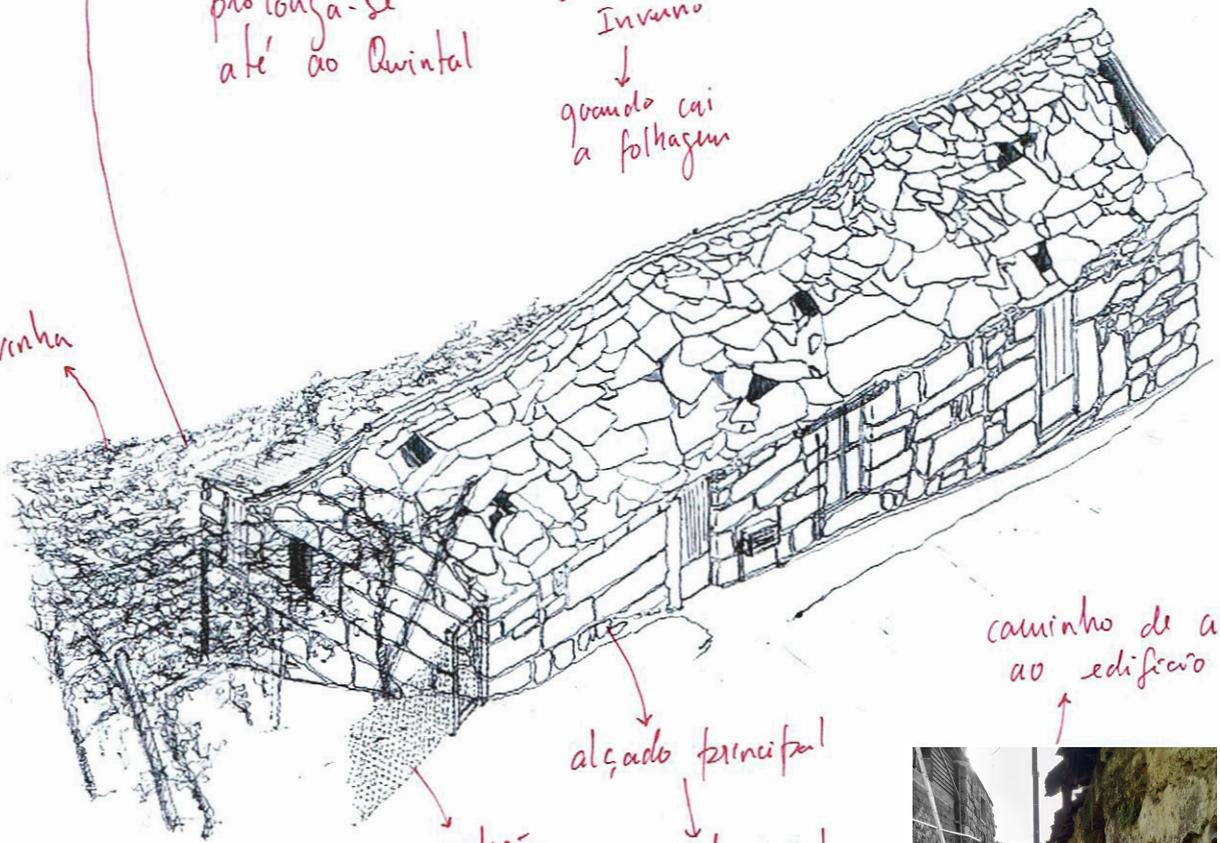


permite a
passagem dos
raios do Sol
durante o
Inverno
↓
quando cai
a folhagem

vinha protege o terrace
durante o Sol quente
de Verão

prolonga-se
até ao quintal

vinha



caminho de acesso
ao edifício

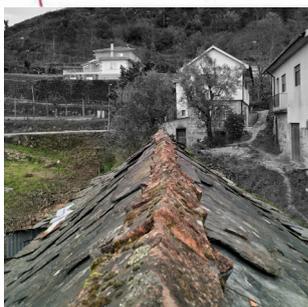
alçado principal

virado a sul
e de acesso directo
com o terreno

vedação

telhado de duas
águas

encimado com
uma cumieira
em telha



Intervenções
posteriores

terreno
vizinho

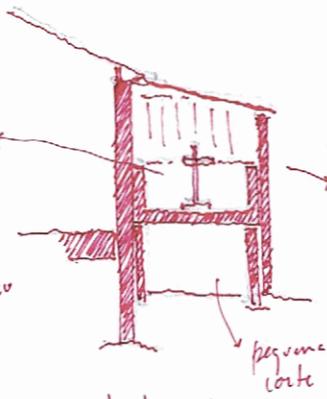
Caminho do
Povo de Banal

caso de
estudo

"a casa de banco"



laga



chapas de zinco

vista em planta

estrução de madeira com um orifício

pequena corte



"varanda"

laga

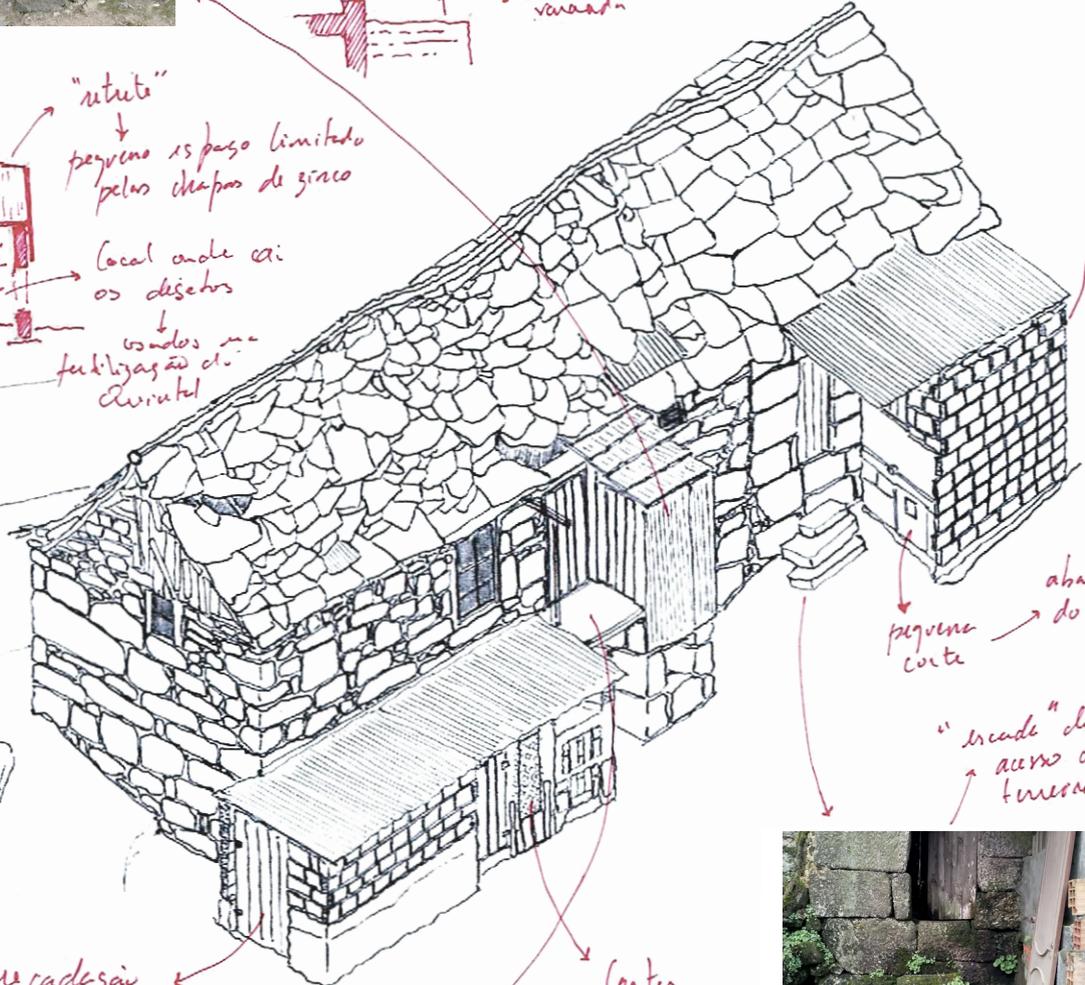
"retrete"

pequeno espaço limitado pelas chapas de zinco

Local onde cai os dejetos

usados para fertilização do cultivo

edifícios



pequena corte

abaixo do laga

"escada" de acesso ao terreno

arruadão para material agrícola e/ou alimento para o gado

Cortes para gado de pequeno porte



"escadas" ligam a antiga cozinha ao terreno



Utilizada essencialmente para o acesso à "retrete"

"varanda"

MÉTRICA DA CONSTRUÇÃO

A partir de uma análise superficial da planta do piso de habitação da figura 54, reconhece-se uma evidência dimensional entre os três espaços principais presentes no edifício. Estes apresentam uma área semelhante entre si, rondando aproximadamente entre os 15 e os 17 metros quadrados, partilhando entre ambos uma morfologia quadrangular marcada pelas paredes estruturais interiores. O piso inferior, também representado na figura 54, já não possui uma semelhança métrica entre as divisões, pois estas aparecem como consequência da adaptação do edifício à topografia existente. Exteriormente, o terreiro, circunscrito por uma vedação em rede de arame complementada com o edifício, possui uma área de aproximadamente 124 metros quadrados.

De cada espaço da habitação, a relação altimétrica varia consideravelmente em concordância com a função de cada um, como se percebe através da secção apresentada na figura 55. Deste modo, o espaço central onde era a sala/quarto, como exigia um maior controlo sobre o calor, possuía um tecto baixo em madeira com um pé direito de cerca de 1,60 metros. Em contrapartida, ambas as divisões nos extremos da habitação possuem como limite a cobertura de duas águas em placas de xisto, que devido à existência de fumos necessitavam de um espaço mais amplo para os dispersar. O piso inferior, destinado principalmente ao gado, apresenta tectos baixos que rondam entre os 1,40 e os 1,80 metros de altura.

No seu todo, o edifício alcança os 14,5 metros de comprimento e sensivelmente 4,5 metros de largura^a, formando assim uma planta rectangular alongada, elevando-se, no seu ponto mais alto, aos 5,10 metros de altura. A pequena rua que possibilita o acesso ao edifício compreende as cotas do ponto mais alto do terreno, em contacto com a construção, até perto da cota mais baixa, rondando os 1,5 metros entre os dois extremos, perto de 10 por cento de desnível.

*“A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções.”*⁷¹ Do mesmo modo, a construção do edifício não apresenta indícios de se ter regido por métricas claramente definidas, mas sim pela decisão empírica dos artesãos que procuravam dar soluções práticas às funções pretendidas, assim como também Fernando Távora referia na citação acima.

⁷¹ TÁVORA, Fernando. *O problema da casa portuguesa* [em linha]. 1947. (Consultado a 15/05/2021) disponível em < <https://revisitavora.wordpress.com/2018/06/27/o-problema-da-casa-portuguesa-fernando-tavora-2/> >

⁷² SALAVESSA, Eunice. *op.cit.*, 2015. p.17

^a Dimensões próximas dos edifícios da Arquitectura Vernacular do Alvão, “casa-bloco de dois andares, de planta rectangular (média 15m x 6,5m)”⁷²

Fig.54 Análise métrica, plantas piso de habitação e piso inferior

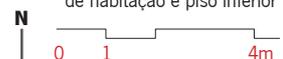
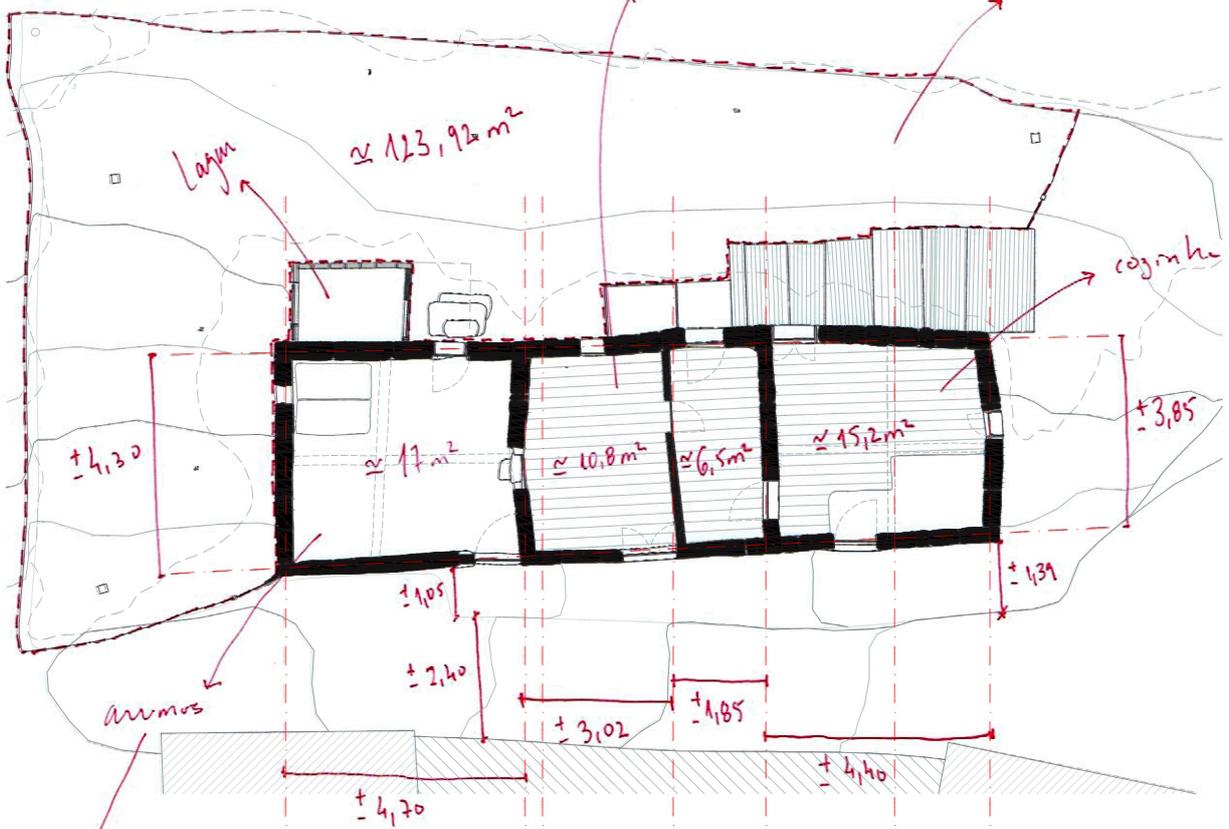


Fig.55 Análise métrica, secção e alçado sul, p.78

Fig.56 Análise métrica, alçados nascente, poente e norte, p.79



dividido por paredes estruturais
 edifício dividido em três partes semelhantes
 volumes com morfologias e medidas idênticas
 Salão/granito
 cozinha
 terreno apresenta um declive que a partir daí o edifício



divisão que tem acesso às duas cotas do terreno

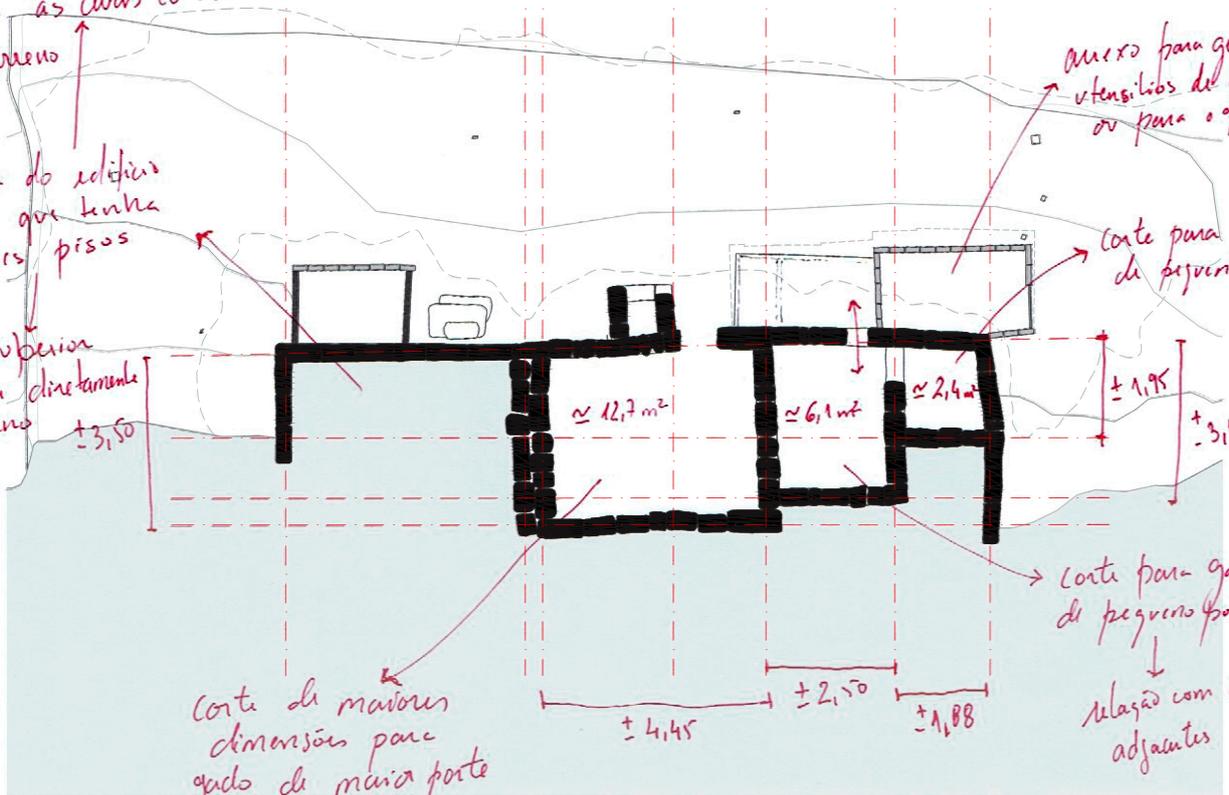
parte do edifício sem que tenha dois pisos

piso superior assenta diretamente no terreno ±3,50

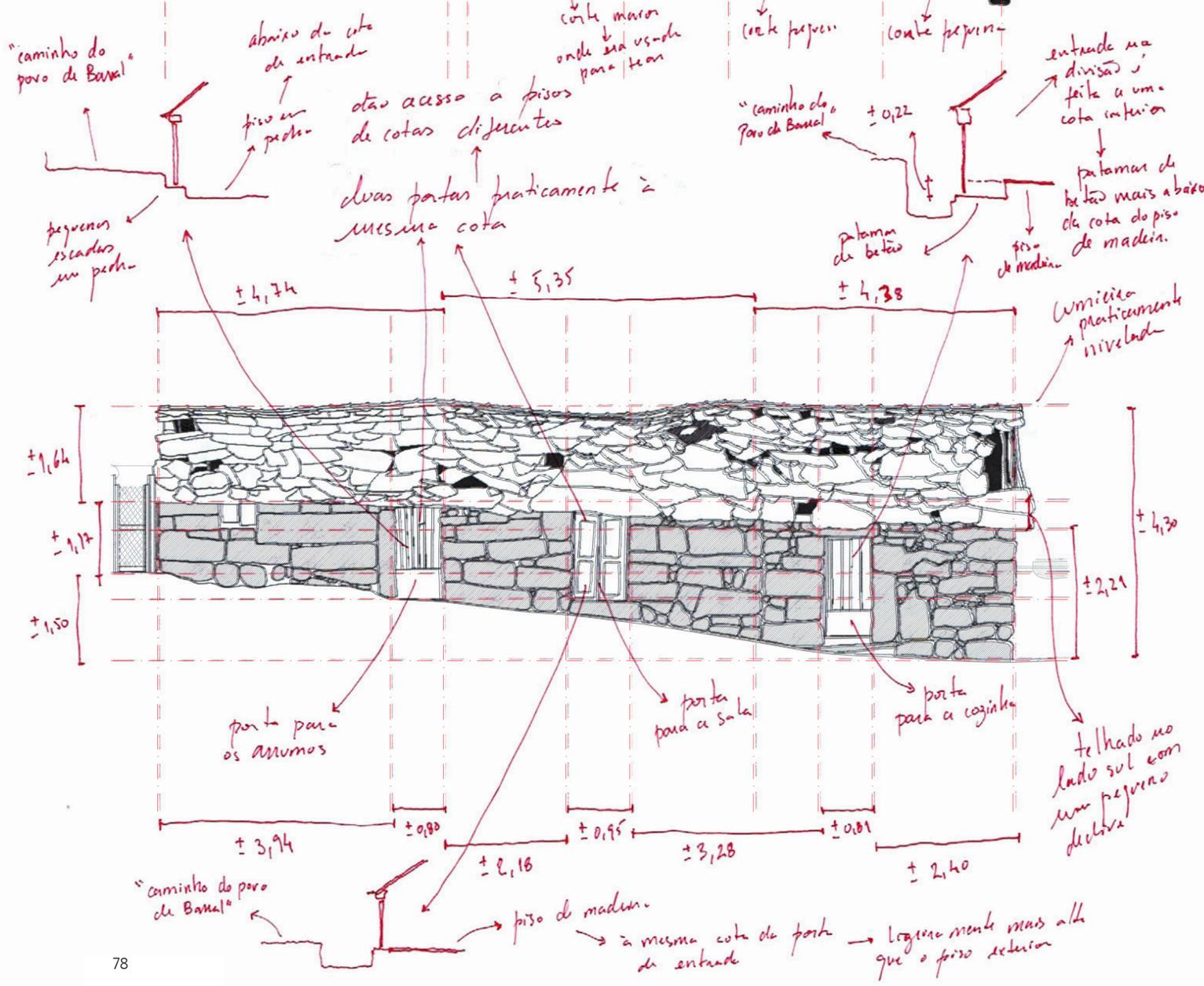
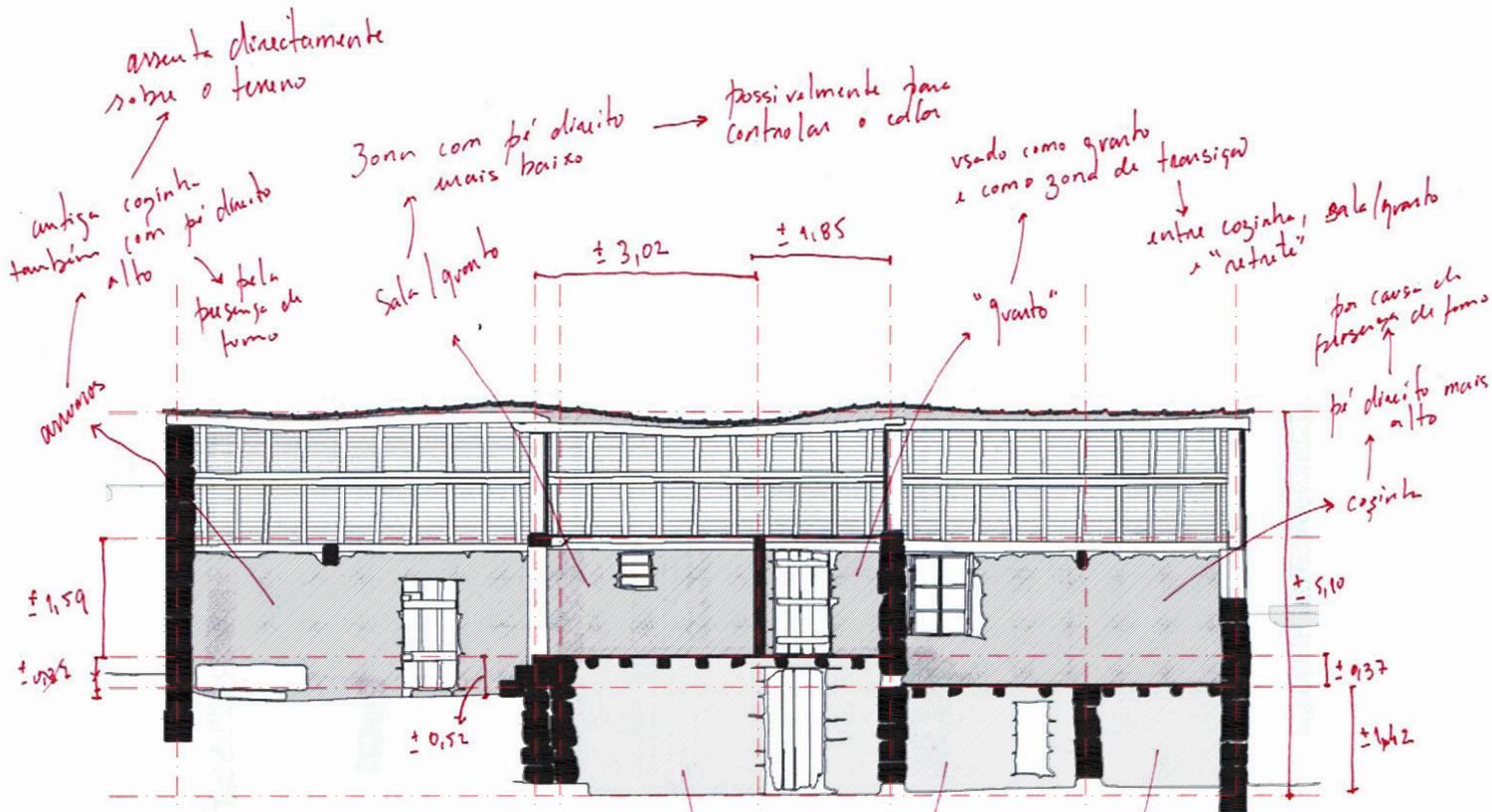
anexo para guardar utensílios do gado ou para o quintal

Corte para gado de pequena porte

Corte para gado de pequena porte
 ↳ relação com anexo adjacentes

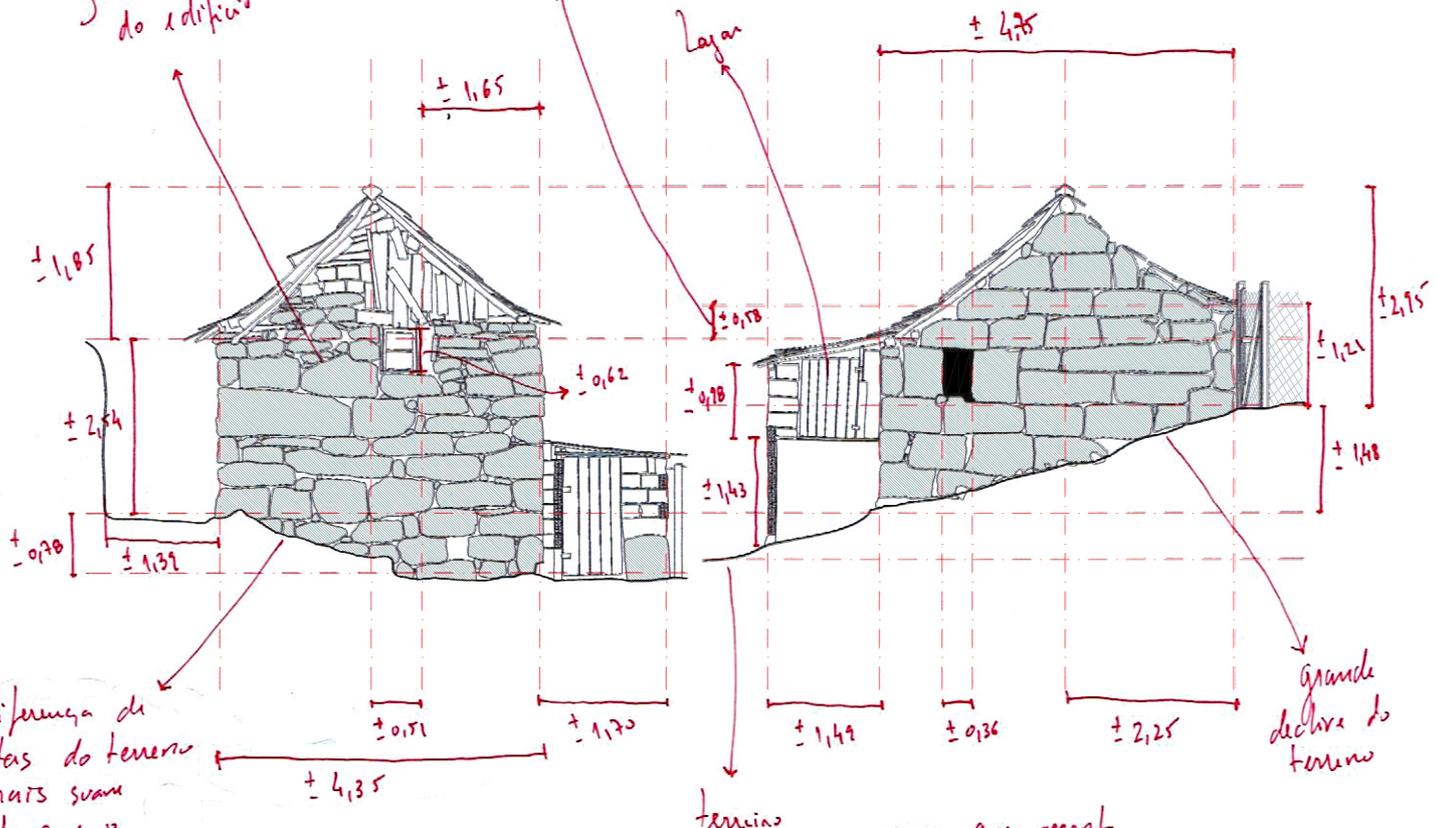


Corte de maiores dimensões para gado de maior porte



percebe-se a altura máxima da construção
 Zona mais alta do edifício

declive antes o limite de ambas as águas do telhado → uma diferença de quase 60 cm → leva a um desnívelamento do mesmo



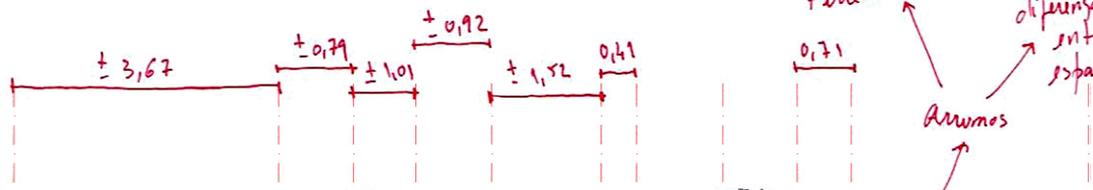
diferença de cotas do terreno mais suave do que o lado oeste do edifício

Grande declive do terreno

terreno

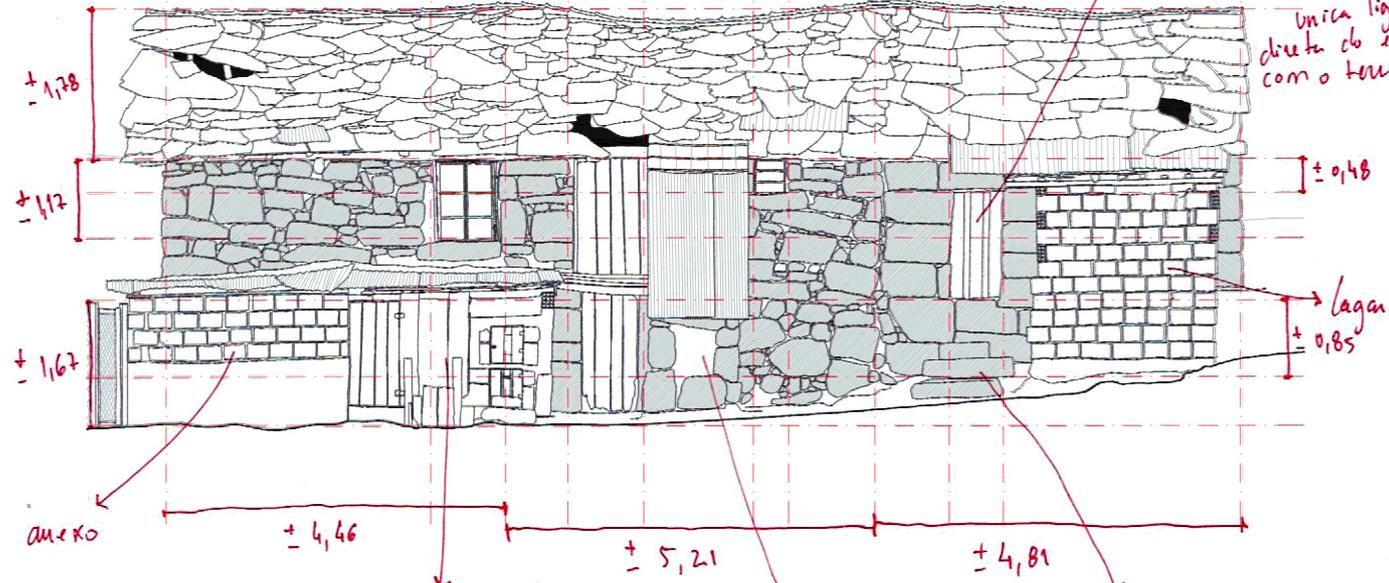
Zona que assenta diretamente no terreno

diferença de 0,85 m entre o piso do espaço dos arcos e a cota do terreno



Arcos

única ligação direta do edifício com o terreno



anelo

Costam a percepção altimétrica do edifício parece menos alta

pequenos cortes para grade de pedras porite

"retrete"

Escada de anelo do terreno

MORFOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

Para elaboração deste estudo morfológico, utilizamos como ferramentas de trabalho, essencialmente, o reconhecimento *in situ* da construção como também uma análise sobre os seus desenhos planimétricos.

A clara divisão entre espaços, distintamente marcada por paredes interiores estruturais, como se verificou na análise anterior, é um dos primeiros indícios que é legítimo abordar para destacar as várias fazes de construção do caso de estudo. É também notória a diferença no dimensionamento e aparelhamento da pedra, principalmente entre as divisões dos “arrumos”^a e do resto da casa, como se pode constatar na análise da figura 58. Esta é reforçada com a justaposição da alvenaria dessa divisão contra o travamento em cunhais presentes no espaço central, ou seja, da sala/quarto. No alçado sul (figura 57), é visível, na parte correspondente à sala e à cozinha, a presença de cal nas paredes exteriores, não se verificando em mais nenhum alçado e principalmente nem na parede exterior dos “arrumos”, no mesmo alçado sul, reforçando então a suposição de que o bloco dos “arrumos” possa ter sido uma construção posterior ao resto da habitação.

Da mesma maneira, verifica-se indícios semelhantes na relação entre o mesmo espaço central e a divisão da cozinha, no extremo Este do edifício. A alvenaria presente neste espaço, assim como nos “arrumos”, encosta ao bloco da sala, onde se encontram os cunhais, sem que esta tenha qualquer travamento com a alvenaria. Esta decisão construtiva remete para a suposição de que o espaço central possa ter sido a primeira fase da construção do edifício, que hoje se conhece, sendo que após esta tenham sido adicionados os outros dois blocos ao constituído. Consecutivamente, o interior das paredes da sala é totalmente caiado.

Pode-se assumir, assim como os autores Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, que inicialmente este edifício possa ter sido o que eles denominam “uma casa elementar”, ou seja, *“casa (...) cujo plano interior se reduz a um simples compartimento quadrangular (...) onde decorrem todas as funções domésticas. (...) Estas casas encontram-se especialmente em regiões pobres ou serranas cujo isolamento económico ou geográfico constitui um poderoso factor arcaizante”*,⁷³ dando posteriormente lugar à construção que actualmente se conhece.

^a Antiga cozinha, que deu lugar aos arrumos dos últimos habitantes do caso de estudo. Divisão no extremo poente do edifício.

73 OLIVEIRA; [et. al.]. *op. cit.* 1992. p.23

Fig.57 Alçado sul, caso de estudo



Fig.58 Análise morfológica, p.82

Fig.59 Análise morfológica, p.83



temete entre placas
de xisto de morfologias
diferentes

→ imposta intervenção
posterior

→ à direita
não maiores



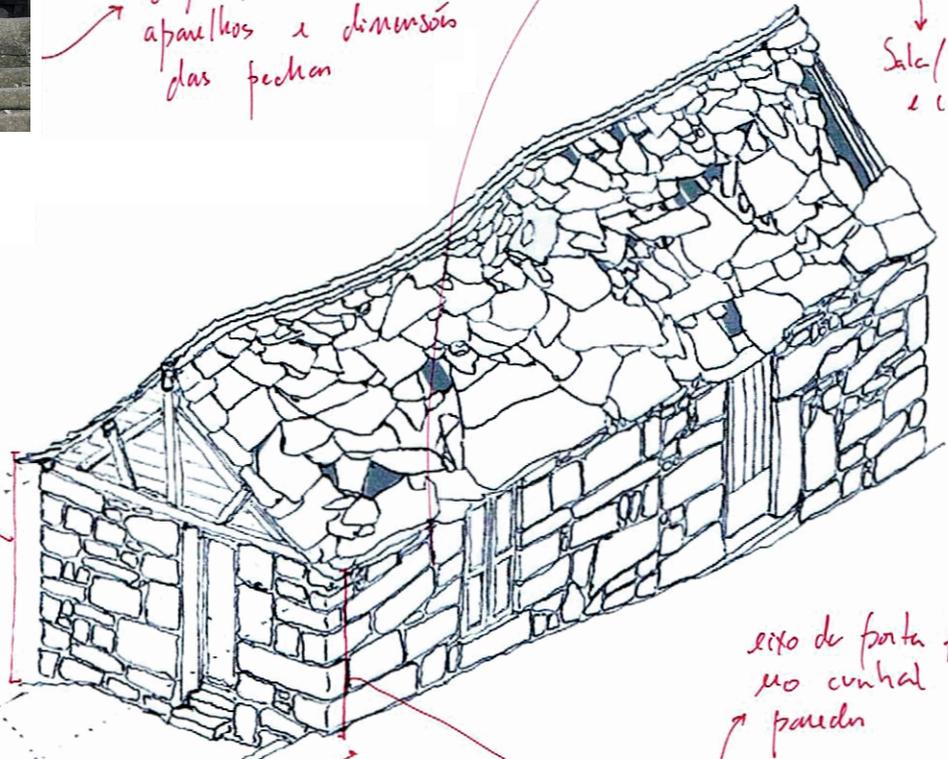
→ paredes lado Norte
não curvadas

→ diferença entre os
aparelhos e dimensões
das pedras

→ paredes exterior
caídas

→ Sala / quarto
e cozinha

alvenaria com
pedra maior e
melhor talhada



→ eixo de porta fixa-se
no cumhal das
paredes

→ possivelmente
construído à
posteriori

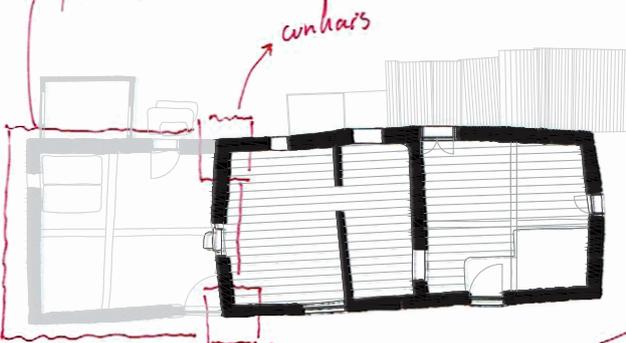
→ paredes do alçado
sul que não
são curvadas

→ espaço dos
"arrumos"



→ paredes interiores
com presença
de cal

Supõe-se
que tivesse sido
uma parede exterior





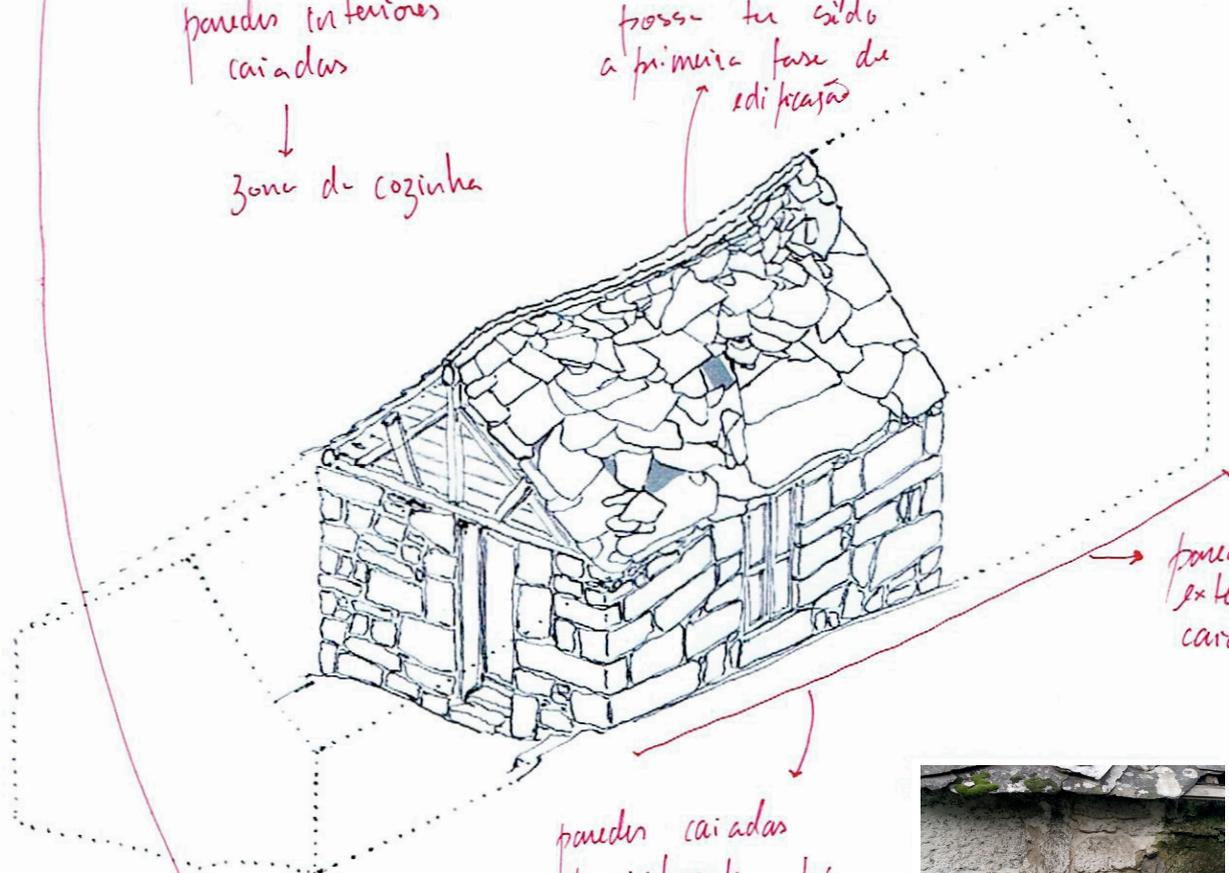
Janela encosta-se e
fixa-se ao cinzel
de parede

assim como tambem
as pedras abaixo
de janela

encostam-se à
parede do cinzel
para travamento

paredes interiores
caídas
↓
Zona de cozinha

acredita-se que
pode ter sido
a primeira fase de
edificação



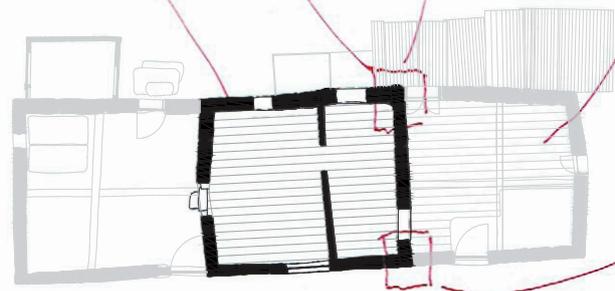
paredes
exteriores
caídas

paredes caídas
possivelmente após
a edificação do
bloco de cozinha



suposto volume
principal

contorno



presença de junta
na sobreposição
entre as paredes

parede da
cozinha com
a parede da
sala

OS MATERIAIS

Na composição do edifício verifica-se a predominância da madeira e da pedra como materiais principais da construção. Estes são materiais naturais e provavelmente provenientes do lugar onde se inserem ou da sua proximidade. Para além destes, também se encontram, mas em menor escala; o betão, a cal, a telha e o ferro.

A pedra: É o principal material utilizado no edifício e é importante pelo seu uso estrutural na construção. Contudo, são presentes dois tipos de pedras distintas e que seguramente desempenham funções diferentes, sendo elas, o granito e o xisto. A pedra granítica é usada principalmente na formação da alvenaria de todas as paredes estruturais, com espessuras entre os 30 a 40 centímetros, mas com proporções bastante variáveis. Para além deste uso bastante comum, a pedra é usada também doutras formas, particularmente como pavimentação da zona da antiga cozinha. O outro tipo de pedra usado na construção, o xisto, presente sobre a forma de placas que sobrepostas umas nas outras constituem a cobertura do telhado do edifício.

A madeira: Constitui praticamente o material de toda a estrutura secundária do edifício, como por exemplo, da estrutura dos pavimentos assoalhados da sala e da cozinha, como de toda a estrutura do telhado que suporta as placas de xisto. A presença da madeira, na sua maioria, é sobre a forma de vigas e tabuados, independentemente das suas dimensões e aplicações. Para além destas utilidades, a madeira está também presente na composição das portas e de algumas caixilharias, como também do forro do baixo tecto da sala e de todo o mobiliário da habitação.

Outros Materiais: A maioria dos materiais ainda a referir pressupõe-se que tenham sido adicionados muito posteriormente à origem do edifício.

i) o betão: a sua presença no edifício é um indício das possíveis intervenções no mesmo, nomeadamente, no chão da lareira, na varanda de acesso à casa de banho e no lagar adjacente à construção.

ii) a argamassa de Cal: essencialmente usada no acabamento das paredes exteriores, em algumas juntas da alvenaria de pedra, como também no revestimento das paredes interiores, particularmente nas da sala.

iii) o tijolo: usado principalmente na alvenaria das paredes dos anexos e em telhas que cobrem a “retrete” e a cumieira do telhado.

iv) o metal: na sua maioria está presente em chapas de zinco, usado para a cobertura dos anexos, para as paredes da “retrete”, para remendos no telhado e na protecção da madeira de algumas portas exteriores. Também é visível a presença do metal na composição das caixilharias das janelas.

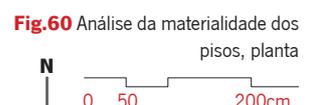
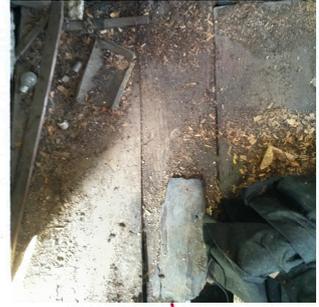


Fig.61 Análise da materialidade, axonometria poente-sul, p.86

Fig.62 Análise da materialidade, axonometria nascente-norte, p.87



Soalho de madeira
 ↓
 aplicado perpendicularmente
 à estrutura de madeira

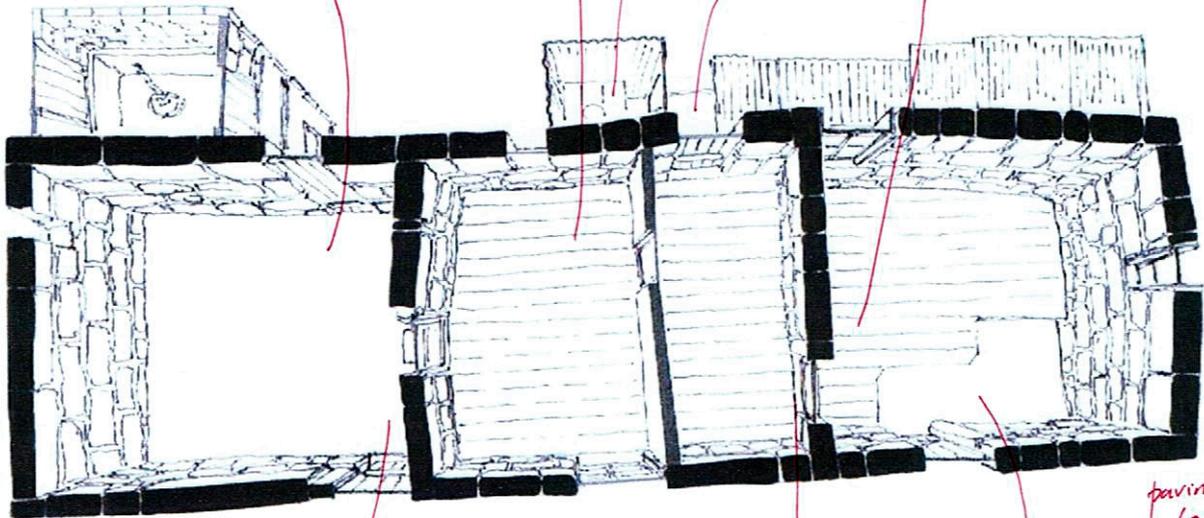


Soalho de madeira
 ↓
 semelhante em
 todas as dimensões
 revestidas com
 o mesmo material



pavimento em
 blocos de pedra
 ↓
 possivelmente
 assentes sobre
 a faixa devidamente
 talhada e alçada

"utelet"
 em madeira
 Varanda em
 betão



pavimento de
 lajeira em
 betão
 ↓
 proveniência
 incêndio
 do soalho

pavimento em pedra
 com alguns revestimentos
 em betão



intervenção
 posterior
 ↓
 agravado da
 adaptação do
 espaço para uma
 cozinha



espaço maioritariamente
 ocupado com entulho

Junção
 do soalho de
 madeira com
 a soleira de
 betão





telhado em placas de xisto

placas de diversas dimensões e formas irregulares

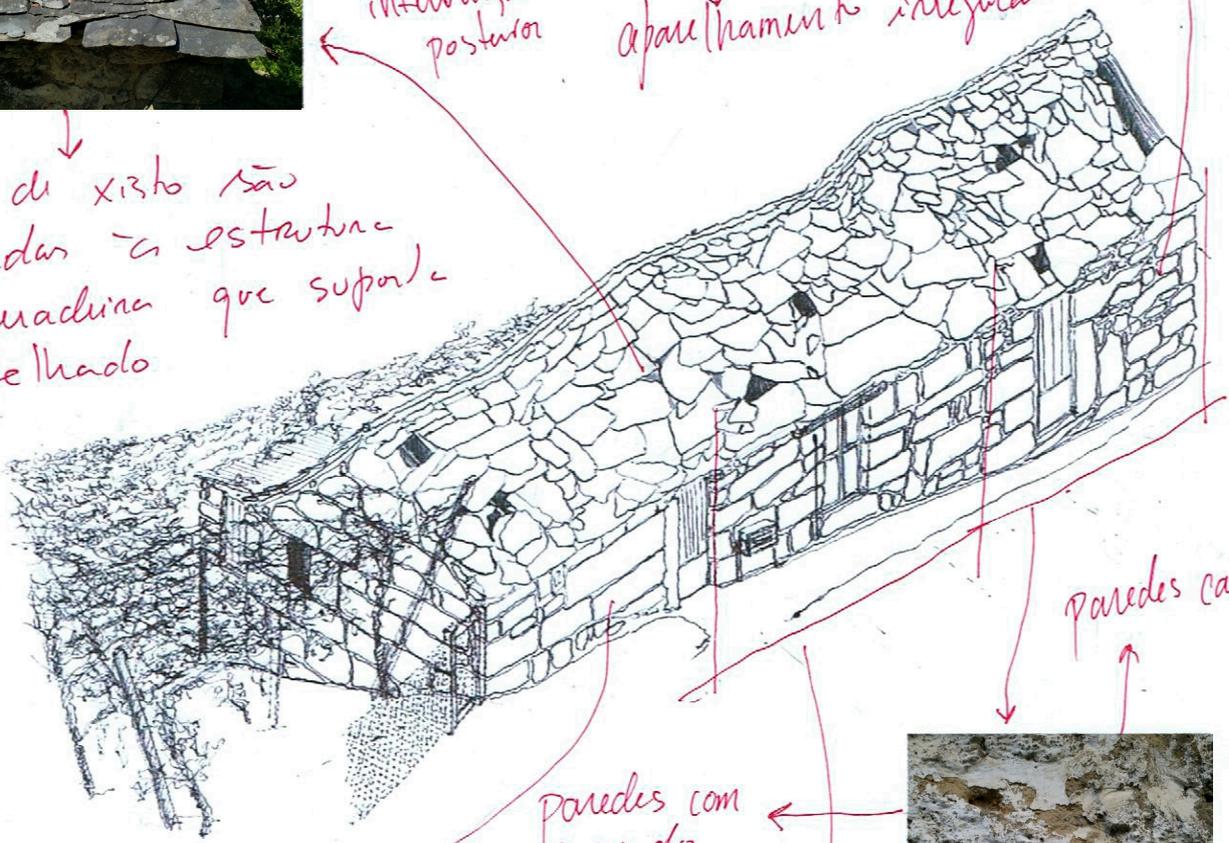
Alvenaria em pedras de granito



comiça no telha
interunção posterior

pedras de menor dimensão
aparelhamento irregular

placas de xisto são pregadas à estrutura de madeira que suporta o telhado



paredes caiadas

Alvenaria em pedras de granito

paredes com um caiado mais pobre
degradação mais evidente



melhor emparelhamento de pedras

paredes com caiado mais cuidado



pedras de maiores dimensões

Chapas de zinco ondulado

paredes de "retrate"



Lazas em betão com paredes revestidas com tijolos



telhado em placas de xisto

parede em tijolo

chapas de zinco ondulado

chapas de zinco ondulado

"retrate" com cobertura em telhas

Chapas de zinco ondulado

lazas em betão

"escadas" em pedra

varanda em betão

tijolos para prevenia incêndios da lareira

muro de pedra e betão

Anexo em tijolo acente sobre um muro de pedra

madeira utilizada na empena do lado nascente do edifício



Alvenaria em pedra granito

AS MARCAS E PATOLOGIAS

O estado actual em que se encontra a construção é a consequência do seu abandono e dos problemas que com o tempo foram surgindo na construção, sobretudo por falta de manutenção. Este, actualmente, apresenta-se em ruínas e num processo de degradação progressivo, mas ainda são passíveis de serem analisadas as causas que o levaram a este estado. Deste modo, pretende-se identificar as principais marcas e patologias presentes na construção, assinalando, sobre os desenhos do edifício, o seu local aproximado e recorrendo sempre que possível à identificação fotográfica das mesmas.

A incapacidade do caso de estudo lidar eficientemente com as intempéries, tornou-se o factor principal que mais influenciou no agravamento do seu estado actual, consequentemente pela presença da água em materiais como a madeira, mais visível sobre a estrutura que suporta o telhado, sendo possivelmente o maior causador de várias outras anomalias e patologias registadas. E assim, quando se verifica um telhado neste estado não é surpresa encontrar outras tantas patologias que dele derivaram.

Consequentemente a esta anomalia, os pavimentos no edifício apresentam um acelerado estado de degradação que impede o seu seguro acesso, causado pela infiltração da água na estrutura de madeira dos pisos e pelo difícil enxugamento dos mesmos, contribuindo para o seu apodrecimento. Assim também acontece com o tecto em placas de madeira presente na sala, encontrando-se igualmente apodrecido e destruído quase por completo.

Nas paredes, tanto no exterior como no interior, são visíveis marcas derivadas das anomalias da construção, sendo mais frequentes dois tipos, nomeadamente, umas causadas pelo escoamento de água e outras pelo ressalto da água provenientes da precipitação, verificando-se ambos um pouco em redor de todo o edifício. As marcas provenientes do escoamento de água encontram-se principalmente nas paredes Norte e Sul, as mesmas onde assentam os dois panos do telhado, e que, pela falta de equipamento para a sua recolha, conduzem a água projectada pelo telhado pelas paredes abaixo. Relativamente às marcas provenientes do ressalto da água da precipitação encontram-se principalmente perto do solo e atingem cerca de 20 a 50 centímetros de altura.

O apodrecimento da estrutura de madeira que suporta o telhado, potencia que os pregos, que fixam as placas de xisto, cedam e as placas deslizam ou caiam do telhado, criando aberturas que agravam as anomalias presentes no edifício. Desta análise é perceptível que a presença da água nos materiais que compõem a estrutura do edifício é um problema grave para a preservação dos mesmos e da estabilidade da construção.

Fig.63 Análise das marcas e patologias, planta

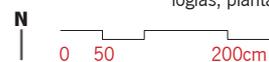
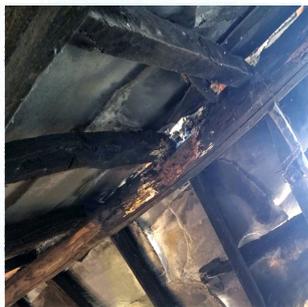


Fig.64 Análise das marcas e patologias, axonometria poente-sul, p.90

Fig.65 Análise das marcas e patologias, axonometria nascente-norte, p.91

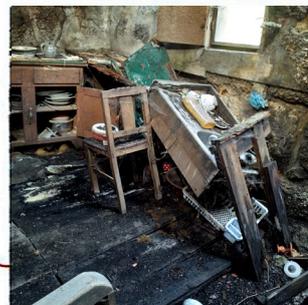
Cedência das placas de xisto da estrutura de madeira

marcas de escoamento de água nas paredes interiores



apodrecimento da estrutura de madeira que suporta o telhado

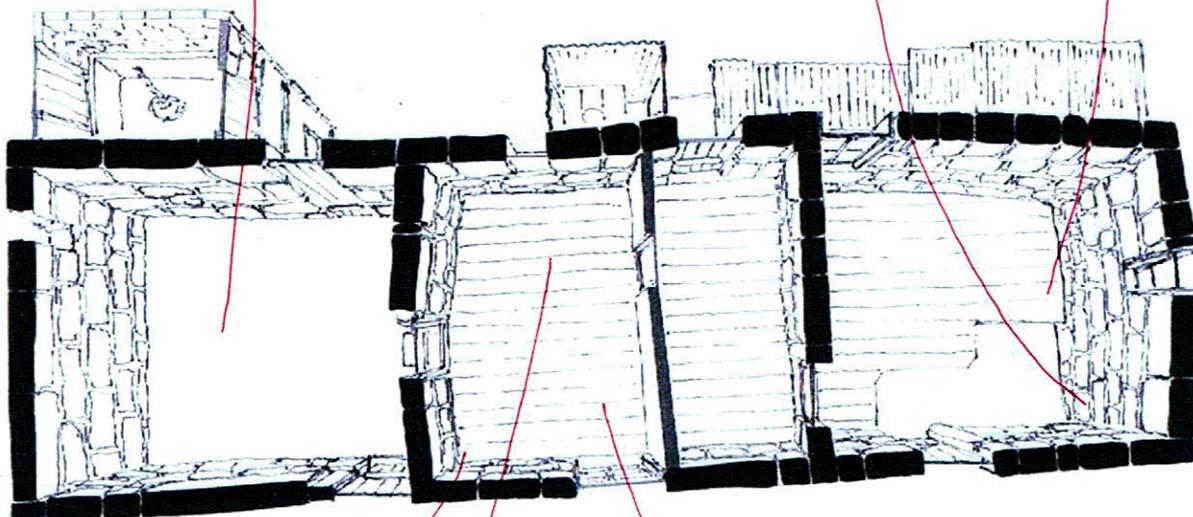
permite a infiltração de água no interior



marcas de presença de água na estrutura do telhado

apodrecimento de madeira

apodrecimento e destruição de mobiliário interior



marcas de escoamento de água nas paredes interiores

apodrecimento de algumas zonas do soalho

soalho despregado da estrutura

apodrecimento do tecto falso da Sala quente

causado pela infiltração de água no interior do edifício



problemas na fixação das placas de xisto na estrutura do telhado



→ Marcas do escoamento de água do telhado



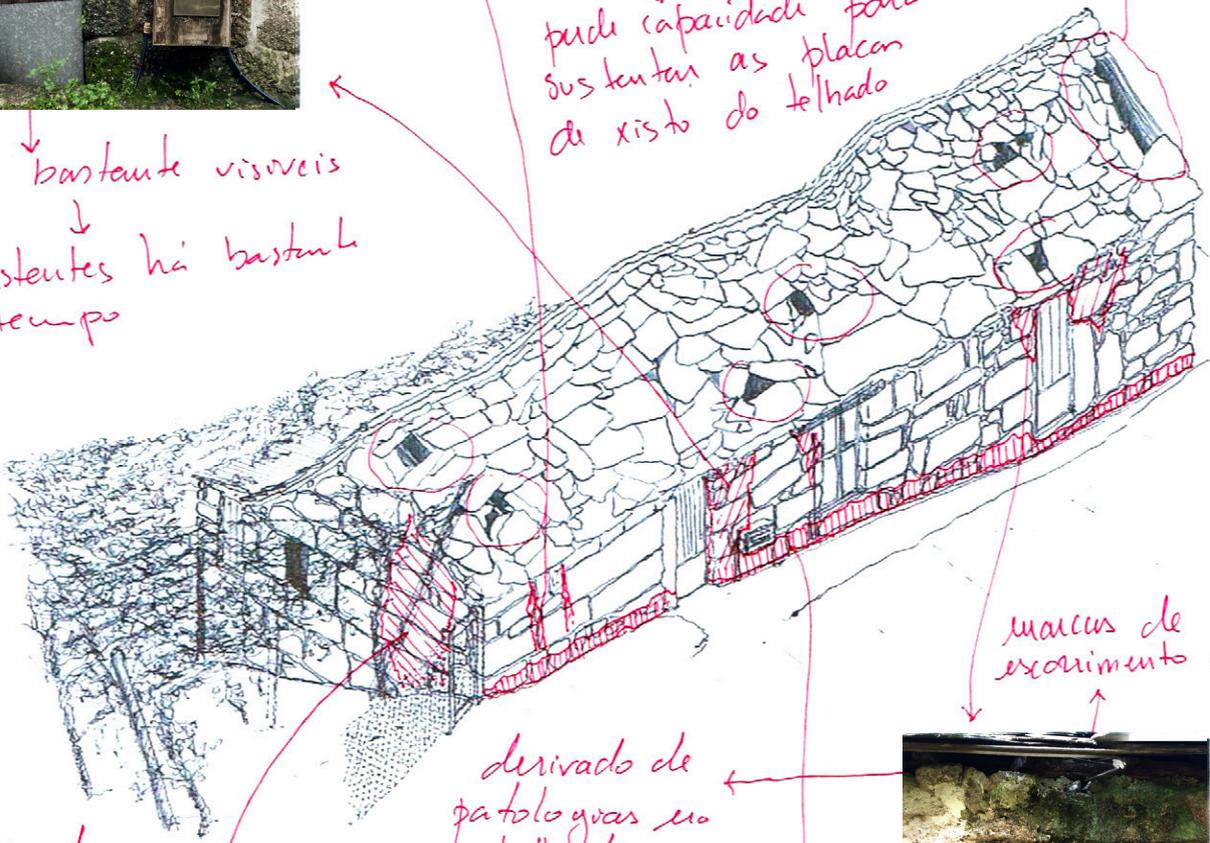
← infiltração de água na estrutura de madeira do telhado

↓ apodrecimento da madeira

↓ perde capacidade para sustentar as placas de xisto do telhado



↓ marcas bastante visíveis existentes há bastante tempo



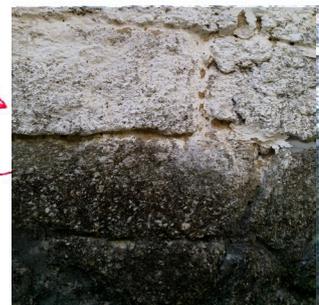
↑ marcas de escoamento de água



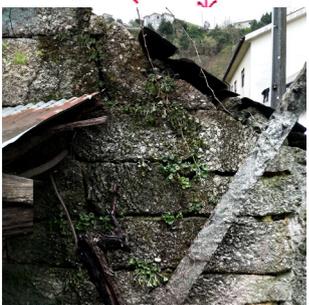
← derivado de patologias no telhado

↑ marcas predominantes nas paredes de cada ajuze do telhado

↑ marcas do ressalto da água da chuva



↑ marcas do escoamento de água



↓ crescimento de plantas nas marcas de escoamento de água

origina as infiltrações de água no interior e no escoamento pelas paredes

Cedência de algumas placas de xisto



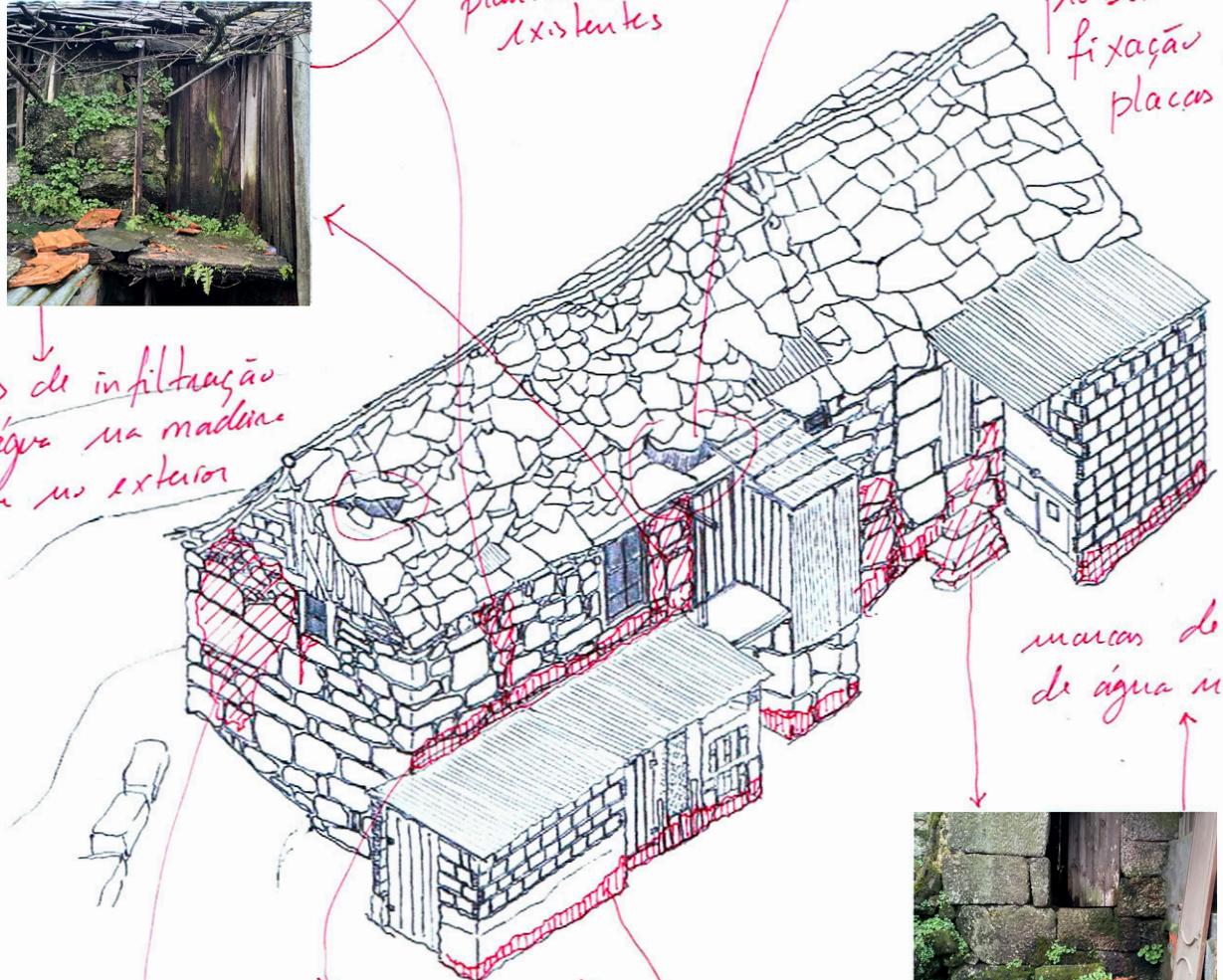
→ marcas de escoamento de água do telhado

presença de plantas nas marcas existentes

problemas de fixação das placas de xisto



→ marcas de infiltração da água na madeira presente no exterior



→ marcas de presença de água na parede

→ marcas do ressalto da água da chuva



→ marcas de escoamento de água e crescimento de plantas



→ marcas do ressalto da água da chuva



OS USOS NA HABITAÇÃO

Na elaboração desta análise, recorreu-se ao auxílio de uma entrevista a Edite Pinheiro, mãe do autor, que durante a sua adolescência foi vizinha dos habitantes desta casa e que cuidou de Emília Ribeiro, última ocupante, nos seus últimos anos de vida. A escolha da entrevista n.º2 para esta análise baseou-se na relação próxima que Edite tinha com a dona Emília, assim conhecida, e na habitual interacção directa com a casa no seu dia-a-dia. Para complementar a análise resultante da entrevista, é feito um paralelismo com algumas citações de exemplos de usos de habitações que se enquadrem com os que eram comuns nesta casa.

a Chouriços de sangue

A cozinha: *“Aí se reúnem as pessoas da casa e se recebe quem aparece de fora, se cozinha, se come, se trabalha, os homens compondo as alfaias, as mulheres fiando e cosendo”*.⁷⁴

“Tinha a ladeira, no canto, com um sarilho, que é uma peça com vários paus para depois pendurar as moiras.^a Também tinha um escano, é tipo um sofá em madeira. (...) A janela da cozinha, a pequenina, era o miradouro deles para ver quem passava. A outra janela tinha lá uma cadeira onde ela ia para lá costurar”.⁷⁵

A sala: *“A sala é mais rara e mais pobre, e para as funções cerimoniais improvisa-se, quando é preciso, um recanto asseado”*.⁷⁶

“Na sala tinha a cama dela encostada à janela, tinha uma mesa perto da porta e tinha também duas caixas. Não tinham guarda-fatos, arrumavam tudo nas caixas, (...) eram os moveis antigos. (...) Só abriam a sala para a Pascoa ou quando ia o medico a casa e se fossem lá visitar, senão era sempre na cozinha”.⁷⁷

A outra cozinha: *“Na grande maioria dos casos (...) o forno do pão é construído dentro da cozinha, ao lado da lareira, chegado a um canto (...)”*.⁷⁸

“Na outra cozinha tinha uma gamela de fazer o pão ao pé da porta de baixo, tinha o forno num canto encostado. (...) O chão do forno é em pedra como lá está. (...) A outra cozinha, onde morava a sogra, foi sempre para arrumos, onde o filho tinha lá as ferramentas e tinha lá uma pipa”.⁷⁹

Outros usos: *“Também usavam o lagar, tinham aquela ramada toda, à volta da casa até lá acima à estrada. Aquela ramada é a que lhes dava o vinho. (...) E tinha um tear, por baixo da sala onde era mais alto, e ela ia para lá tear, fazia mantas era isso que ela fazia”*.⁸⁰

⁷⁴ OLIVEIRA; [et. al.]. *op. cit.* 1992. p.134

⁷⁵ Entrevista n.º2

⁷⁶ OLIVEIRA; [et. al.]. *op. cit.* 1992. p.134

⁷⁷ Entrevista n.º2

⁷⁸ OLIVEIRA; [et. al.]. *op. cit.* 1992. p.43

⁷⁹ Entrevista n.º2

⁸⁰ Entrevista n.º2

CRONOLOGIA DAS OCUPAÇÕES

Fig.67 Esquema de ocupações da família de José Alves (pais e irmão)

As ocupações dos espaços da casa sofreram alterações durante os anos, com principal influência nas famílias que ali residiam. Nesta análise recorreu-se à entrevista a José Rito, sobrinho de José Alves e Emília Ribeiro^a, e que frequentava aquela casa desde a sua infância, principalmente para visitar a sua avó que também lá residia. José Rito refere também a quantidade de pessoas que moravam em Barral aquando da sua adolescência:

Na minha altura havia muito mais, já foi tudo embora. (...) Em Barral aquelas casas estavam todas habitadas, mas todas, e algumas já foram embora, já foram "alagadas". Havia muito povo ali em Barral, muito, muito. Do meu conhecimento já não vejo muita gente como lá havia. (...) Num 'casolinho'^b (...) vivia lá duas ou três pessoas.⁸¹

Para a análise sobre a cronologia das ocupações, considera-se a divisão em três fases principais e minimamente distintas, marcadas por acontecimento específicos que influenciaram as ocupações no edifício.

Numa primeira fase (figura 67), pelo menos à qual se obteve informação, a casa era ocupada em dois dos três espaços, com a cozinha na divisão a Oeste e sala/quartos na central, ocupada pelos pais e irmão de José Alves.

Eu ia lá ver a minha avó (...), a minha avó morava lá no lado do lagar. Lá é que era a cozinha, era lá que tinha o forno (...). Aquilo era tudo da minha avó. (...) (Os filhos) Em solteiros moravam juntos, na casa. (...) A retrete era cá fora (...) tinham pra lá uma 'casebresito' ou um barraco, mas era cá fora.⁸²

Consequentemente à fase adulta dos filhos e com as heranças distribuídas, José Alves com a sua família dividiam a casa com a sua mãe (figura 68), tendo restaurado a parte que antes serviria de arrumos para dar lugar à sua própria cozinha, concluindo assim que a habitação passou a ter duas cozinhas, ou seja, uma para cada família.

Depois mais tarde o meu tio é que compôs a cozinha de cá. (...) Eles eram dois irmãos, tocou metade para cada um, o meu pai ficou com a metade do terreno de lá e a casa do Barreiro e ao meu tio José Alves tocou o quintal e a casa. (...) Onde agora é a cozinha antes eram arrumos, mas depois deu uma 'ajeitadela'.⁸³

Após a morte da mãe de José Alves (figura 69), a habitação passa para sua propriedade, e a zona à qual pertencia a cozinha da sua mãe, deu lugar aos arrumos da família. Após esta terceira fase de ocupações, não se verificaram outras que se destacassem, sendo estas últimas possivelmente as que permaneceram até ao abandono do edifício.

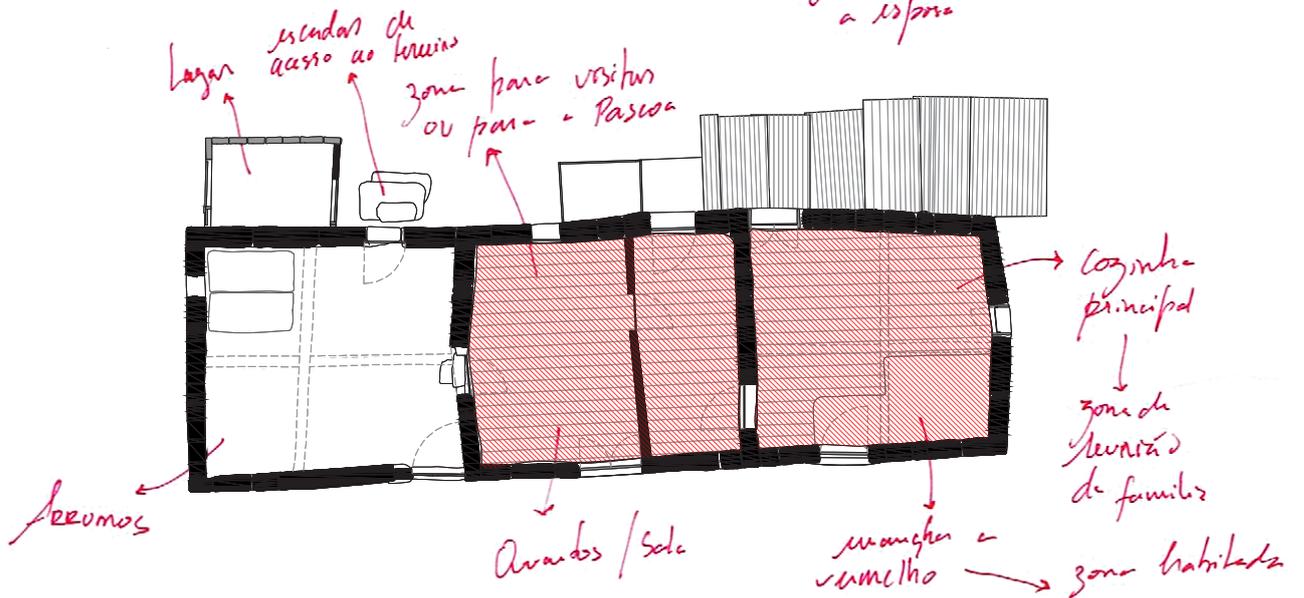
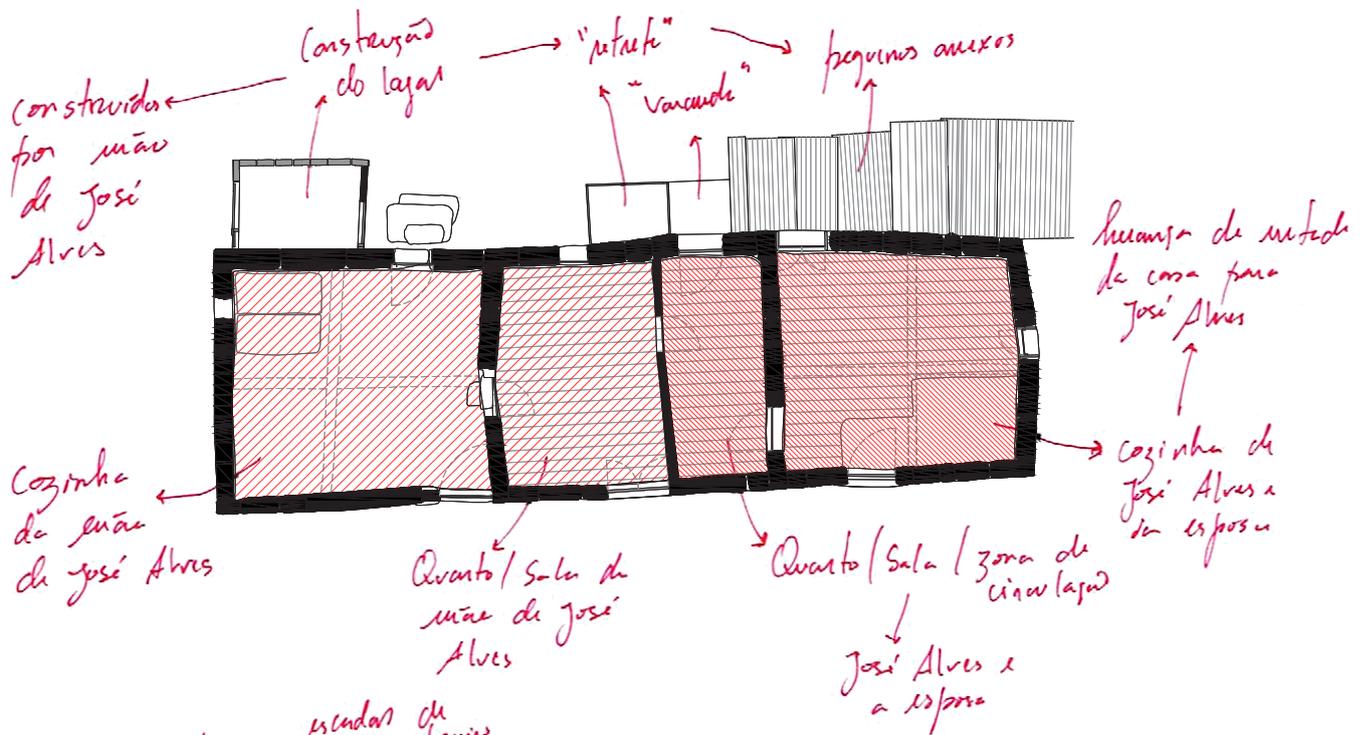
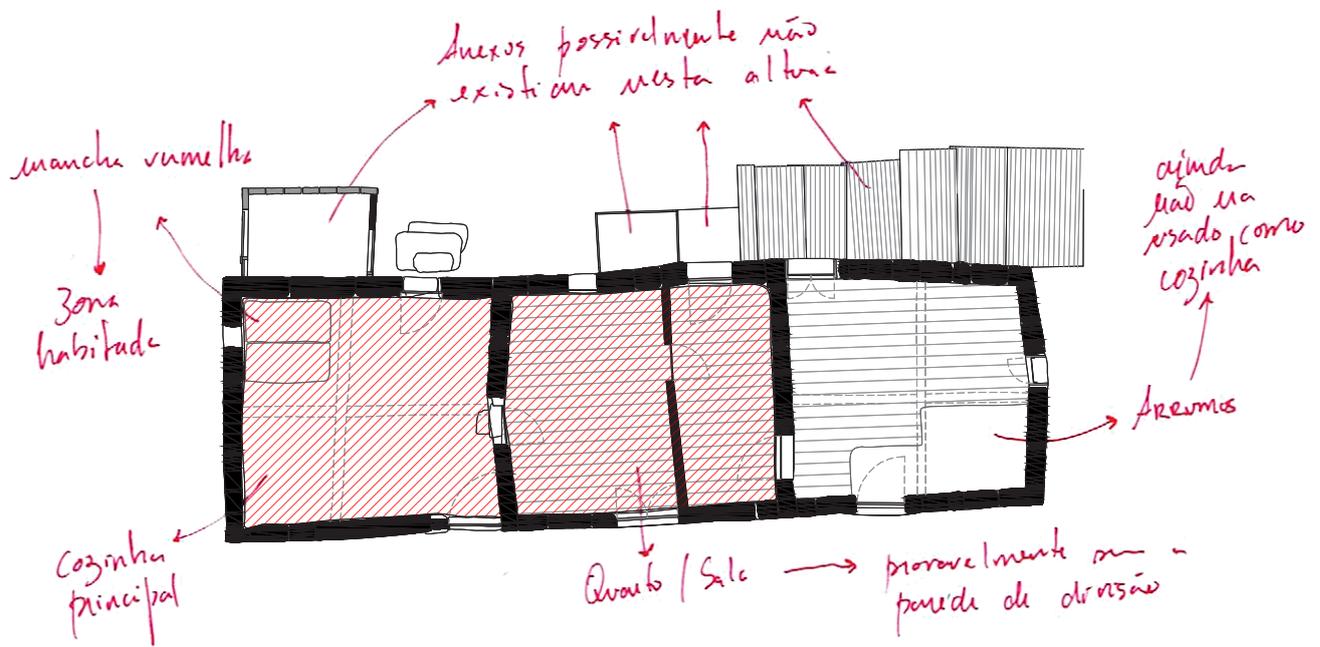
^a José Alves e Emília Ribeiro, última família a habitar no caso de estudo.

^b Nome ao qual José Rito usa quando se refere a casa de pequenas dimensões.

Fig.68 Esquema de ocupações após distribuição das heranças a José Alves e ao irmão

Fig.69 Esquema de ocupações após a morte da mãe de José Alves

⁸¹ Entrevista n°3
⁸² Entrevista n°3
⁸³ Entrevista n°3



OS VÃOS

Na casa, os vãos presentes são em número reduzido e maioritariamente de pequenas dimensões, possivelmente por questões económicas, pelo elevado preço dos vidros, das caixilharias e das ferragens, e pelo uso destes vãos essencialmente para iluminação e ventilação. O facto de existirem poucos e pequenos vãos, faz com que o interior da casa seja escuro e sombrio. Assim é na proximidade e relação com estes que se desenrola a vida dos seus habitantes.

Nesta análise destacam-se dois tipos de materiais que constituem as principais estruturas dos vãos, nomeadamente a madeira e o ferro. As portas exteriores, em madeira, são o modo de relação directa entre as divisões da habitação e o terreno envolvente, sendo as do alçado Sul de acesso principal à casa. A porta da cozinha, onde se sentavam para apanhar sol, possui uma chapa metálica, assim como a porta dos arrumos, na parte inferior próxima ao solo, com a finalidade de as proteger da água da chuva projectada contra a madeira. A porta da sala para o exterior, de construção distinta de todas as outras, possui, em alternativa à chapa metálica, um caleiro em PVC acima da mesma, de modo a recolher a água que escorre pelo telhado, concedendo a este acesso uma primazia digna para receber os convidados.

As caixilharias das poucas janelas existentes são em ferro, que emolduram pequenos pedaços da paisagem. Usados como meio de iluminação passiva, principalmente no Inverno, como também para ver o exterior e quem passa. Estes vãos são frequentemente auxiliados por aros, batentes ou ombreiras em madeira, assim como também pequenas portadas que servem para cerrar a luminosidade exterior.

Os vãos interiores são usados para acesso entre os espaços, construídos igualmente em madeira, mas de espessuras consideravelmente menores face às exteriores.

De todas os vãos, existem dois que possam ter sofrido alterações nos últimos anos, como forma de responder às necessidades dos habitantes. De entre eles está a janela da cozinha, no alçado Norte, que apresenta dimensões superiores a todas as outras janelas existentes e de que há relatos de supostas intervenções por parte dos últimos donos, mas sem que haja provas em concreto. O outro vão que se supõe que possa ter sido fruto de alterações, é a porta de acesso à varanda, no mesmo alçado Norte, que, assim como é dado a entender por José Rito na entrevista nº3, supõe-se a sua abertura no mesmo momento da construção da varanda e da casa de banho, construídos por José Alves aquando da herança da casa.

Fig.70 Análise sobre os vãos interiores

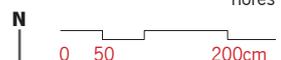
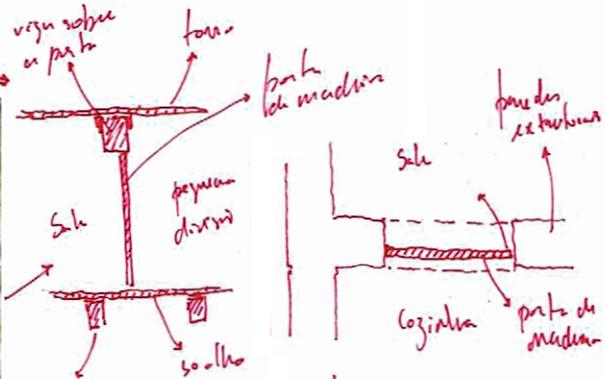


Fig.71 Análise sobre os vãos exteriores dos alçados poente e sul, p.98

Fig.72 Análise sobre os vãos exteriores dos alçados nascente e norte, p.99

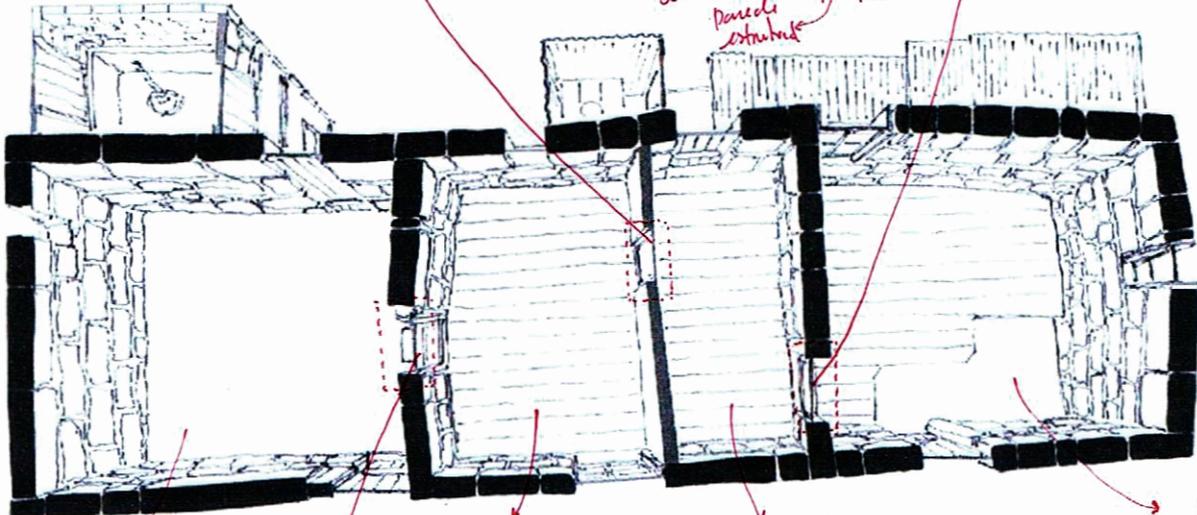




parte a que divide a sala
passagem entre a sala e a pequena divisao
paredes de taboas

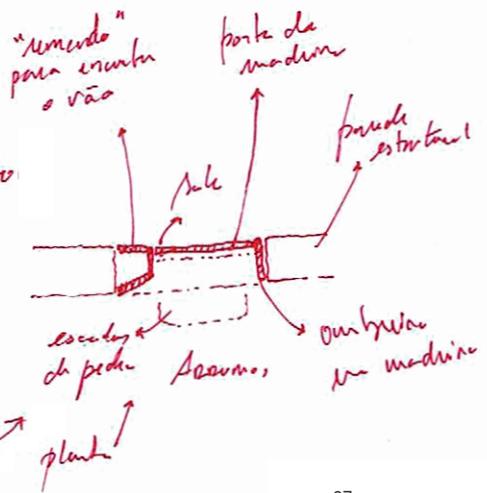
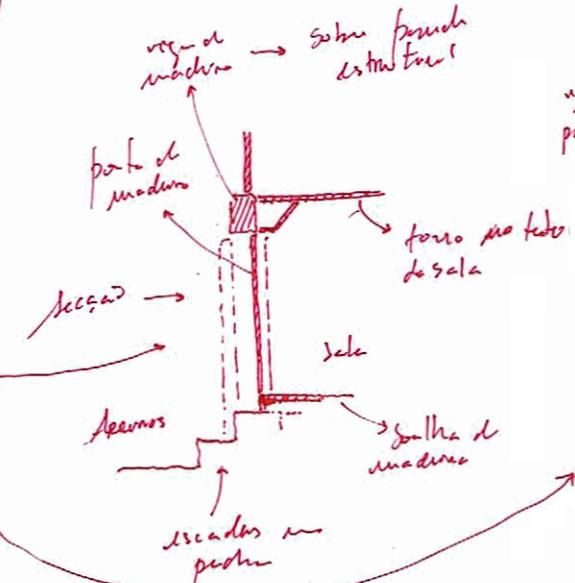


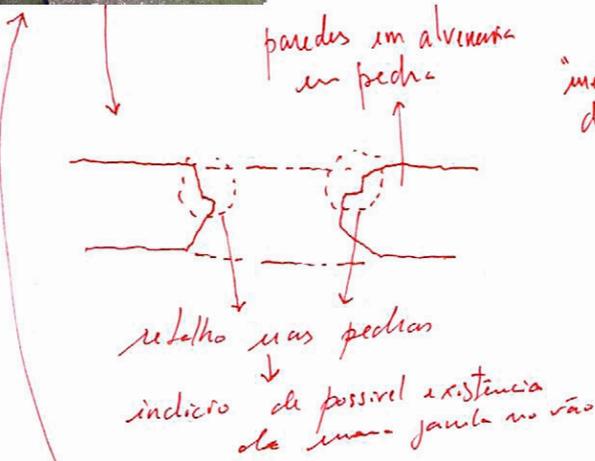
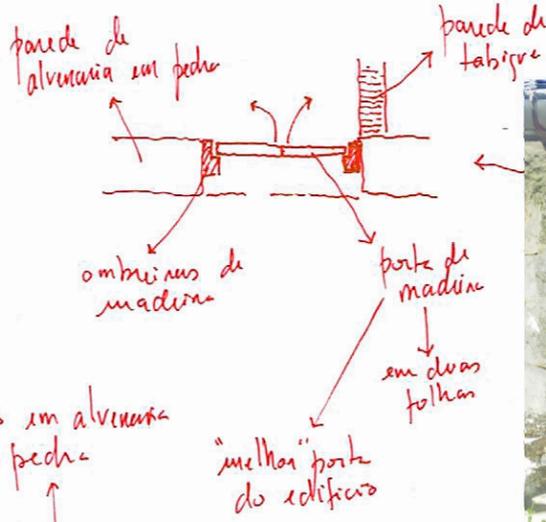
porta de passagem entre a sala e a cozinha



arcos
Sala / quartos
Sala / espaço de circulação
cozinha

porta de passagem entre a sala e os arcos

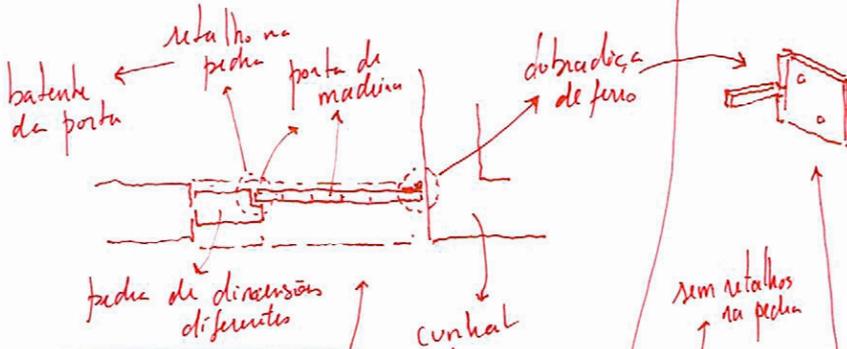
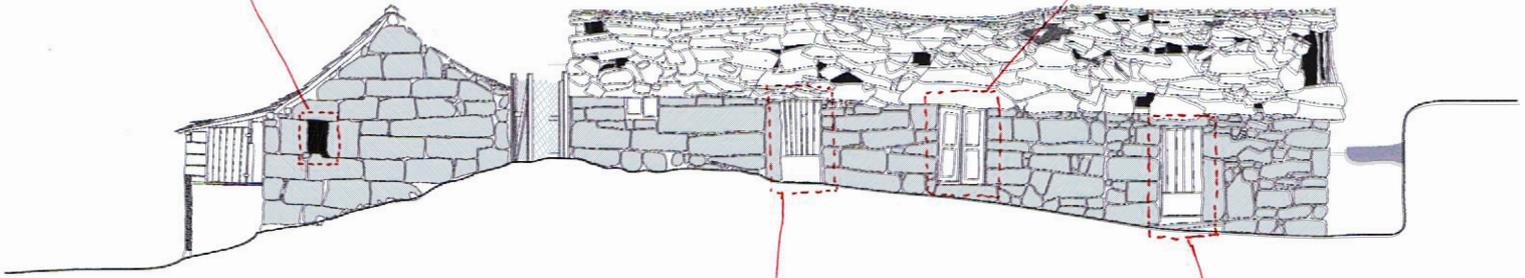




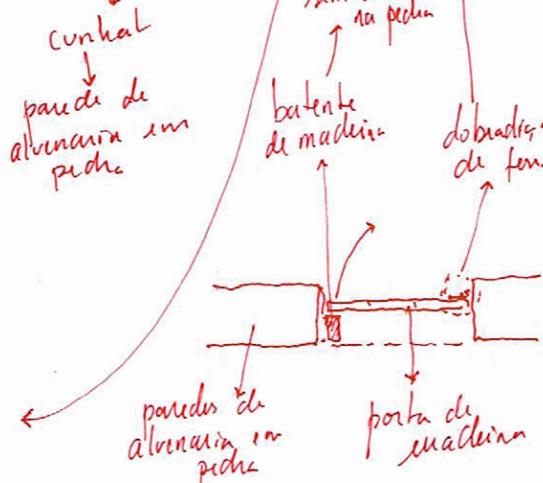
porta sem chapa de zinco para proteção à chuva

↓

existência de calceiro em PVC sob a porta



chapa de zinco para proteção à chuva



chapa de zinco para proteção à chuva

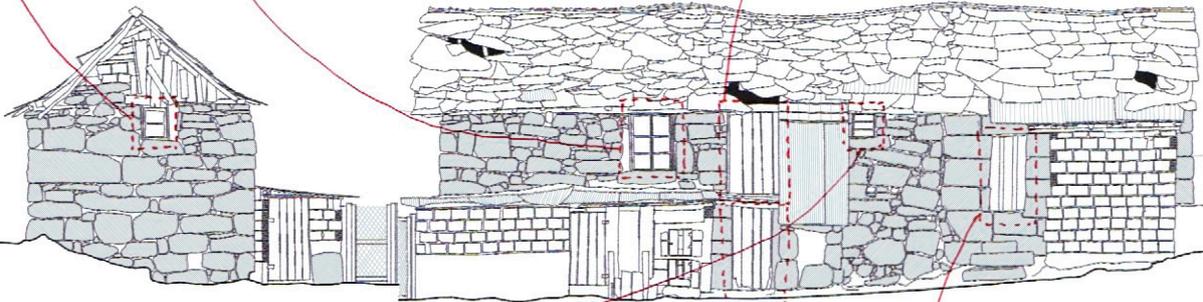
janela com caixilharia em ferro
 pequena porta de madeira
 parede de alvenaria em pedra
 corte em planta
 batentes de madeira
 taboas de madeira em ambas as laterais do vão



parede de alvenaria em pedra
 portinhola em madeira
 taboas de madeira
 janela com caixilharia em ferro
 batentes laterais de madeira



madeira onde se fixam as dobradiças
 parede de taboas
 porta de madeira
 parede em alvenaria de pedra
 batente em madeira
 madeira "retete"



parede de alvenaria
 portinhola em madeira
 madeira onde se fixam as dobradiças do vão
 janela com caixilharia em ferro
 dobradiça em ferro

dobradiça cravada na pedra
 porta de madeira
 estalho na pedra para fazer o batente da porta



Chapa de zinco ondulada "retete"
 dobradiça em ferro cravada na pedra
 para batente o recorte na pedra
 porta em madeira abre para o exterior
 paredes de alvenaria em pedra
 parede pedra do "retete"



OS SISTEMAS CONSTRUTIVOS

O edifício em análise é um exemplo de construção em que os seus sistemas construtivos são facilmente perceptíveis, uma arquitectura simples que utiliza materiais e técnicas construtivas locais, que se adapta à envolvente e à vida dos seus habitantes. Assim, pretende-se fazer um ponto de partida sobre os sistemas construtivos do caso de estudo, assumindo-o como um exemplar de todo este tipo de arquitectura presente na aldeia.

No edifício em estudo, as paredes em alvenaria de pedra granito, que variam entre 30 e os 40 centímetros de espessura, maioritariamente, constituem a estrutura principal da habitação. *“As fundações são directas, em terreno de afloramento granítico superficial que é talhado e alisado, para receber a fundação ou directamente a parede de elevação”*.⁸⁴ As paredes, que assentam sobre a fraga, elevam-se para suportar a estrutura de madeira que constitui o telhado, assim como também toda a estrutura, igualmente de madeira, dos pavimentos da habitação, nomeadamente da sala/quarto e da cozinha.

A estrutura do telhado é construída sobre três asnas semelhante que funcionam em conjunto, mas que apresentam uma constituição distinta das asnas popularmente conhecidas. Estas são a base para o assentamento e suporte das vigas de madeira como: fileiras, madres e frechais, que sustentam uma malha de varas, também em madeira, onde são pregadas as placas de xisto, formando as duas águas do telhado.

A estrutura dos pavimentos é de construção simples e resume-se a um soalho assente perpendicularmente sobre vigas de madeira, que se fixam na alvenaria das paredes, na fraga granítica ou até mesmo, sobre paredes de alvenaria de pequenas dimensões, recorrentes no piso inferior, que servem simplesmente para sustentar estas estruturas. Para além deste tipo de piso, no lugar dos arrumos, o chão é em lajes de pedra de grandes dimensões, que são igualmente assentes sobre a fraga existente.

Os anexos são geralmente construídos em alvenaria de tijolo e betão, assentes sobre fiadas de pedras granito e cobertas por pequenas estruturas de madeiras que sustentam chapas de zinco onduladas.

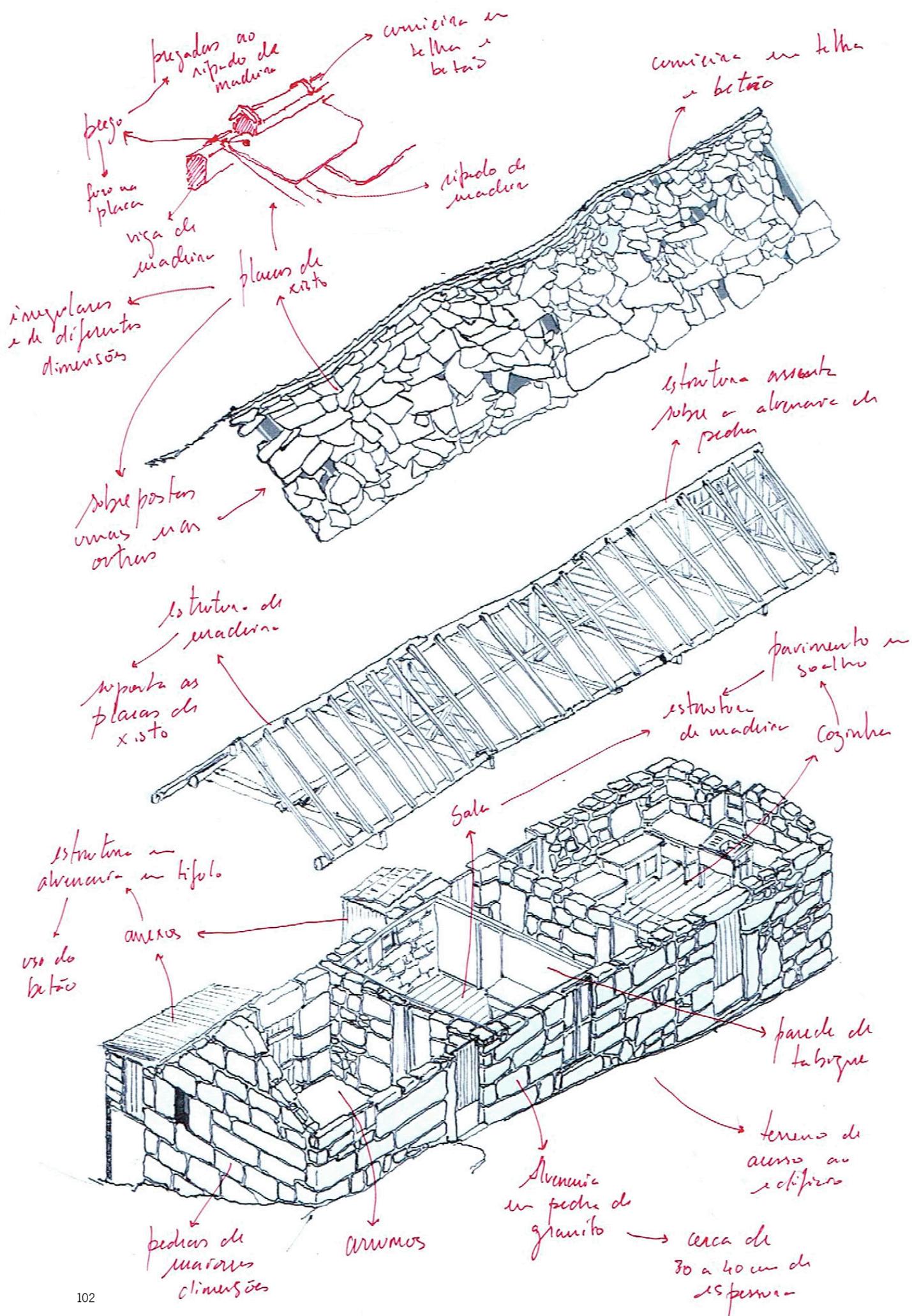
⁸⁴ SALAVESSA, Eunice. *op.cit.*, 2015. p.17

Fig.73 A Casa de Barral



Fig.74 Análise sobre os sistemas construtivos, p.102

Fig.75 Análise sobre os sistemas construtivos, p.103



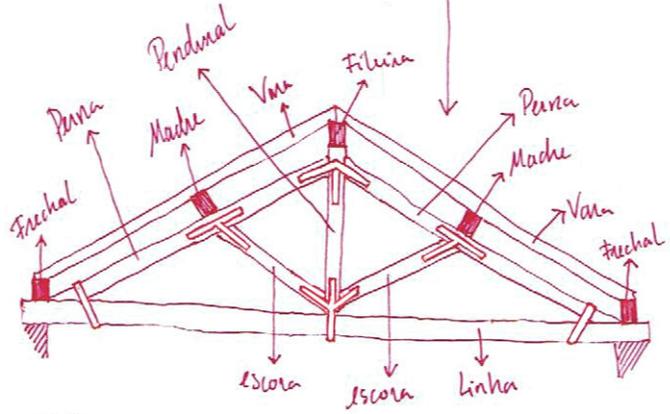
Este sistema estrutural em asna de madeira é replicado nas outras duas asnas existentes no caso de estdo



estrutura da asna existente no caso de estdo

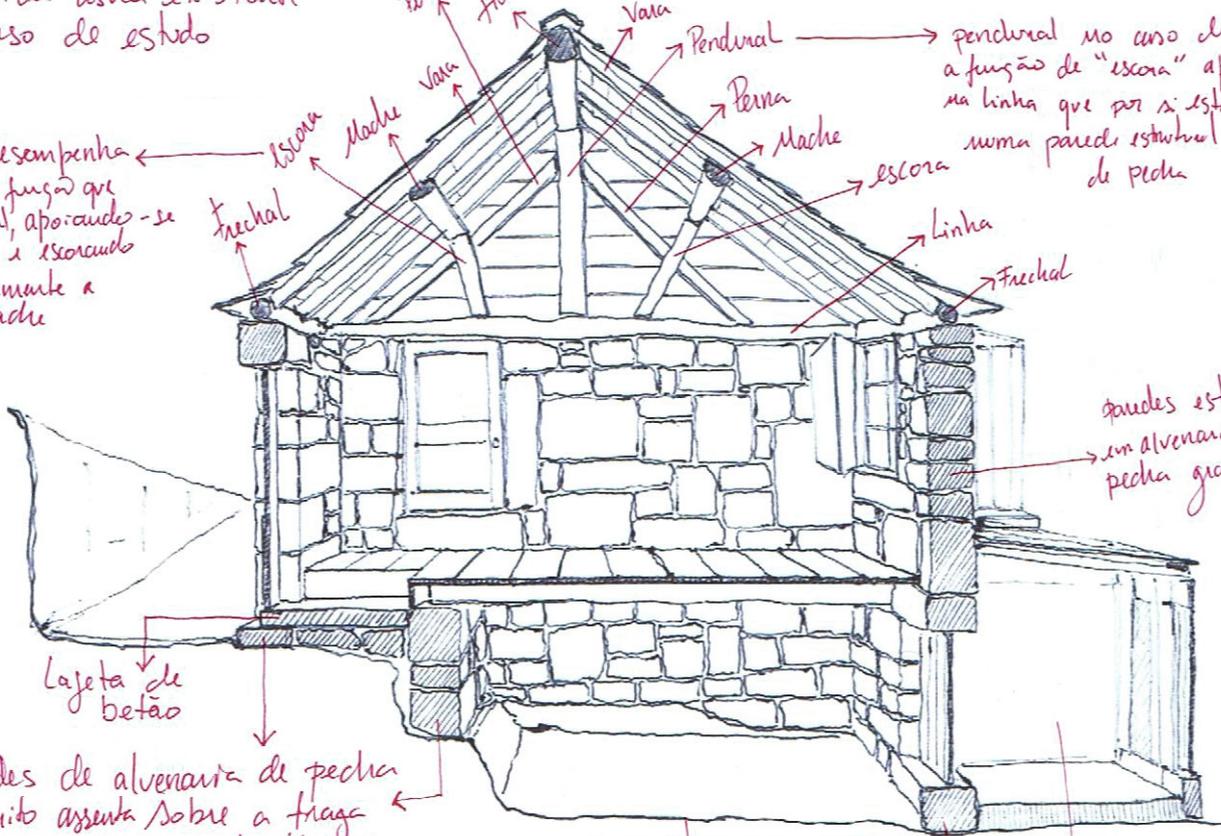
As pernas no exemplo do caso de estdo têm a principal função de cimbrar o pendural e não têm qualquer interação com as escoras

Representação de uma asna simples



Escora desempenha a mesma função que o pendural, apoiando-se na linha e escorando diretamente a madeira

pendural no caso de estdo tem a função de "escora" apoiando-se na linha que por si está encimada numa parede estrutural de alvenaria de pedra

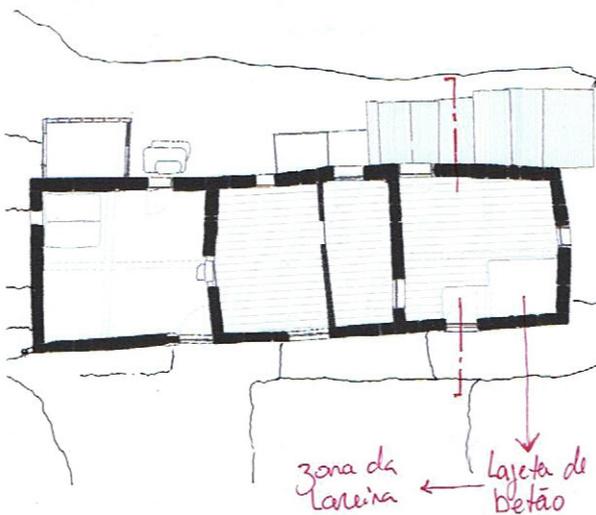


Paredes de alvenaria de pedra granito assenta sobre a fraga talhada e alisada

paredes estruturais em alvenaria de pedra granito

fraga granítica constitui o chão das cortes de gado

pequenos arcos usados como cortes para gado de pequena porte



dois tipos e dimensionamento da alvenaria de pedra granito existente no caso de estdo



3 | ENSAIO COMPARATIVO

Nas feições eruditas da Architectura, a essa atitude humilde de cooperação com a Natureza e aceitação quase fatalista dos seus imperativos, contrapõe-se o desejo de a dominar, com o auxílio de técnicas, em constante transes de aperfeiçoamento; ao utilitarismo, as preocupações estéticas e estilísticas; à rusticidade, a erudição e os requintes urbanos; à permanência, uma inquietação renovadora, com raízes em fenómenos de ordem económica, social, e de outras naturezas, cada vez mais generalizadas e internacionalizadas.⁸⁵

Tendo como base a investigação anteriormente elaborada sobre a “casa de Barral” e o seu contexto, cabe-nos, neste capítulo, enquadrar a sua génese construtiva com exemplos apresentados no *Inquérito à Architectura Regional Portuguesa*, publicado no livro *Arquitectura Popular em Portugal*. Este que possui várias edições, sendo a usada na elaboração deste ensaio, a 2ª edição, publicada num só volume e lançada em 1980.

Esta obra é a publicação de uma série de trabalhos de campo, que decorreram desde 1955 a 1960, por mão de vários arquitectos portugueses, como Fernando Távora, António Menéres, Nuno Teotónio Pereira, José Hertas Lobo, Octávio Lixa Filgueiras, entre outros, na base de uma ideia proposta por Francisco Keil do Amaral. Este Inquérito surge da necessidade urgente de levantamento e registo de um património regional em degradação, que procura evidenciar a importância da relação entre o Homem e o seu meio social, económico e geográfico.

Em três meses de deambulações, percorreram os seis grupos cerca de 50 000 quilómetros, de automóvel, de «scooter», a cavalo e a pé. Detiveram-se em centenas e centenas de povoados, nos quais fizeram cerca de 10 000 fotografias, centenas de desenhos e de levantamentos, e tomaram milhares de notas escritas.⁸⁶

O uso deste livro como base do ensaio comparativo, advém da intenção de procurar enquadrar a arquitectura pouco comum do caso de estudo, ameaçada pelo esquecimento, face a exemplos concretos outrora estudados e registados através do *Inquérito à Architectura Regional Portuguesa*.

⁸⁵ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.288

⁸⁶ *Ibid.*, p.XXIII

Este capítulo é dividido em tópicos que sintetizem as características construtivas do edifício analisado, correlacionando-as com os exemplos presentes e seleccionados do livro *Arquitectura Popular em Portugal*. De entre eles, abordar-se-á:

i) **a estrutura do povoado**: tendo como base os lugares já anteriormente referidos, nomeadamente: o lugar de Barral, da Igreja e da Rua, identificar-se-á as principais características de organização das suas construções e da estruturação dos seus povoados;

ii) **a topografia**: destacar-se-á o vínculo das construções com o terreno e as respectivas relações e funções dos pisos com a envolvente;

iii) **o acesso ao edifício**: serão abordados alguns dos diversos acessos a edifícios e a comparação com o existente no caso de estudo;

iv) **a rua**: neste tópico será relacionada a existência da rua com o contexto onde se insere e procurar-se-á uma relação com outros exemplos existentes;

v) **a relação com a rua**: destacar-se-á os vários usos que os habitantes procuram na relação com a rua;

vi) **o terreiro**: onde se analisará e comparar-se-á a morfologia e a organização do terreiro do edifício e de outros exemplos seleccionados;

vii) **a vinha**: em que se procurará perceber a sua existência e relação com o edifício;

viii) **estrutura da asna**: onde se identificará o modo de a construir e comparar-se-á com outros exemplos semelhantes;

ix) **a estrutura das paredes**: caracterizar-se-á a sua alvenaria e seu modo de construção, procurando referência com outras obras;

x) **o telhado**: particular do material usado, procurar-se-á reconhecer como é construído e o contexto onde se aplica;

xi) **o revestimento a cal**: onde se perceberá a relação do revestimento com os edifícios;

xii) **os espaços e circulação**: analisar-se-á o edifício, principalmente através da sua organização e morfologia;

xiii) **o interior**: onde se reconhecerá as principais características dos interiores destas construções.

Para distinguir as imagens recolhidas do livro *Arquitectura Popular em Portugal* e as imagens utilizadas da análise do caso de estudo, recorrer-se-á à utilização de um quadrado vermelho ■, para identificar as imagens do *Inquérito* e um quadrado preto ■, para as do caso de estudo.

ESTRUTURA DO POVOADO - BARRAL

Nesta ou naquela encosta, onde a fonte e o riacho acodem às necessidades do ser vivo, onde o solo é propício à rompida das leiras, que hão-de dar o sustento, e a injunção dos caminhos que dos vales ascendem à serra se faz, logo se estabelece o ser humano.

Laborioso, erguendo represas e socalcos, abatendo o pinhal ou o souto indesejável, afeiçoa a terra à medida das suas necessidades; e porque o lugar é acanhado, segregado ou rodeado de acidentes de toda a espécie, as casas aproximam-se e encostam-se, embora livremente, consoante as contingências.⁸⁷

Barral é um lugar característico pela presença de um terreno acidentado, onde as construções mais antigas se concentram e se relacionam com a rua, tornando-se o princípio da sua organização. Em comparação com este lugar, os esquemas das figuras 79 e 80 representam também exemplos de estruturas de povoados concentradas e regidos pela rua que lhes dá acesso.

Nas aldeias de *Sobrada* e de *Chão de Espinho*, das figura 78 e 81, respectivamente, percebemos a sua relação com a encosta e a organização em socalcos dos campos de cultivo que circundam a aldeia.

As construções mais recentes afastam-se destes núcleos, por vezes procurando a sua autonomia ou por terrenos mais prósperos à construção.

⁸⁷ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.25

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal



Fig.77 Barral, Aboadela ■

habitações construídas numa encosta → maior parte destas não possui terrenos para cultivo perto da habitação
possuem pequenos terrenos ou pinhais

Aldeia implantada sobre uma encosta
 terrenos de cultivo formam patamares sobre o declive da encosta
 construções adaptam-se ao terreno existente

Fig.78 Ponte do Lima. Panorâmica sobre Sobrada

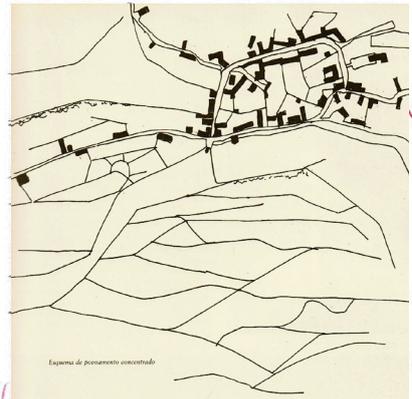


Fig.79 Esquema de povoamento concentrado

núcleos de construções relativamente concentrados
 preferência de construção na proximidade com a rua
 relação próxima com os campos de cultivo
 edifícios fora do núcleo mas dos fusos e isolados das construções mais próximas.

construções concentradas para poupar os terrenos férteis para o cultivo

povoado de montanha

principalmente característica pela relação → casa / rua / terreno existente

Fig.80 Esquema do povoado de montanha



Fig.81 Chão de Espinho. Arouca

construções nas proximidades com a rua
 provavelmente os terrenos pouco produtivos para a agricultura

ESTRUTURA DO POVOADO - RUA

Um conjunto de casas não é um simples grupo de casas. Assim como as construções se alongam pela rua, constituindo um todo homogéneo (e variado), podemos conceber qualquer coisa de semelhante, para além da simples sensação desses conjuntos, no pequeno – grande conjunto que a aldeia representa. E, sendo assim, as duas alas bordam o rio, juntam-se as mãos num ponto comum, e, rio, caminho, encosta, campos e montes vivem uma unidade que, para um estranho, tem muito de paraíso perdido.⁸⁸

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

Assim como em Barral, no lugar da Rua os edifícios concentram-se e organizam-se ao longo da rua, mas neste caso verifica-se que a topografia influencia no modo como se implantam, sendo esta mais suave e desnivelada em direcção à água (o rio Ovelha), igualmente às aldeias de *Rio de Onor* (figura 85) e de *Burgau* (figura 86), que se organiza na direcção ao mar.

No esquema deste povoado (figura 82) é perceptível “o todo homogéneo” de construções, semelhante com os esquemas das figuras 84 e 87, que se marcam sucessivamente sobre um eixo, aproximando-se ou por vezes encostando-se umas às outras, libertando a fachada da rua para “respirar”.

A leitura destes povoados evidencia uma relação na sua organização, entre rua, casa e campo, onde ambos comunicam e ambos se diferenciam.

⁸⁸ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.136

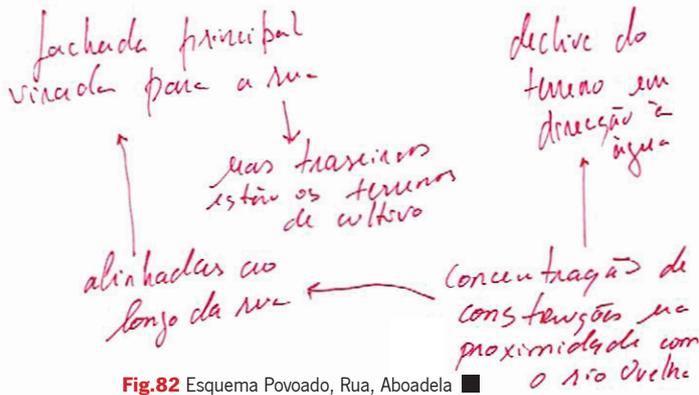
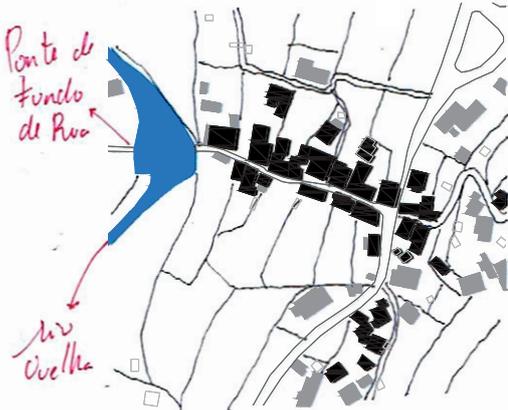


Fig.82 Esquema Povoado, Rua, Aboadela



Fig.83 Rua, Aboadela



edifícios aparecem em ambos os lados de rua
lixo que organiza as construções
Ponte de Fundo de Rua

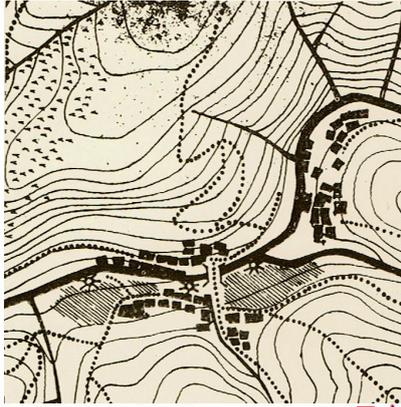


Fig.84 Rio de Onor, Esquema da povoação

construções são orientadas ao longo do rio
 Margens divididas entre habitação e campos de cultivo → relação com a agricultura
 em ambas as margens

Fig.85 Rio de Onor. Vista geral



rio
 ↓
 ponte sobre o rio

malha construída segue o declive do terreno

declive em direcção à água

tem partido do declive

direccionam-se principalmente para o rio

proximidade das habitações entre si

relação com a rua

as alinhamentos das construções

em ambos os lados da rua

construções concentradas
 massa progressiva de construção

isto sobre as habitações

na condiz a organização das construções

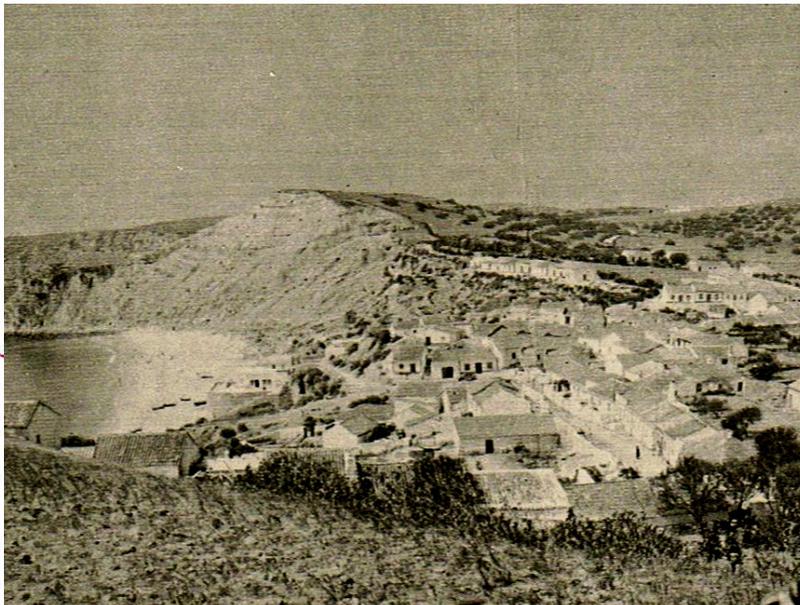


Fig.86 Burgau, Vila do Bispo

mar

vira-se para o mar

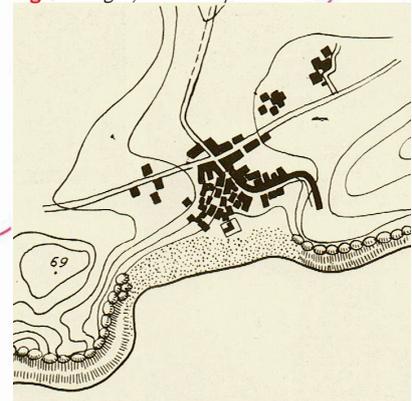
terreno inclinado numa brida

construções seguem o declive do terreno

parcamento de pescadores

edifícios direccionados e relacionados com a água

Fig.87 Burgau, Vila do Bispo



ESTRUTURA DO POVOADO - IGREJA

«Lugar» é o centro: um pequeno largo onde se entroncam os dois ou três caminhos de saída para os campos e que se prolonga até à capela com a sua espécie de adro, que se mede com meia dúzia de passos.⁸⁹

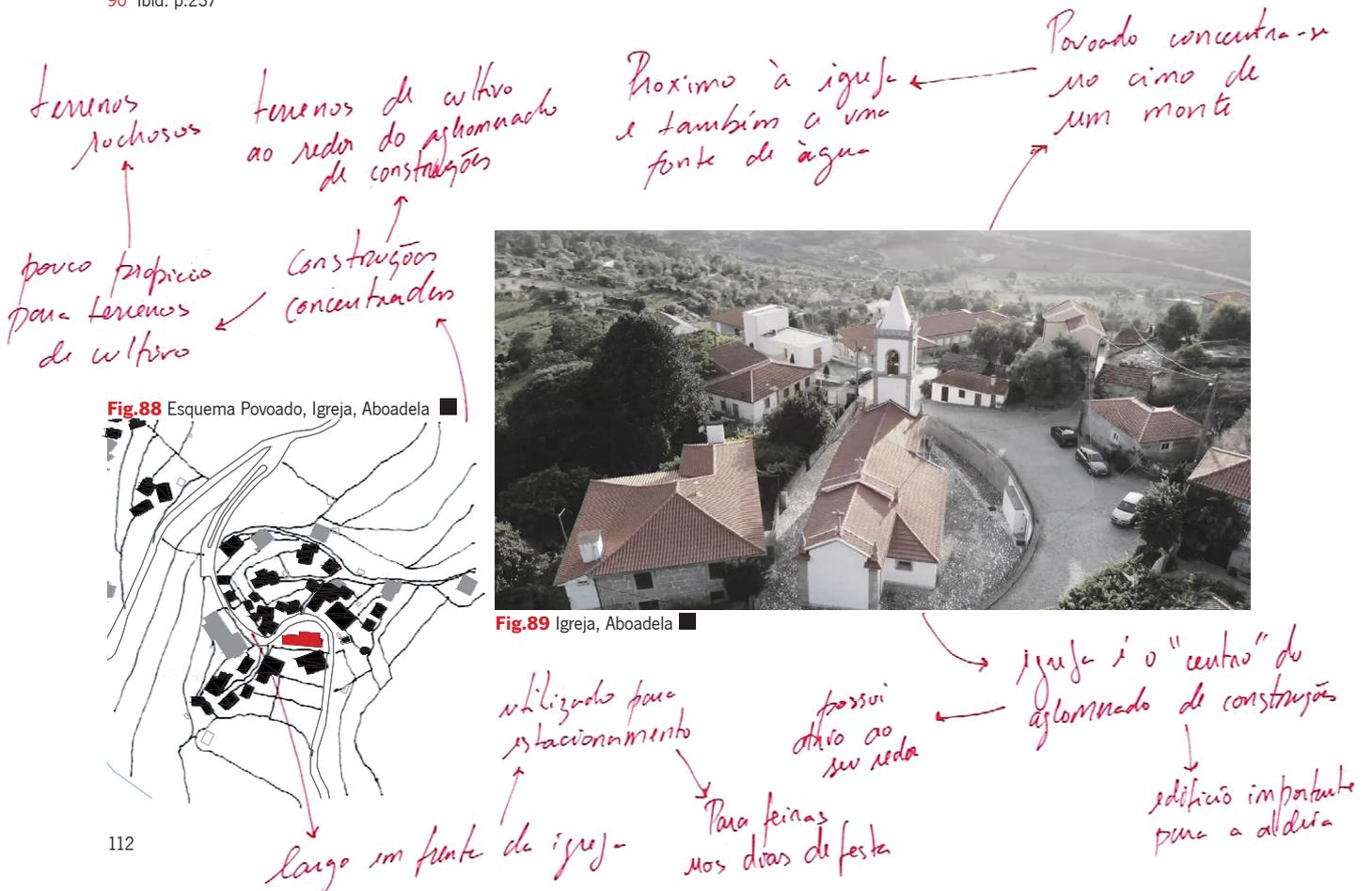
■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

O lugar da Igreja localiza-se no cimo de um monte, rodeado por terrenos agrícolas e florestais que cercam as construções, à semelhança da aldeia de *Montes*, em *Vila Real*, presente na figura 91. Nesta aldeia verifica-se a concentração de construções, na sua maioria, encostando-se umas às outras, de forma a criar “um todo homogéneo”, evidente no esquema da figura 90. Na figura 88 também se verifica uma concentração de edifícios em volta da igreja, mas neste caso não estes chegam a encostar-se uns nos outros.

Ambos os esquemas dos povoados das figuras 88, 90 e 93, organizam-se ao redor de um edifício que marca o centro do espaço e das construções, que no intervalo entre ambos forma as praças, adros e ruas, que auxiliam a Igreja, na reunião e comemoração de actividades festivas e até mesmo de feiras.

As mais das vezes, os largos da Beira não passam de simples alargamentos de ruas, para dar um adro à igreja, espaço a um mercado, desafogo a um nó de transito, lugar a uma eira, ou categoria a qualquer edifício rico.⁹⁰

⁸⁹ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - op.cit. 1980. p.122
⁹⁰ Ibid. p.237



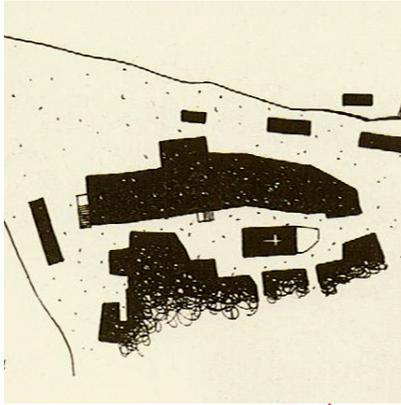


Fig.90 Montes. O largo da capela

Const. org. organizam-se em volta de um edifício importante

capela

capela e os edifícios em volta criam a praça

auxílio à capela

para reuniões da freguesia

Const. encontram-se no cimo de um monte

lugar remoto

capela auxilia a necessidade para orar dos habitantes desta aldeia

não necessitam da praça da aldeia

atividades ligadas à religião

Fig.91 Montes. O 'lugar'

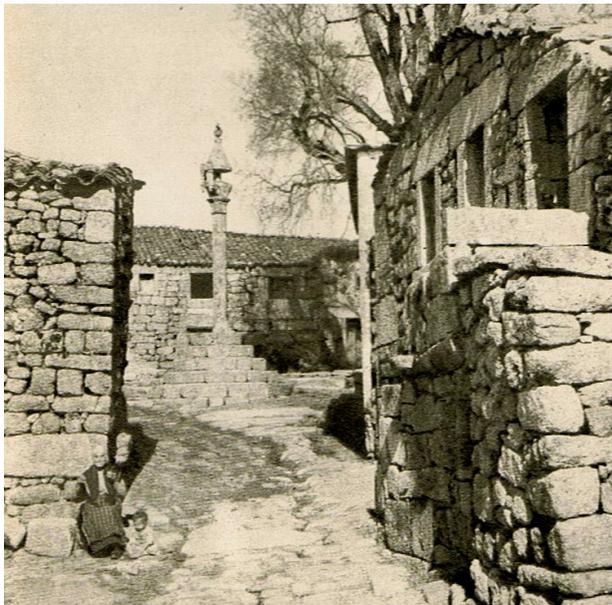
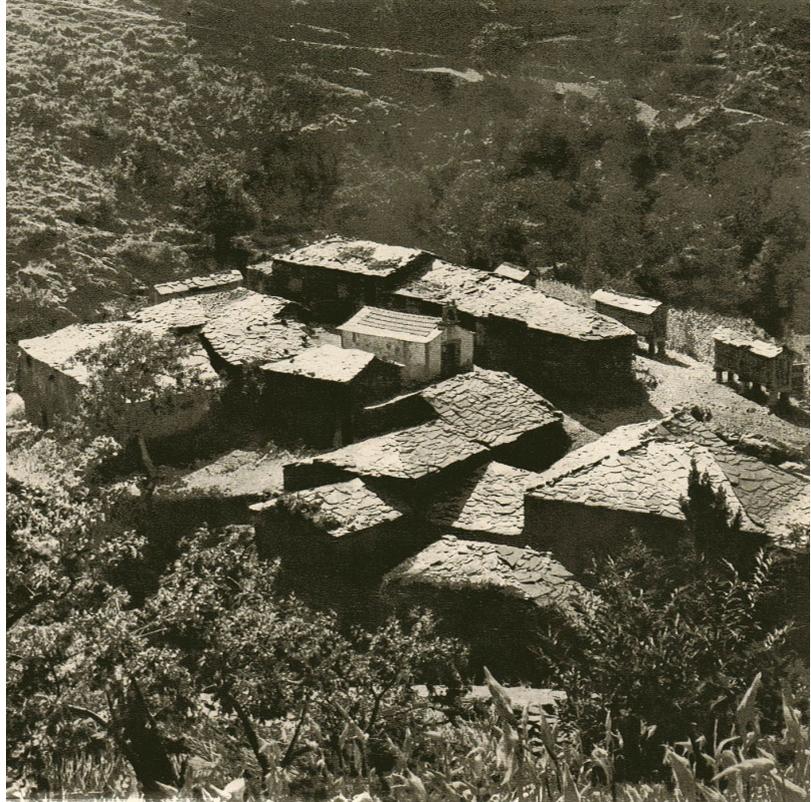


Fig.92 Moreira de Rei

edifícios recortam a praça e criam os acessos à mesma

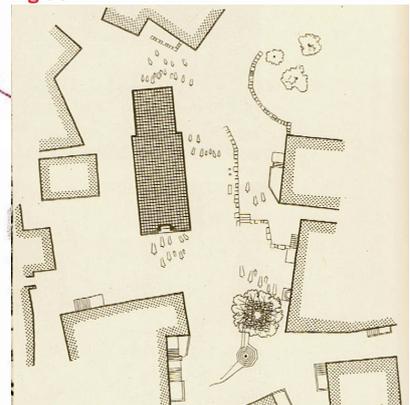
harmonia entre a praça e os acessos

const. limitam o acho onde se encontra a igreja

forma irregular do pátio

criação empírica do mesmo

Fig.93 Moreira de Rei



dividi praça com igreja

vista para o pelourinho que se encontra na praça

monumento que evidencia o uso de praça como lugar de reuniões

mas fazem parte da praça

pelourinho

A TOPOGRAFIA

*Cada um foi erguendo a sua casa onde e conforme pôde, dissemos. Adaptando os edifícios e os pequenos espaços livres adjacentes e murados ao parcelamento dos terrenos e à sua configuração e acidentes naturais; e deixando livres as ruas e os caminhos por onde todos têm de passar na sua luta diária para um sustento escasso e medido.*⁹¹

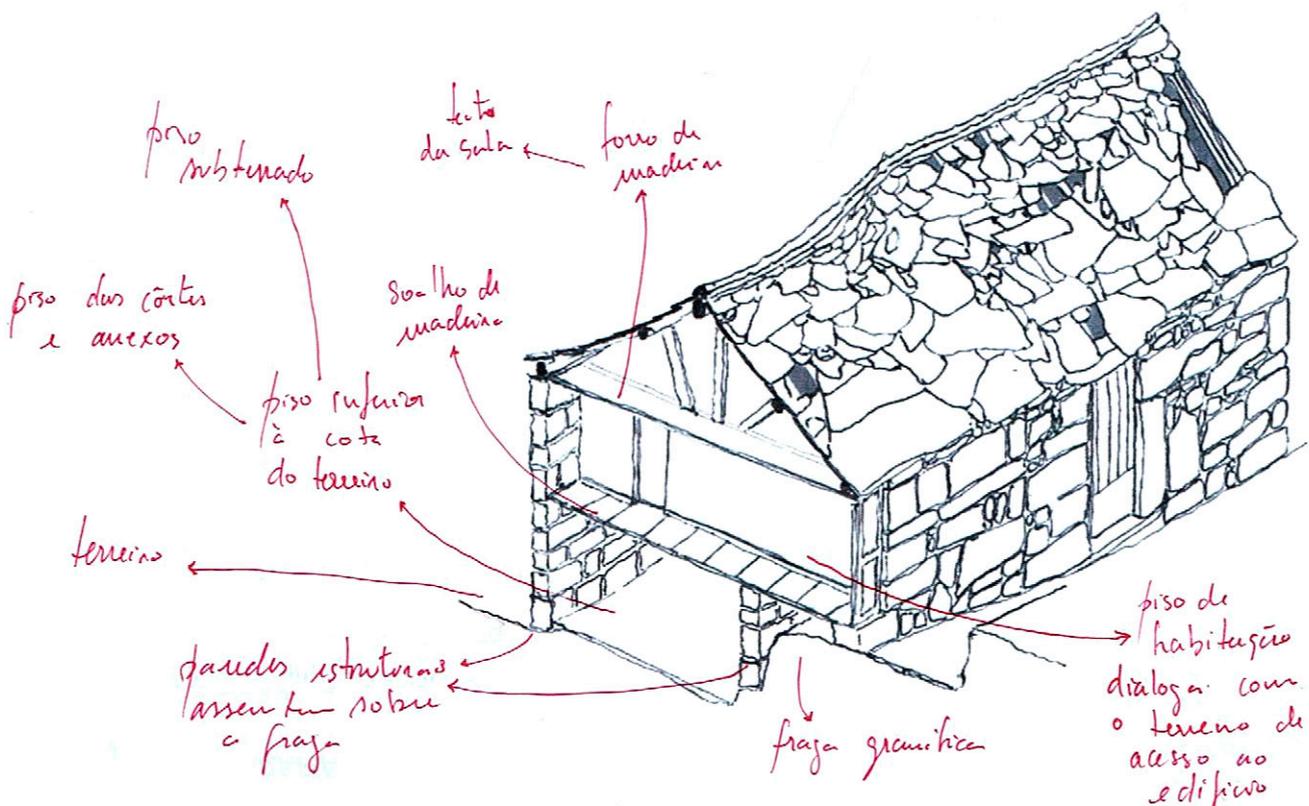
■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

A “casa de Barral” ergue-se sobre a fraga granítica, parte do afloramento rochoso que molda a topografia da encosta. A sua interacção com a topografia (figura 94) permite criar relações directas entre os pisos e a envolvente, como: o piso superior de habitação que dialoga com o terreno da rua que lhe dá acesso; e o piso inferior, destinado a cortes e anexos, que comunica com o terreiro do edifício. Esta relação com a topografia remete para uma analogia com as habitações: de *Vale de Igreja* (figura 95), na Beira Interior; com a de *Fervença* (figura 96) em Sintra; e com a de *Montes* (figura 97) em Vila Real. Em ambos os exemplos, os pisos inferiores submergem-se no terreno e procuram tirar partido do mesmo, tanto como base para as fundações do edifício, como por vezes, aproveitada para servir de parede dos espaços.

No edifício da figura 98, como no caso de estudo, é importante referir a existência de uma cozinha a meia altura, que se caracteriza pelo elo de ligação entre o edifício e o terreno, relacionando-se directamente com ambos.

91 PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.234

Fig.94 Axonometria, caso de estudo ■



piso superior de habitação

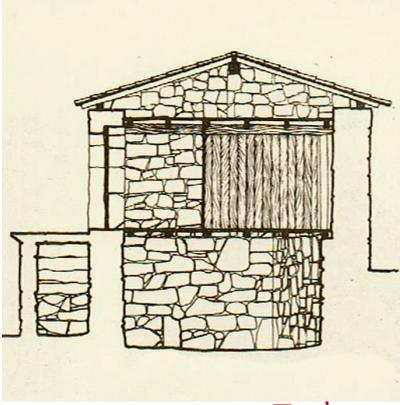


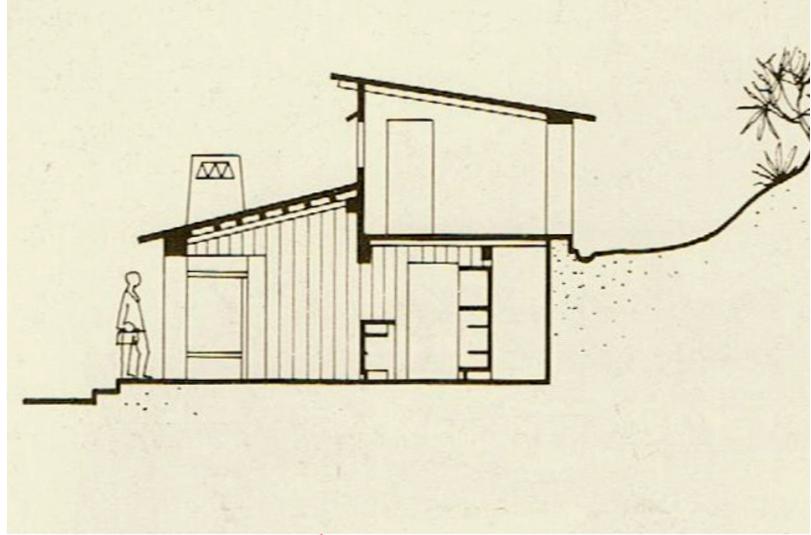
Fig.95 Vale de Igreja. Habitação

os pisos comunicam com o terreno à sua cota

integração do edifício no terreno

ambos os pisos são de habitação

Fig.96 Fervença. Corte



para cortes ou anexos
 piso inferior encosta ao terreno
 principalmente sustentado

piso inferior para anexos ou cortes
 piso superior de habitação

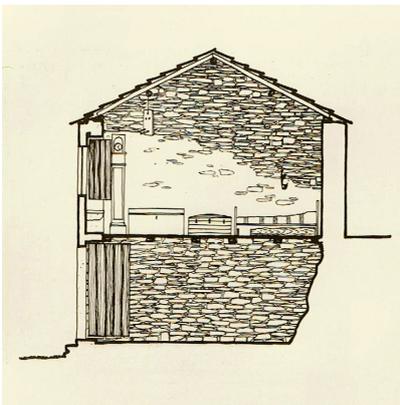
piso inferior encosta ao terreno

sustentado

e com a volta

também com a entrada principal

Fig.97 Montes. Corte transversal da casa da tecedeira



relação directa com o terreno em ambos os pisos

paredes do piso inferior e parte do terreno

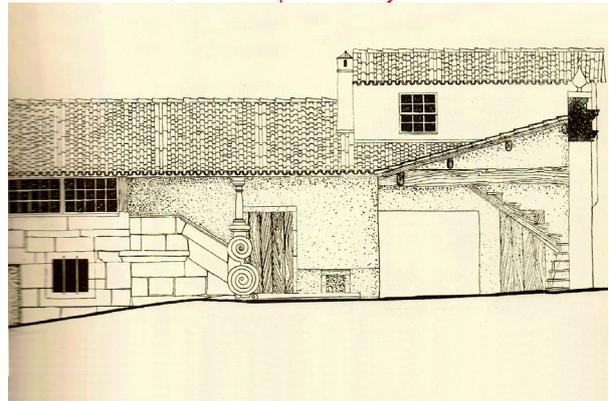
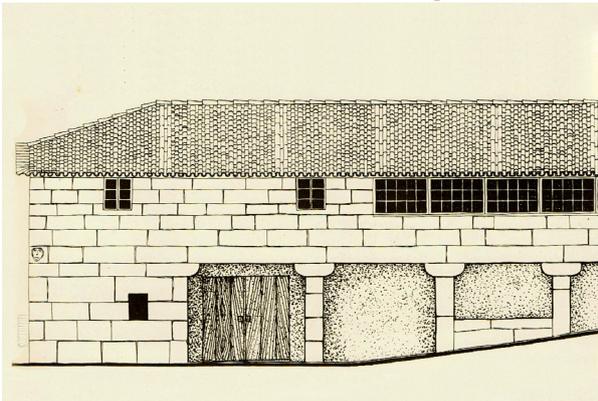
aproveita o suave declive do terreno

comunica com ambos os pisos

nis-do-chão semi-enterrado

cozinha a meia altura em relação ao edifício

Fig.98 Escudeiros. Braga. Cada do Ribeiro. Alçado



O ACESSO AO EDIFÍCIO

A sensação de unidade que a rua dá, começa a particularizar-se desde o momento em que se passa a prestar atenção aos elementos de transição para o interior das habitações – escadas e varandas. Porque, normalmente, a casa aparece-nos construída por dois pavimentos: um térreo, muitas vezes aproveitando o declive do terreno, e destinado a lojas; outro elevado, frequentemente ao nível duma outra rua, constituindo a habitação propriamente dita.⁹²

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

O acesso (figura 99) faz-se a partir de uma pequena rua delimitada entre o edifício e o “caminho do povo de Barral”, que possui um ligeiro desnível contrário ao do caminho principal. Esta permite o acesso a todas as divisões do piso de habitação, que para tal, possuem degraus para complementar a pequena diferença de cotas entre o exterior e o interior.

Do mesmo modo nos exemplos apresentados nas figuras 100 e 101, o acesso ao piso de habitação é feito sobre um terreno desnivelado, mas que no caso de estudo possui um declive inferior, não permitindo o acesso a ambos os pisos através da mesma rua. Já nas figuras 102 e 104, o acesso ao piso de habitação diferencia-se pelo uso de escadas, pois este eleva-se da cota da rua. Em contrapartida, o piso inferior, destinado ao gado ou a anexos, possui uma relação e acesso directo da rua.

⁹² PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.138

Fig.99 Vista do acesso ao Caso de Estudo ■



relação directa
com o terreno
envolvente

acesso por
uma pequena
rua

formada pelo
edifício e o
caminho principal

acesso
ao edifício

rua possui
um pequeno
desnível

cada
porta
possui um
degrau
para o
interior

isso permite o
acesso a ambos
os pisos

acesso directo ao piso superior
 edifício com dois tipos de acesso
 escadas que anuancam de cota baixa da rua
 desnível no terreno
 consequentemente também na rua de acesso ao edifício
 na cota alta da rua

Fig.100 Guiomil. Longos Vales. Monção. Habitação



ambos os pisos relacionam directamente com a rua

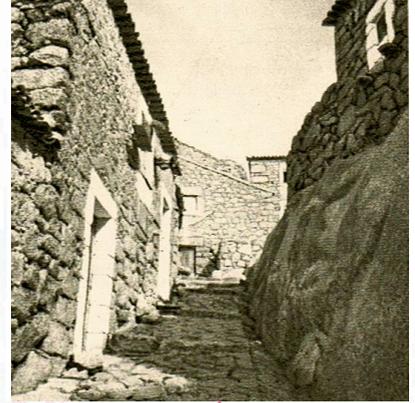


Fig.101 Monsanto

desnível da rua
 não necessita de escadas de acesso
 permite o acesso a ambos os pisos através da mesma rua

piso inferior com relação directa com a rua
 anexos / cortes
 sem necessidade de escadas para acesso
 terreno praticamente sem grandes desníveis
 relação directa com a rua
 piso de habitação a cota da rua

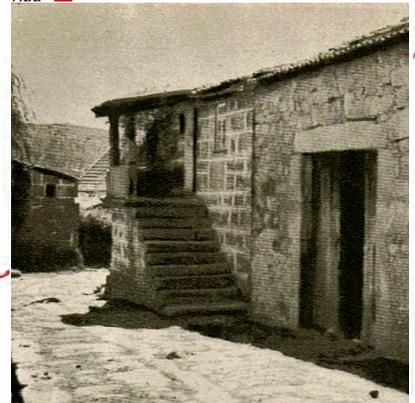
Fig.102 Sã. S.Martinho da Sardoura. Castelo de Paiva. Habitação



Fig.103 S.Pedro de Rio Seco

piso inferior com relação directa com a rua
 curso de escada para acesso ao piso de habitação

Fig.104 Manhouce. S.Pedro do Sul. Particular de Rua



uso de escada para acesso ao piso de habitação
 piso inferior directo para a rua
 na praticamente sem grandes desníveis
 possivelmente zona de cortes ou anexos

A RUA

Os caminhos tortuosos, estrangulados aqui e além, que atravessam o povoado e levam aos campos onde se semeia e cria, ou a outras povoações. Caminhos que em certas sub-regiões são lajeados com grandes pedras – herança romana – à prova das rodas desgastadas dos carros de bois; noutras, pavimentados só com terra batida; e noutras ainda, calcetados com pedra miúda.⁹³

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

A rua de acesso ao caso de estudo, conhecida como o “caminho do povo de Barral”, é um percurso sinuoso e difícil, em terra batida sobre a fraga granítica, onde crescem ervas que delimitam as marcas da passagem das pessoas que ali têm casa ou terreno. Assim como nas aldeias de *Colo de Pito* (figura 106), em Castro Daire e *Mogadouro* (figura 107), em Bragança, a rua é pobre e arcaica, ladeada por construções que lhes tem acesso e que dela vivem ou viviam. Este caminho serve de acesso a pouco mais de meia dúzia de habitações, que na sua maior parte se encontram abandonadas.

Assim, com o abandono das construções e pela procura de terrenos mais acessíveis, esta via vem perdendo a sua importância, sendo progressivamente reduzido o seu uso e esquecida até ao dia em que ninguém a conhecer, substituída por novas vias, maiores e pavimentadas, acessíveis aos automóveis que por lá passam regularmente.

⁹³ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.234

Fig.105 A Rua de acesso ao Caso de Estudo ■

*caminho ou rua
sem pavimentação*
↓
terreno natural
↳ *terra batida
pobre a
fraga rochosa*
↳ *impossível
acesso
automóvel*
↳ *rua de
pequenas
dimensões*
↳ *acesso a
casas antigas*
↳ *por via
utilizada*
↳ *sucesso
de acesso
pedonal*



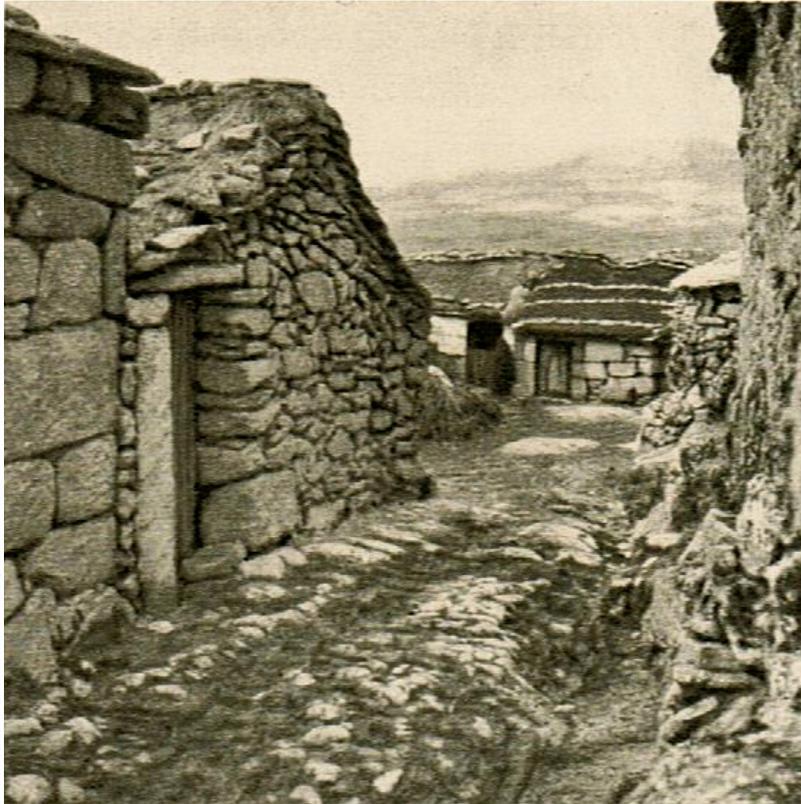


Fig.106 Colo de Pito ■

mas mundanos
 mas menos cuidadas
 destinadas à circulação de pessoas e dos animais
 presença de algumas rochas para dar rigidez e consistência à rua
 a favorável de campos de bon

mais logz da rua e o solo natural existente

aldeias mais remotas

Fig.108 Viseu ■

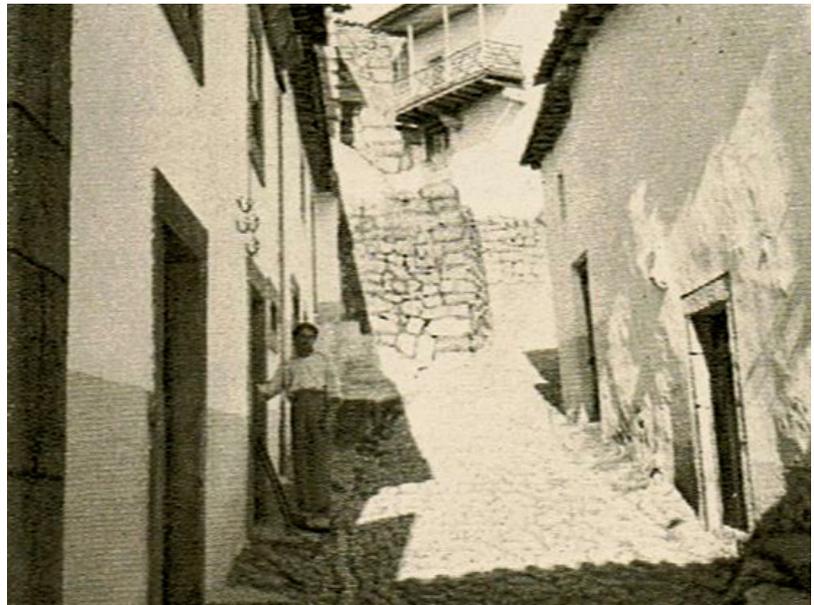
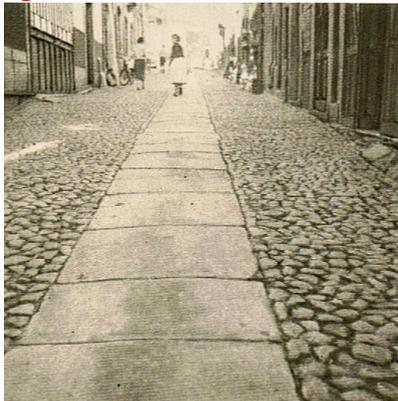
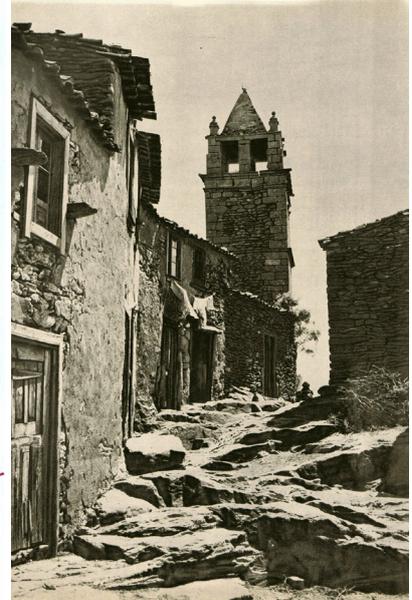


Fig.109 Alpedrinha ■

cidades e as maiores vilas com melhores pavimentações das ruas
 maioritariamente em pavimentos de laçtilhos de pedra
 para possibilitar melhor circulação e mais segurança

aldeias mais "pobres" e mais remotas
 restrita a circulação pedestre
 poucos confortáveis
 rua com edifícios condizentes de circulação

Fig.107 Mogadouro ■



A RELAÇÃO COM A RUA

Desaparecem as escadas exteriores, são raras as varandas alpendradas e os conjuntos têm já uma feição diferente das zonas anteriores, em Malpica e noutras terras do Sudoeste Beirão. As ruas largas e limpas, com edifícios alinhados, enchem-se de gente ao cair das tardes, sentada em cadeirinhas baixas a gozar o fresco, a costurar ou a fiar.⁹⁴

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

A relação com a rua e o seu uso como prolongamento da habitação, era característico de um povoado que nela procurava ocupar o seu tempo livre, para conversar, descansar ou simplesmente para aproveitar o sol do frio Inverno. Nas imagens das figuras seguintes, que remetem para localidades da zona Beirã, é visível o uso e a importância que os habitantes dão à rua.

A mesma relação se transporta para a casa de Barral, que em tempos os seus habitantes empregavam o mesmo uso da rua: *“Se estivesse bom tempo vinha cá fora apanhar sol, conversar com alguém. Ou sentava-se lá nos degraus dela ou vinha até cá em cima ao largo”*.⁹⁵

Em tempos em que *“aquelas casas estavam todas habitadas”*,⁹⁶ em que a rua era um prolongamento da habitação e em que o viver em comunidade era bem visível, a rua era mais do que um simples acesso para as casas ou para os terrenos. Esta tinha uma importância indispensável, onde as pessoas daqueles povoados passavam parte da sua vida, onde se encontravam e conviviam, e que as novas estradas, onde passam os automóveis, não conseguem herdar.

⁹⁴ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.255

⁹⁵ Entrevista n.º2

⁹⁶ Entrevista n.º3

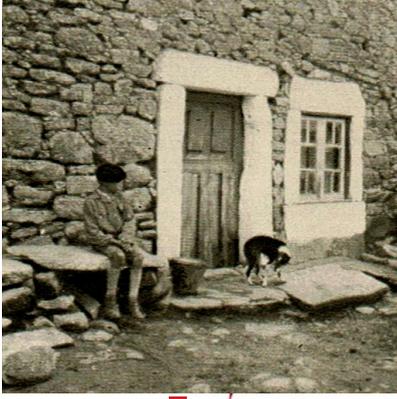


Fig.110 Malpartida

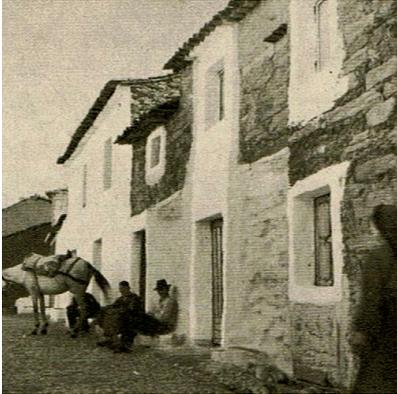
relação da casa com a rua
 ruca de "p'dito" para a casa
 relação com a rua
 sentada à entrada de casa
 aproveitar o tempo fresco do fim da tarde

bancos de pedra na entrada de casa
 aproveitar o sol em alguns de tempo frio
 aproveitar o sombree fresco do tempo quente

Fig.111 Malpica do Tejo



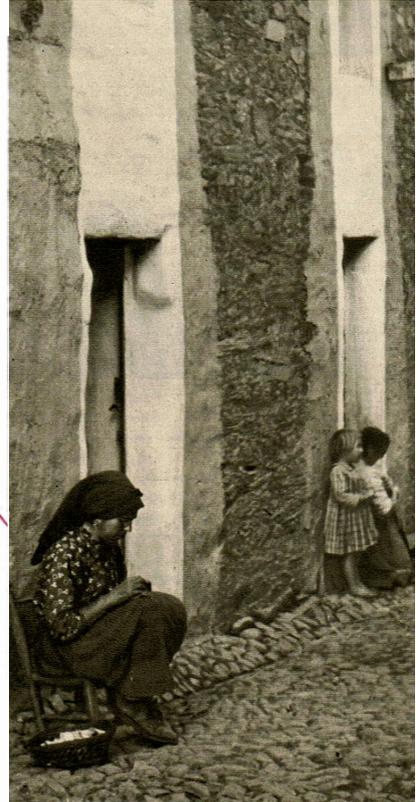
Fig.112 Malpica do Tejo



convívio com os amigos e vizinhos
 rua como local de reunião
 sentados à entrada de casa

uso da rua como zona de estar
 costuras e tricô
 uso de cadeira para se sentar
 crianças brincam na rua à entrada de casa

Fig.114 Malpica do Tejo



O TERREIRO

Em pequenos pátios, ou 'eidos', que prolongam as 'lojas' do rés-do-chão, espalha-se a criação e fazem-se as estrumeiras – elementos essenciais da economia regional.⁹⁷

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

O terreiro da casa de Barral, limitado pelo edifício e pela morfologia do terreno e coberto por uma extensa vinha que o sombreia, cria uma extensão do piso inferior, ligado às cortes e aos anexos. Este, surge contornando os alçados norte e poente do edifício, na forma de um “L”, igualmente ao terreiro da habitação presente na figura 119, localizada no Alentejo. A morfologia do terreiro para por uma forma mais comprida e recortada, igualmente aos terreiros de habitações do Norte de Portugal, presentes nas figuras 116 e 117, desenhados pela presença do edifício e dos seus anexos.

Assim como o terreiro da figura 119, o do caso de estudo aparece igualmente nas “traseiras” do edifício, pois este encosta-se o mais próximo à rua, o que não se verifica tanto nas figuras 116, 117 e 118. Em ambos os edifícios das figuras 116 e 117, o terreiro aparece rodeado pelas habitações, possuindo uma ligação directa com a rua e concedendo acesso dela à casa. O terreiro da figura 118, apresenta-se como um “corredor” até à habitação, que a separa dos anexos, numa morfologia essencialmente longitudinal.

⁹⁷ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.232

Fig.115 Terreiro, planta ■

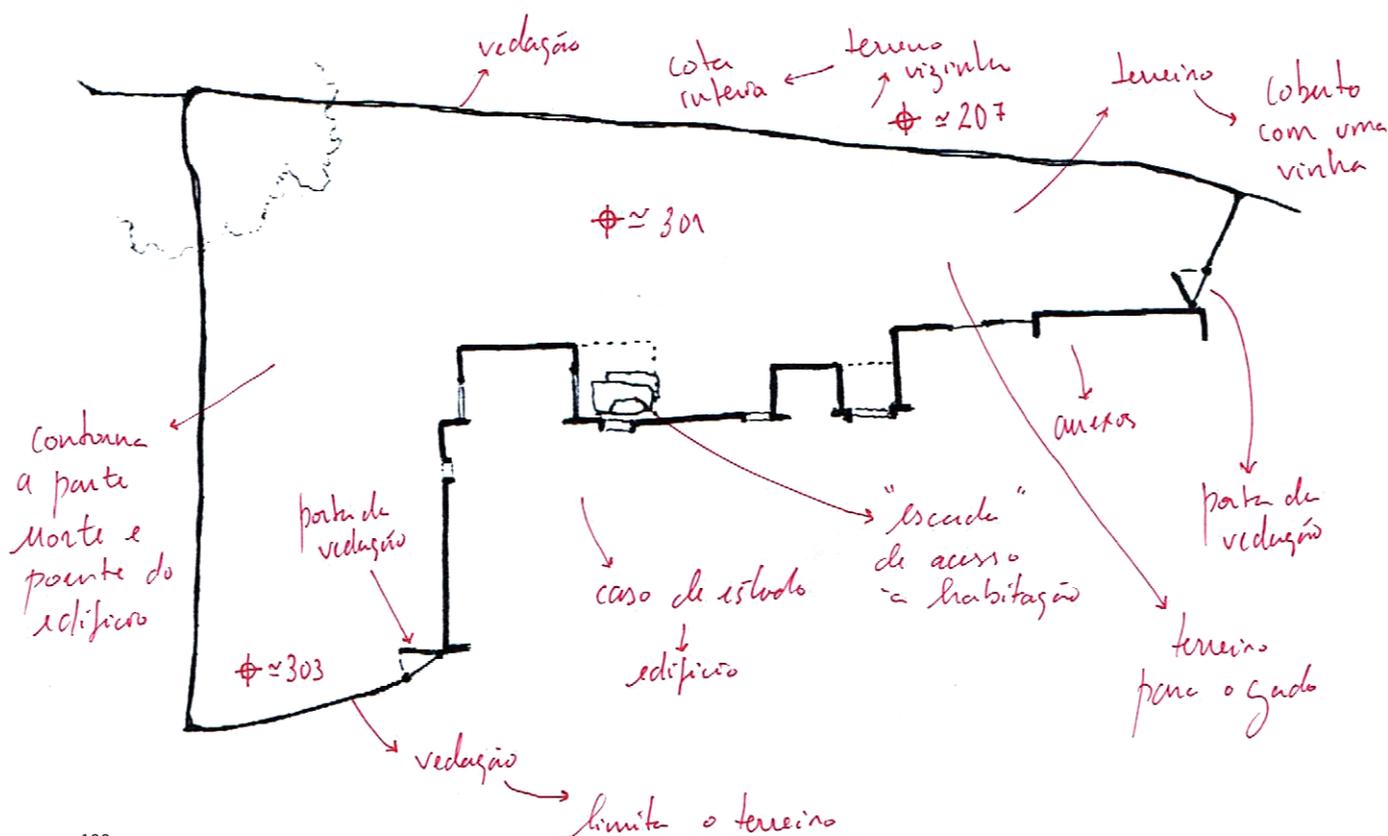
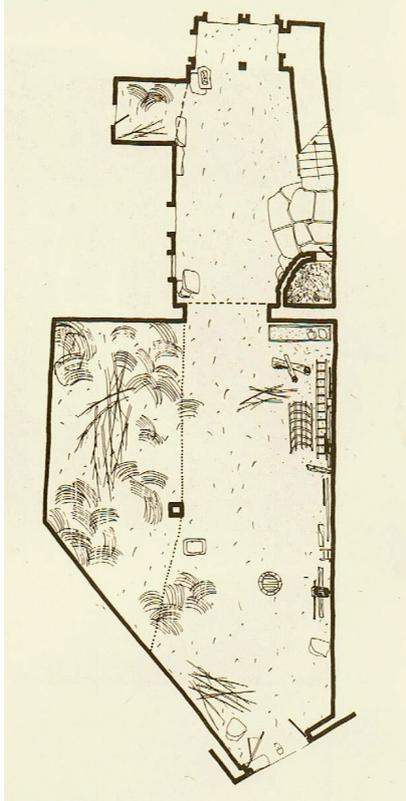


Fig.116 Ifanes. O pátio da casa do Sr. Virgílio. Planta



organizado longitudinalmente

pátio comprido

Lojas de gado
alesso às escadas para a habitação

alesso aos anexos

limitados pelas habitações

parte coberta do pátio

zona de entrada

espaço aberto

sem cobertura

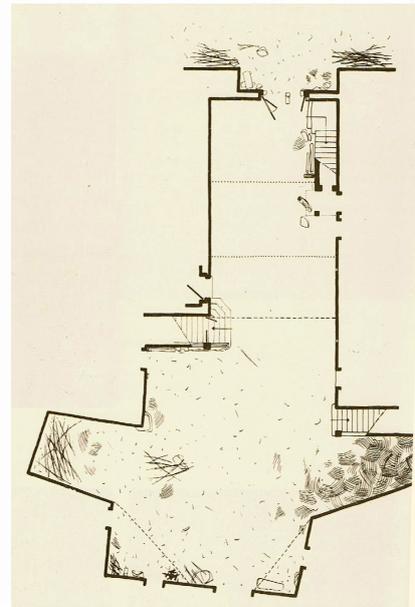


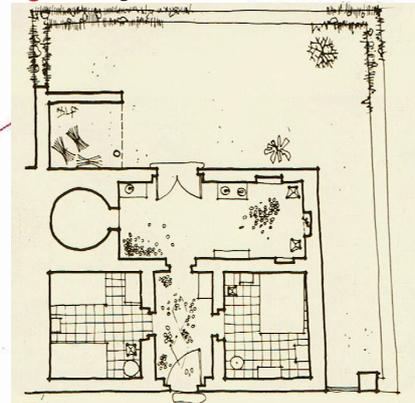
Fig.117 Ifanes. Planta do pátio

espaços vazios recortados

pátio de planta comprida

para onde se abrem as lojas e as portas

Fig.119 Peroguarda. Planta



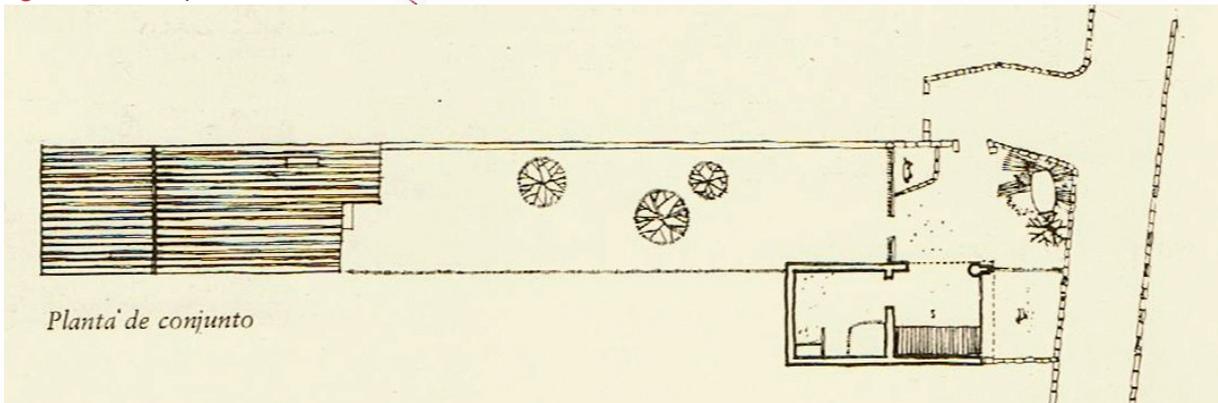
terraceira em L

percorre as terraceiras de habitação

árvores contem a longitudinalidade do espaço

quintal bastante comprido

Fig.118 Planta de Conjunto



Planta de conjunto

A VINHA

A continuidade dos telhados, estendendo-se em baixa pendente, vêm rematar os tectos de folhagem das ramadas circundantes, abraçam o conjunto e dão-lhe um ar aninhado, imerso na paisagem.⁹⁸

Ela estende-se sobre ligeira estrutura de apoio, fornecendo o fruto e a agradável e fresca sombra no Verão, e no Inverno, quando se despir da folhagem, deixará passar livremente os raios quentes e benéficos do Sol.⁹⁹

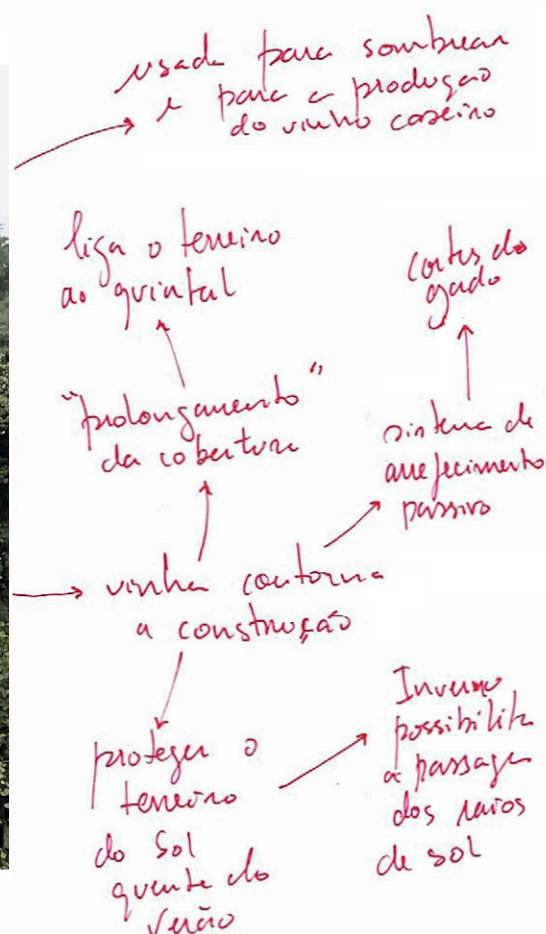
A vinha, presente na figura 120, aparenta uma continuidade da cobertura do edifício, como na figura 124, e é usada principalmente para a produção do vinho. Esta aparece sobre o terreiro, como nas figuras 121 e 123, que para além de potenciar a produção, crescimento e maturação da uva, serve de sombreamento ao terreiro e à construção. Assim como o exemplo da figura 124, no Algarve, este é exemplo de um sistema de arrefecimento passivo usado no Verão, e no Inverno, com a queda da folhagem, permite a passagem dos raios do sol.

Nas figuras 121, em Guimarães e 122 em Barcelos, percebe-se a relação da vinha no cobrimento do terreiro e do piso térreo, deixando livre o piso de habitação, ao contrário do que se verifica nas figura 120 e 124.

⁹⁸ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.38

⁹⁹ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.614

Fig.120 A vinha, caso de estudo ■



no inverno
permite os
raios do sol
passar

Sombria
no Verão

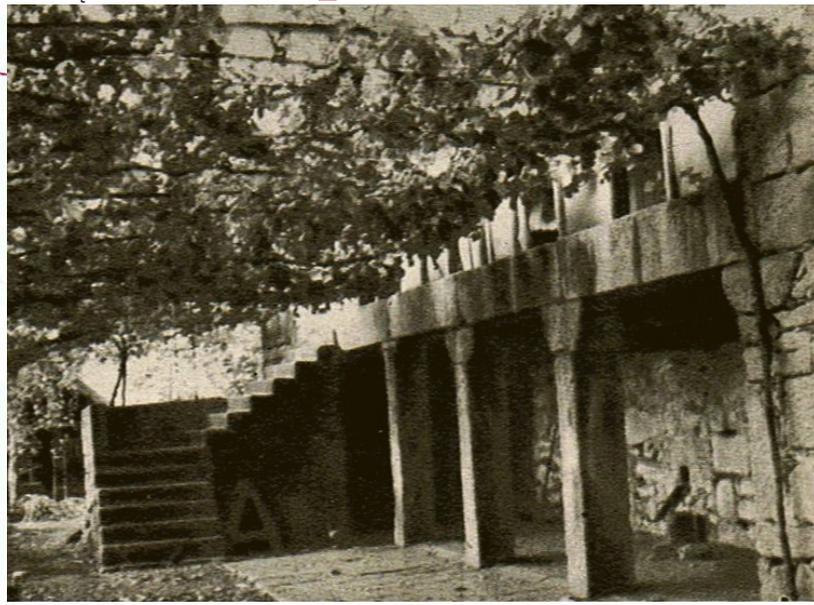
protege o
rés-do-
chão

vinha
sobre o
terreiro



Fig.121 Ventusela. STº Estvão de Briteiros. Guimarães. Quinteiro da Casa da Lavoura ■

Fig.122 Creixomil. Barcelos. Casa de Calcelhe. Habitação ■



vinha situada
ligeiramente acima
da cota do chão
do 1º piso

cobertura para
o terreno

Sombria
o rés-do-chão
do edifício

anexos ou
cortes de gado

sistema de
aquecimento
passivo

protege a casa
do sol

continuidade
do telhado

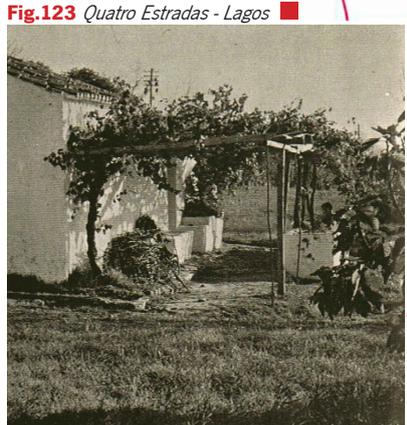


Fig.123 Quatro Estradas - Lagos ■



Fig.124 Quatro Estradas - Lagos ■

vinha → utilizada para
cobrir o
patio → sombria
no verão

forneci fruto
para comer ou
vinho

ESTRUTURA - A ASNA

O sistema construtivo é muito simplificado, por ser pequeno o vão a vencer; a sua armação é muito simples, e as paredes divisórias dos quartos, que não vão até à cobertura, servem de suporte.¹⁰⁰

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

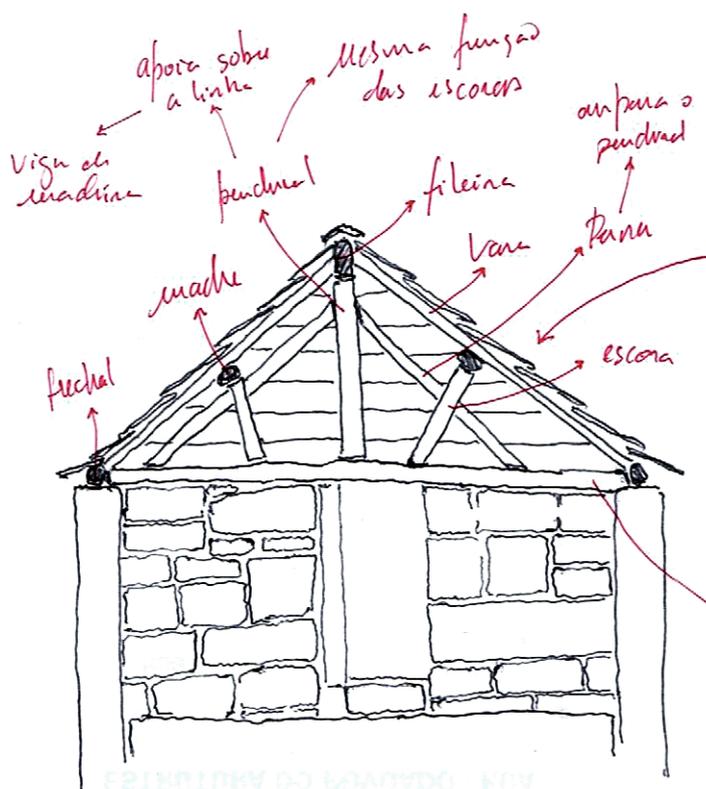
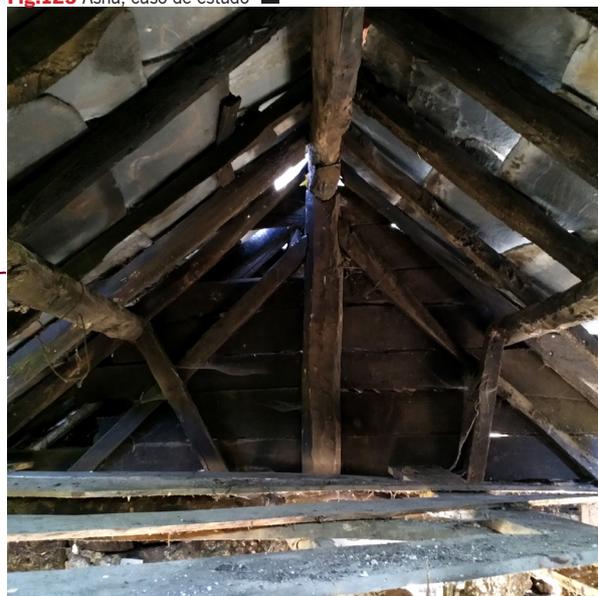
A asna de madeira, presente na figura 125, é parte da estrutura que suporta o telhado, assente sobre uma parede estrutural, igualmente como nas figuras 126, em Montalegre e na figura 128, no Alentejo, e que apresenta um sistema de estrutura da asna pouco convencional.

Todas estas estruturas destacadas nos exemplos seguintes, apresentam o “pendural” apoiado directamente sobre uma estrutura auxiliar, na maioria dos casos sobre uma parede, sendo que este desempenha uma função semelhante a um pilar, ou a uma “escora” no caso da asna. As “escoras”, na asna do caso de estudo, são usadas de forma semelhante ao “pendural” e não possuem qualquer relação directa com este, ao contrário das “escoras” no exemplo da figura 129, que se fixam sobre o suporte central, ou pilar.

Na figura 128, do Sul de Portugal, a estrutura que suporta o telhado apresenta apenas o “pendural” e duas “pernas” que o amparam, e fixa sobre uma parede divisória, enquanto que no exemplo da figura 126, no Norte de Portugal, somente um “pendural” e “linha” fazem parte da sua estrutura.

100 PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980, p.670

Fig.125 Asna, caso de estudo ■



linha → assente sobre a parede
parede estrutural

asna em madeira → construção pouco convencional

apoia-se sobre
 uma viga de
 madeira ←

sustenta a
 "fiteira"

"pendural" com
 fusão de "escora"

estruturas
 simples

Fig.126 Santo André. O forno do povo

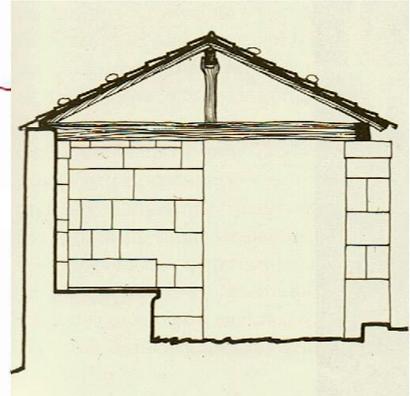


Fig.127 Santo André. Corte transversal do forno

estruturas de asno
 apoia-se sobre uma
 parede e pilon
 estruturais

estruturas
 principais que
 suportam o telhado

"escoras" estão
 fixas no
 pilon central

pilon
 cilíndrico

possui "escoras"
 que ajudam a
 sustentar as "varas"

Fig.128 S. Francisco da Serra - S. Tiago do Cacém



Fig.129 Patalas

"pendural" da
 asno com
 fusão de
 "escora"

possui duas pernas
 que também se
 sustentam sobre
 a parede

apoia-se
 sobre a parede
 existente

ESTRUTURA - AS PAREDES

*Na montanha de granito encastelam-se os montes de pedra, de granito. Encastelam-se nas divisórias dos quinteiros, sobem em paredes de maior ou menor apuro, alteiam-se em pára-ventos e indicam brutalmente contornos não macios, arestas e bicos apontados, a contrastar com as moles pendentes dos colmados. Contra a dureza crua da pedra, a que tudo parece rescender, acomodam-se onde em quando notas suaves das madeiras das velhas varandas, apagadas pelo tempo.*¹⁰¹

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

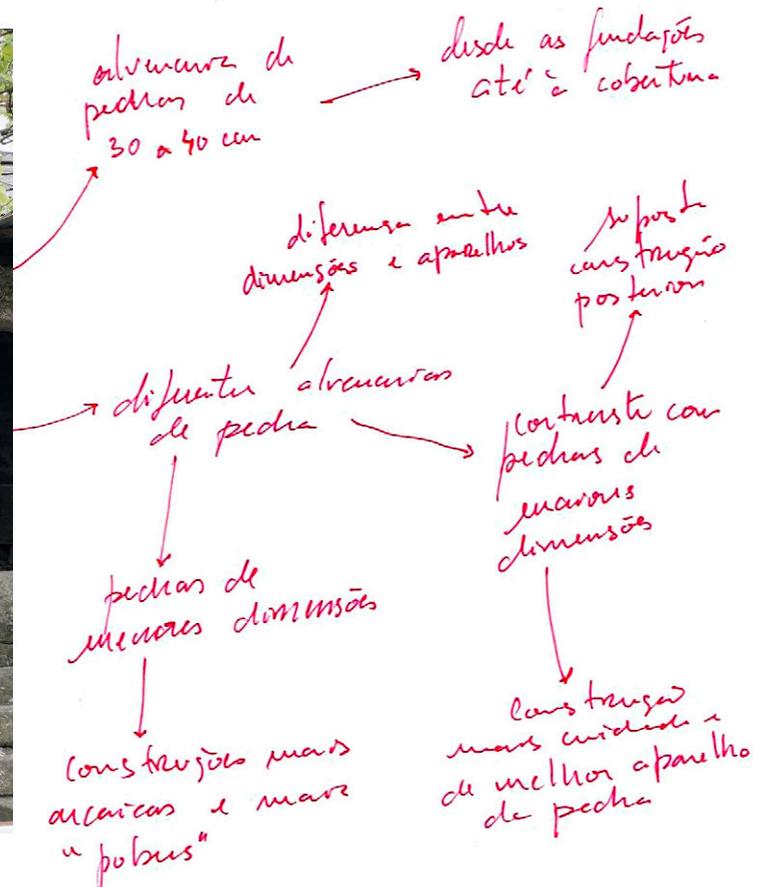
Estes “amontoados” de pedra, neste caso, em granito, que formam as habitações do povo, são característicos pela qualidade da sua alvenaria, que expõe a identidade e importância que a construção tem em si e para o lugar.

Igualmente à figura 131, uma habitação de uma aldeia do Norte de Portugal, a pedra da alvenaria das paredes é irregular e sem grande aparelho, assente aleatoriamente e de aspecto pouco cuidado, dando à construção, uma aparência pobre e arcaica, frequentes em edifícios de aldeias remotas.

Com base na alvenaria presente na figura 130, a diferença entre aparelho e dimensionamento da pedra, assim como nos exemplos das figuras 133 e 134, habitações do centro de Portugal, remete para a interpretação de que pudessem ser construções posteriores ou com funções diversas.

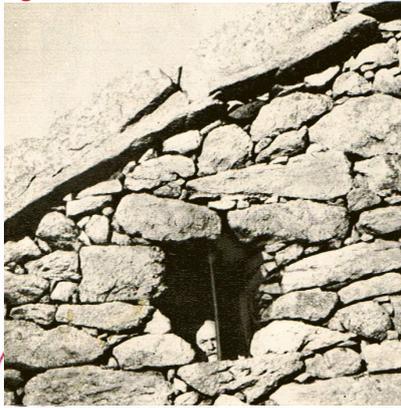
101 PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.172

Fig.130 Paredes de alvenaria em pedra, caso de estudo ■



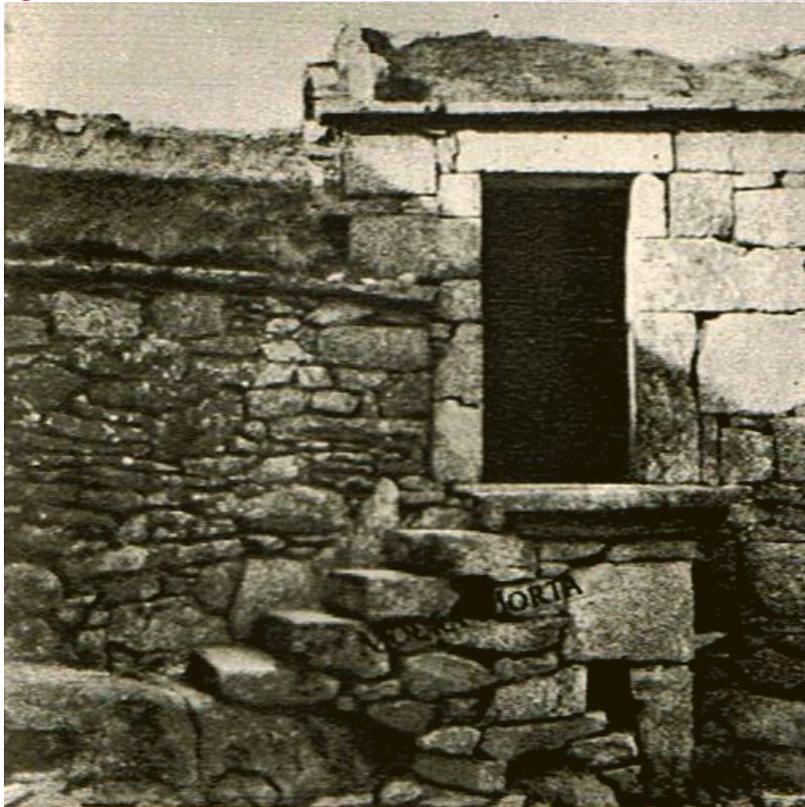
compensadas com pedras menores ou de continuação de altura das pedras
 não fazem a moldura total de ombreira
 pedras no alto nos ombreiros dos vãos

Fig.131 Pitões das Júnias. Granito



construções de aldeias semoitas

Fig.133 Moura Morta



pedra maior e melhor talhada
 possui dimensões irregulares entre si
 assente da maneira possível

pedra maior e melhor talhada
 possível construção posterior
 maiores pedras mortuárias

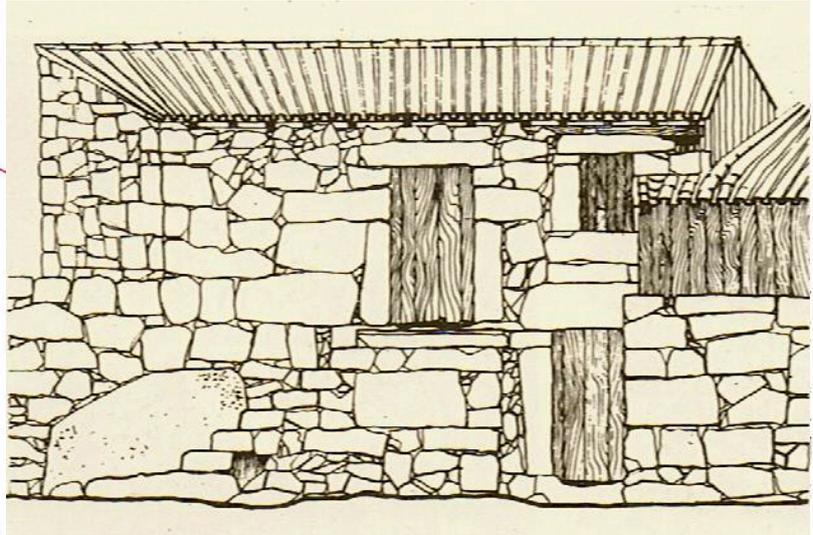


Fig.132 Vale de Igreja. Habitação

vão não possui moldura de pedra

em pedra única na padroeira e ombreira

pedras de menores dimensões compensam a diferença entre as pedras maiores
 padroeira dos vãos em pedra única

possibilidade de constituir espaços de funções diferentes
 habitadas com tes por exemplo

pedra maior, mais cuidada e melhor talhada

contato com a pedra moldada, irregular e assente como pedra

diferentes aparelhos de pedra

Fig.134 Urgueira



O TELHADO

Além do xisto vulgar, a lousa é o outro material que caracteriza estas aldeias. A feição inconfundível que imprimiu às coberturas resulta, não só do carácter, mas também da maneira como é utilizada: ou fragmentariamente, como uma cascata de pedaços irregulares, simplesmente justapostos, ou numa progressiva ordenação de tamanhos e formas.¹⁰²

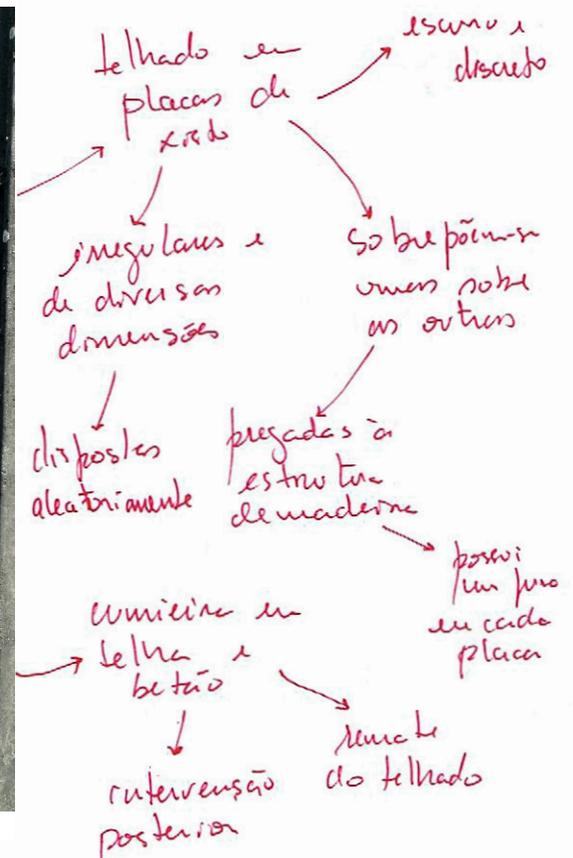
■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

O uso do xisto ou lousa em telhados é uma prática frequente em aldeia serranas e onde aflora este tipo de rocha. Este material escuro dá um ambiente monocromático às regiões onde são empregues, que contrasta com a cor viva dos campos e das vinhas. Actualmente verifica-se o desuso deste material em cobertura e em muitas das quais, que antigamente o usavam, substituíram-no maioritariamente por telha cerâmica.

Verifica-se o uso do xisto, tanto na construção da cobertura como nos seus acabamentos ou remates. Nas figuras 136, 137 e 138, as casas possuem telhados com pendentes menores face ao do caso de estudo, sendo as placas sobrepostas umas nas outras, fixas pelo seu peso próprio, que no caso de estudo, onde a pendente do telhado é maior, as placas são pregadas à estrutura de madeira que a sustenta. Entre a figura 139 e a 135, percebe-se a diferença no remate da cumieira dos telhados, apesar da do caso de estudo ser uma intervenção posterior.

¹⁰² PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.131

Fig.135 Telhado, caso de estudo ■



telhado com
aparência
irregular
e acurta

construções
mais "pobres"

placas irregulares
e de dimensão
de francadas



Fig.136 Outeiro da Vinha ■

Fig.137 Guadramil. Telhados ■

placas de xisto sobrepostas
umas sobre as outras

uso do peso próprio do material
para a fixação no telhado

pendentes
reduzidas

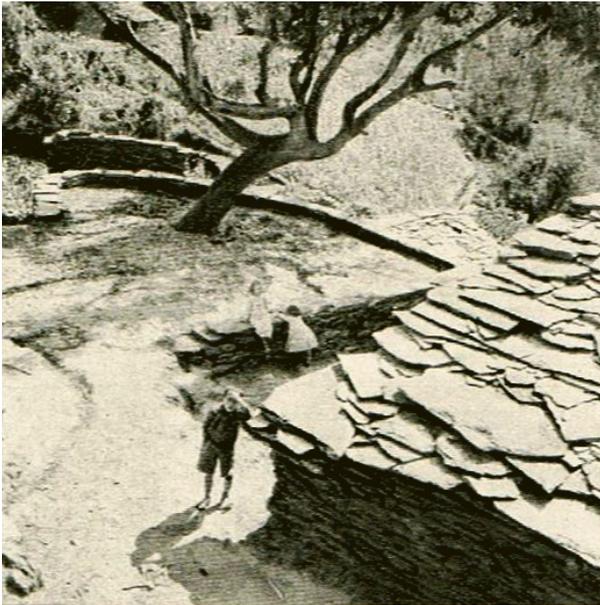
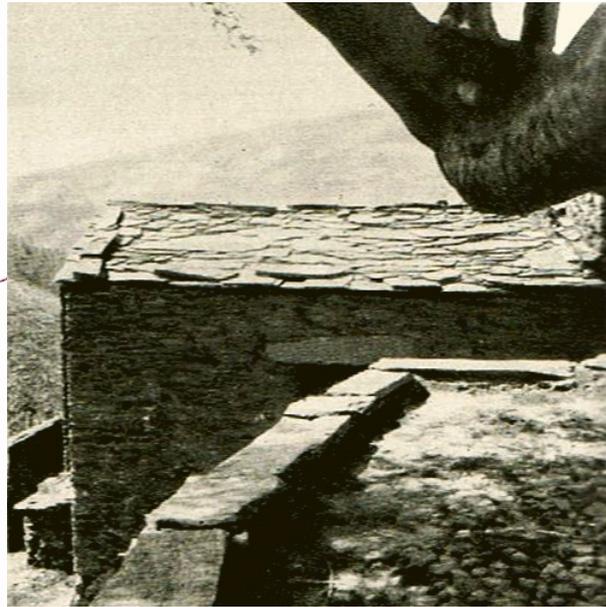


Fig.138 Outeiro da Vinha ■



placas que compõem o
telhado com dimensões
semelhantes

telhado
sem grandes
pendentes

placas de xisto
entrelaçam-se
entre si

exemplo de
remate de cumeeira
de um telhado em
placas de xisto

Fig.139 Varge. Cume do telhado da igreja ■



O REVESTIMENTO A CAL

O papel da cal é mais vasto do que uma simples protecção dos materiais ou da casa contra o clima. Funciona, para além disso, como medida do grau do saber habitar das populações. A criação é a materialização do amor pela casa e evidencia-se no carinhoso remate que o fumo não consegue enegrecer ou nas superfícies suaves que cobrem os degraus à porta de entrada.¹⁰³

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

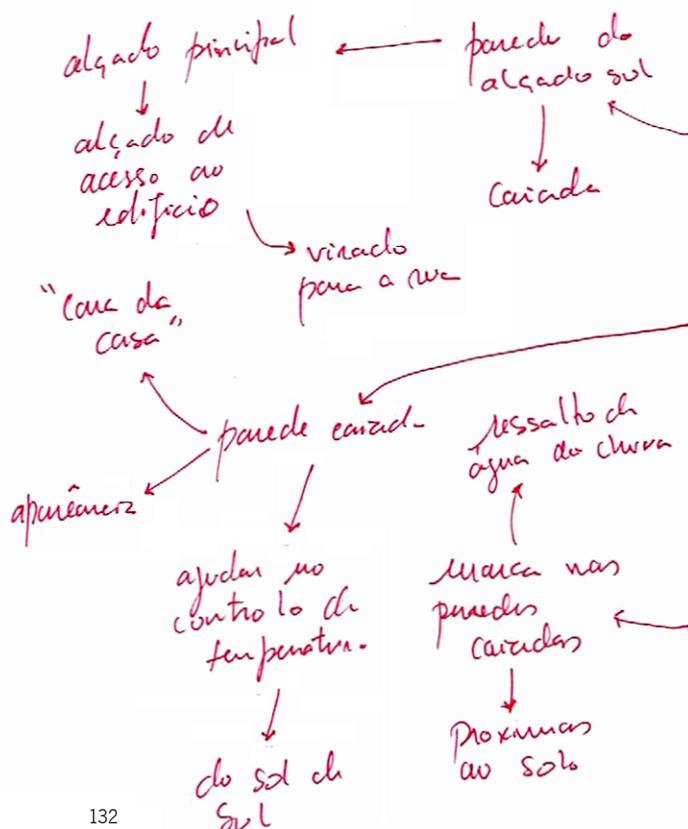
A presença da cal surge, habitualmente em zonas quentes do Sul, para auxiliar na protecção dos materiais, na impermeabilização das paredes e na reflexão da luz. Comparativamente à figura 140, o uso da cal no revestimento da parede do alçado sul, pode ser um indicio desse princípio de utilização, assim como nos exemplos das figuras 143 e 144, construções no Sul do país.

O revestimento em cal sugere também a procura de uma certa nobreza e requinte nas construções pobres e arcaicas, da mesma forma que a capela da figura 142 é caiada para dar uma certa imagem e importância ao edifício.

No caso de estudo, verifica-se o emprego da cal no alçado de entrada virado para a rua, figura 140, com o intuito de “preparar” a sua imagem, que, como este, o edifício da figura 145, apresenta esse mesmo modo de utilização, e que se verifica igualmente nos exemplos das figuras 143 e 144.

103 PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.408

Fig.140 Revestimento das paredes, caso de estudo ■



pequena camada de cal
 emprego da cal permite reconhecer a alvenaria de pecha do edifício

Fig.141 Via Glória. Mértola

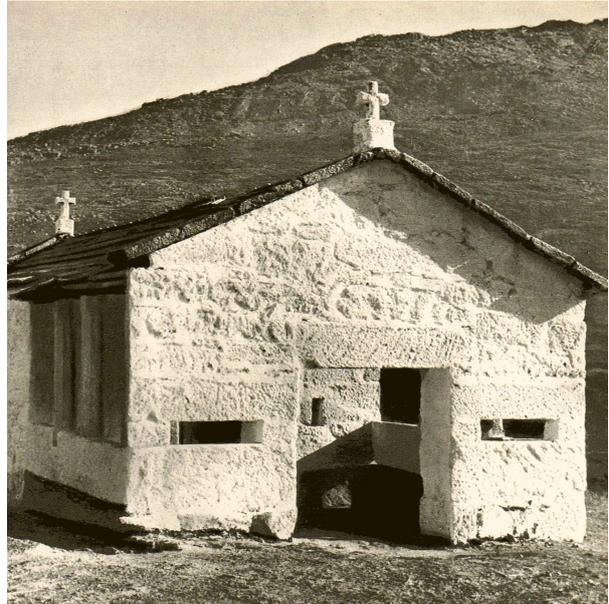
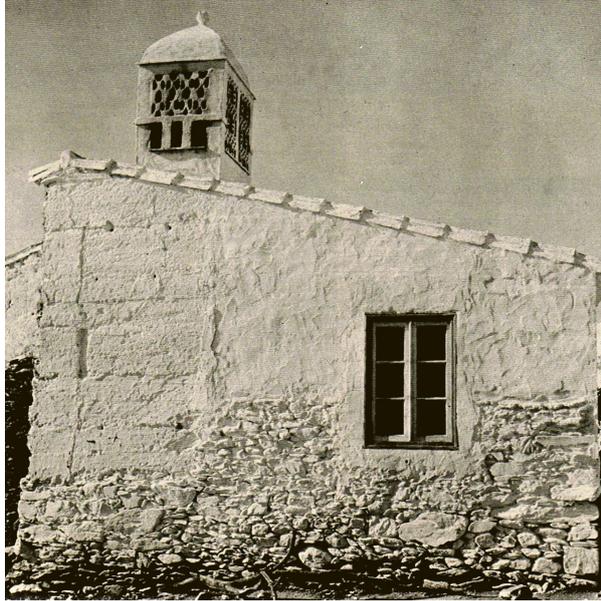


Fig.142 Lindoso. Capela de St.ª Maria Madalena. Frente

zona atípica no uso de cal
 principalmente usado para a aparência do edifício

exemplo do emprego da cal usado para tipologias específicas

pequena unha que ali se usa a auxiliar as paredes cavadas a proteger o edifício

ou em fachadas viradas a sul
 procuram auxiliar na proteção contra a intensidade do sol

cal menos visível mais perto do solo
 emprego da cal usado nas fachadas de entrada dos edifícios

Fig.143 Sta. Cruz. Almodovar



Fig.144 Alcaria Alta. Alcoutim

Fig.145 Vale Maior



faixa perto do solo sem ser caiado
 proteção para a chuva
 virada para a rua

presença do caiado nas paredes de fachada principal

OS ESPAÇOS E CIRCULAÇÃO

No Ribatejo, as habitações (...) desenvolvem-se num único piso, segundo um esquema muito simples – divisões em sucessão e comunicando entre si -, implicando a característica planta dentro de um rectângulo alongado.¹⁰⁴

No corpo maior, maciço, quase sem aberturas, estão no rés-do-chão, semienterradas, as lojas, e no andar superior, os quartos e salas da casa. Comunica com ambas e ainda com a entrada principal e com a horta, a cozinha que se intercala a meia altura, aproveitando o suave pendor do solo.¹⁰⁵

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

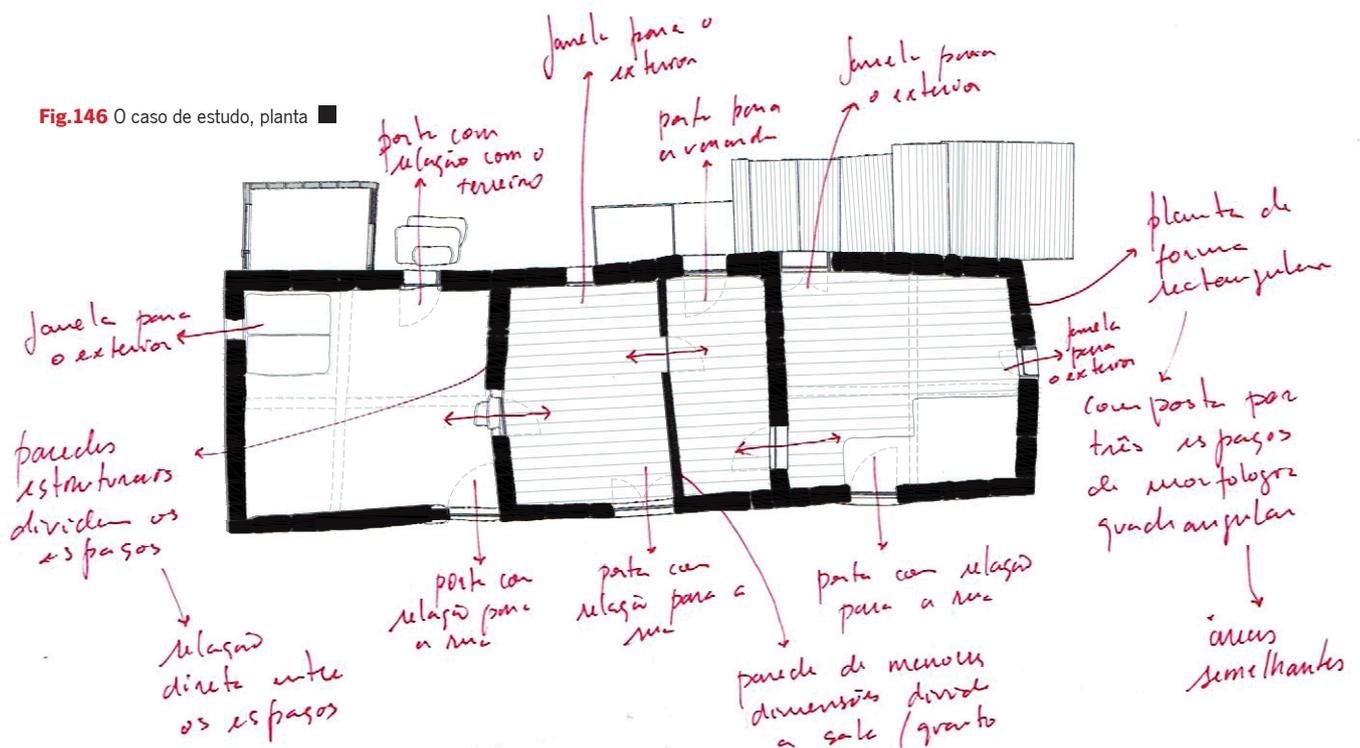
Assim como os exemplos seleccionados, a planta da figura 146 estrutura-se num rectângulo alongado dividido em espaços quadrangulares semelhantes, que relacionam com o exterior, através de portas ou janelas. Possuem a particularidade de comunicarem entre si, numa circulação interior entre os espaços, sem o auxílio a corredores ou varandas, que, no caso da figura 148, localizada em Braga, possui ambas as alternativas.

As habitações das figuras 147, 149 e 150, das regiões da Estremadura e Ribatejo, são distribuídos num só piso e têm a característica de se relacionarem directamente com a envolvente exterior, ao contrário da figura 148, que eleva o piso de habitação do terreno.

¹⁰⁴ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.436

¹⁰⁵ *Ibid.* p.46

Fig.146 O caso de estudo, planta ■



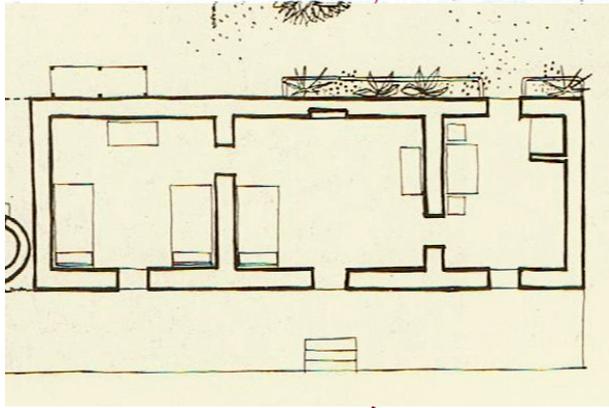


Fig.147 Portela das Padeiras, planta

espaço central de maior dimensão → espaço principal de entrada

Cada espaço possui aberturas para o exterior

portas ou janelas

poucas aberturas para o exterior

todos os espaços com vãos viáveis para a rua

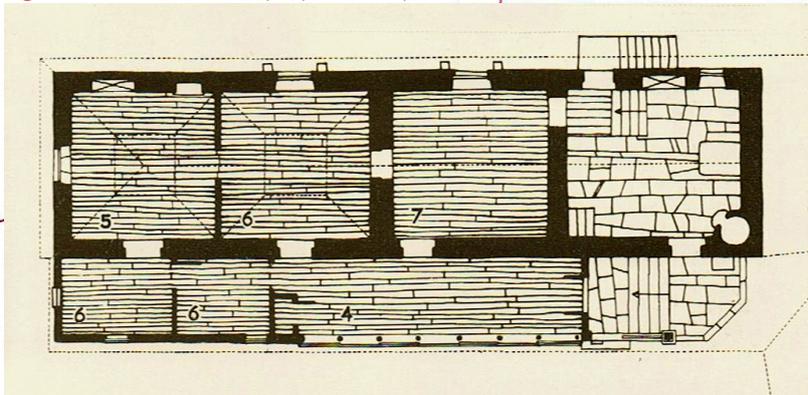
espaço de transição

auxílio de uma varanda

acesso possível pelo exterior dos espaços

circulação direta entre os espaços

Fig.148 Casa do Ribeiro. Habitação, planta do 2º piso



espaços divididos por paredes estruturais

relação direta entre si

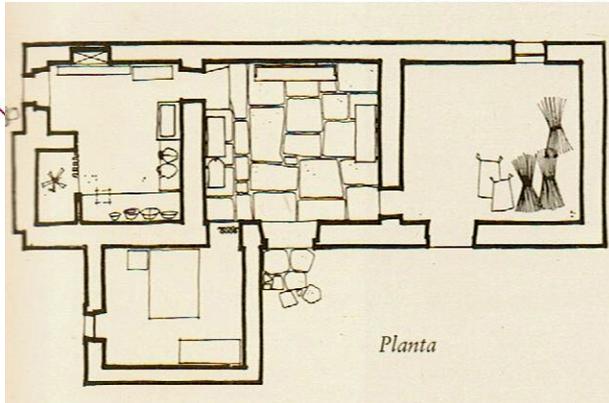
dimensões semelhantes às paredes periféricas

possui uma parede de dimensão diferentes

mantém a mesma metria dos espaços

relação direta com o exterior

Fig.149 Assafora, planta



Planta

planta de forma rectangular

formada por espaços de morfologia quadrangular

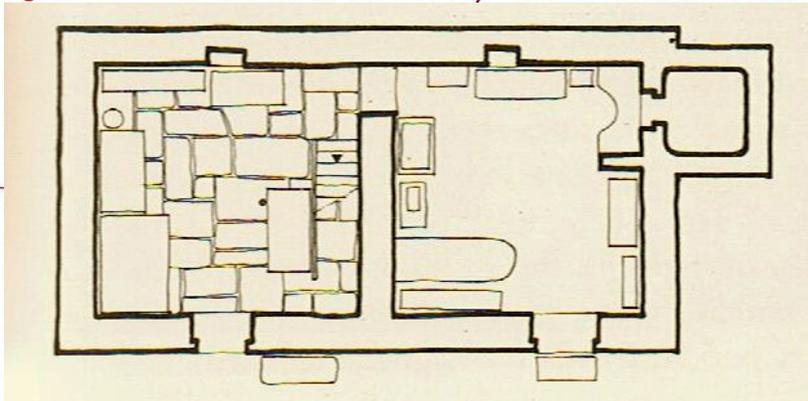
metria nos espaços

parede estrutural divide entre os espaços

possui janela para o exterior

relação direta com o edifício

Fig.150 Assafora



mesma metria dos outros espaços do edifício

"acrescento" no edifício

planta de forma rectangular

planta do edifício composta por dois espaços quadrangulares

ambos os espaços com relação direta com o exterior

parede dividida da mesma dimensão das paredes periféricas

O INTERIOR

*(...) os interiores são escuros e dum desconforto confrangedor, com mobiliário tosco e escasso. A luz entra por diminutas aberturas. Quase não existem chaminés e o fumo, que enegrece tudo, espalha-se pelas casas antes de sair pelos interstícios das telhas, das pedras e das portas.*¹⁰⁶

*(...) bem distintas, a sala e a cozinha, numa diferenciação tosca mas estrutural de espaços e funções. Não interessa que na sala haja mais duma cama e simbólicas separações de tabique tentem conter, nos limites do individual, a intimidade dos ocupantes.*¹⁰⁷

Na casa de Barral os interiores são simples e pobres. Os espaços são escuros, conservam o cheiro do fumo e são adornados com o mobiliário tosco. O escano é a peça mais importante do lar, construído em madeira, aparece enfrente à lareira (figura 151), e assemelha-se ao mesmo da imagem 156, em Rio de Onor. A lareira, igualmente ao desenho da figura 157, aparece num piso de betão, abaixo do chão de madeira da cozinha.

A sala e a cozinha dividem-se em espaços distintos. O interior da sala é caiado (figura 152), assim como na habitação de *Monsanto* (figura 154), que se apronta para cerimónias e para receber convidados. Esta divide o espaço com os quartos e é onde se encontram as camas e os armários.

■ Caso de estudo
■ Arquitectura Popular em Portugal

¹⁰⁶ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.232
¹⁰⁷ *Ibid.* p.126

"coração" da vida familiar ← lareira pavimentada com betão

Fig.151 Cozinha, lareira e escano. Caso de estudo ■



Está abaixo do piso da cozinha

Escano de madeira



Fig.152 Sala/Quarto, Interior. Caso de estudo ■

paredes da sala caiadas

paredes de tabique

Escano em frente da lareira

espaço para visitas e cerimónias

Escano de madeira

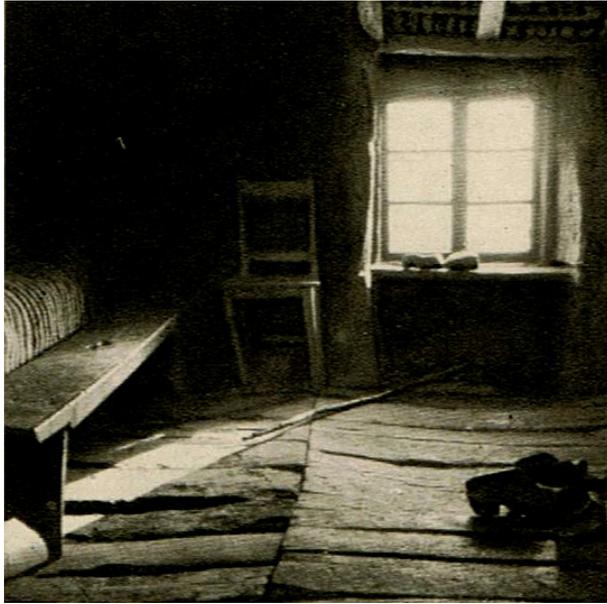


Fig.153 Gralheira

mobilário
toscas

paredes
interiores
cuidadas

local
importante
para
celebrações
ou para
receber
visitas

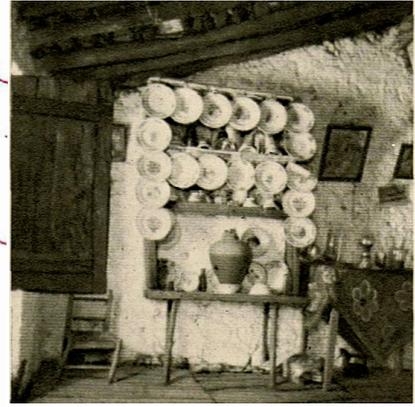


Fig.154 Monsanto

Fig.155 Monsanto

piso dos espaços
em soalho de
madeira

construído
em madeira e
por vezes
com aparência tosca

escano é o "coração"
do lar para a maioria
de famílias e fonte
de lazer

principalmente
por janelas

luz entra
pelas poucas
aberturas que
existem

em alturas
de tempo favorável
também são
abertas as portas

tapetado
em soalho
de madeira

Fig.156 Rio de Onor. Cozinha - um escano

Fig.157 Freineda

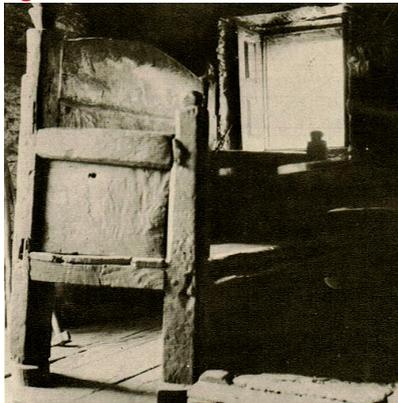
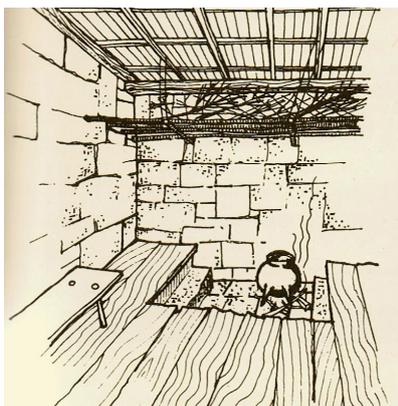


Fig.158 Montes. Interior da casa da tecedeira



interiores escuros
e sombrios

arcas para
guardar
roupas ou
outros utensílios



lareira aparece
abaixo do piso
em soalho de
cozinha/sala

degrau serve de
assento

tapetado de lareira
num material que
resista ao fogo

pedra ou
no solo original

*Em toda boa Architectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edificio um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias.*¹⁰⁸

¹⁰⁸ TÁVORA, Fernando. *O problema da casa portuguesa* [em linha]. 1947. (Consultado a 15/05/2021) disponível em < <https://revisitavora.wordpress.com/2018/06/27/o-problema-da-casa-portuguesa-fernando-tavora-2/> >

EPÍLOGO

*Do estudo da Arquitectura popular portuguesa podem e devem extrair-se lições de coerência, de seriedade, de economia, de engenho, de funcionamento, de beleza... que em muito podem contribuir para a formação dum arquitecto dos nossos dias.*¹⁰⁹

Tendo em conta um património votado ao abandono e que se encontra hoje em vias de desaparecer, acreditamos que se deva procurar investir para a preservação e registo de uma arquitectura que nasce da sabedoria e do trabalho do povo e que carrega na construção a sua memória e cultura.

Da elaboração deste trabalho retém-se a ambição de dar continuidade ao estudo desenvolvido no *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*, tendo como base, a procura da valorização de um edifício da arquitectura popular regional em Aboadela, “A casa de Barral”.

A abordagem ao estudo da arquitectura popular revelou-se preponderante para o entendimento das suas várias valências e da sua importância, que pouco lhe é reconhecida. Buscamos não deixar cair no esquecimento uma arquitectura que surge do conhecimento empírico herdado durante décadas, de uma experimentação sucessiva que reconhece a importância da relação com o lugar, com os habitantes e com a tradição, atendendo ao princípio de um desenho que segue a necessidade, o uso e a função.

*Para construir o presente e planear o futuro naquilo que depende de cada geração, não é preciso destruir o passado, mas saberemos respeitar os direitos das gerações futuras se formos capazes de preservar o que os nossos antepassados nos legaram.*¹¹⁰

A aplicação de uma metodologia de análise verificou-se essencial para levar avante o desenvolvimento desta investigação. Esta metodologia, redigiu-se, essencialmente, no campo da **observação**, do registo da sua representação em **desenho** e do auxílio à redacção de **anotações** e de **fotografias**.

*O exercício da observação é prioritário para um arquitecto. Quanto mais observamos, mais clara surgirá a essência do objecto. E esta consolidar-se-á como conhecimento vago, instintivo.*¹¹¹

Desta forma, abordamos o gesto de **observar** como o principal instrumento para o reconhecimento do caso de estudo, que possibilitou através de uma observação sucessiva e metódica, criar uma relação de proximidade e familiarização com o edifício. Através do uso da **fotografia** procuramos registar, numa relação intemporal, esta prática de observação.

¹⁰⁹ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.XXII

¹¹⁰ MENDES, José G. *Apointamentos para a História de Aboadela (Ovelha do Marão)*. 1997. p.4

¹¹¹ SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. 1998. p.25

*O desenho é a linguagem e a memória, a forma de comunicar consigo e com os outros, a construção.*¹¹²

O **desenho** mostrou-se a ferramenta adequada na comunhão com o acto de observar, permitindo o registo da representação desse gesto, criando uma linguagem de comunicação entre a obra, o autor e o leitor. Através deste, foi possível um entendimento mais concreto do caso de estudo e do desenvolvimento de uma leitura síntese do construído.

Na metodologia de análise, o **anotar**, facilitou o registo daquilo que o desenho não conseguia alcançar, nem a fotografia conseguia enquadrar. As anotações, neste processo, abriram o campo à reflexão daquilo que se observava e desenhava, procurando complementá-las.

A adopção desta metodologia de análise implicou uma presença frequente ao local, e dessa forma, a acessibilidade que o caso de estudo proporcionava para o autor, foi preponderante para que essa condição fosse cumprida assiduamente.

*O fenómeno da Arquitectura popular e regional só há poucas décadas começou a interessar vivamente os estudiosos, e a ser encarado com olhos limpos de preconceito estilísticos, que lhe diminuíram o significado e a importância.*¹¹³

Da introdução ao ensaio comparativo, entre a obra e o livro *Arquitectura Popular em Portugal*, reconhecemos o contraste e o enquadramento da arquitectura do caso de estudo, que permitiu desta forma, decifrar a sua génese. Através deste, percebemos a multiplicidade de influências que caracterizam o edifício e que o identificam como uma construção incomum, reflectindo a abrangência que a arquitectura popular tem e que se replica em edifícios tanto do Norte a Sul de Portugal, numa busca eximia pela sua integração.

Concluimos, que esta metodologia empírica se revelou fundamental para o entendimento de todo o léxico que engloba esta obra. Deste modo não pretendemos a definição dos métodos de análise ao construído popular mas esperamos que este trabalho seja a abertura a novas metodologias e que cada vez mais se procure estudar e valorizar a Arquitectura Popular em Portugal.

*É por medo à solidão, a ficarmos contrapostos só a nós – sem o aval daqueles que em condições mais duras edificaram o sublime – que não podemos nem queremos deixar desaparecer este património, esta herança, este testemunho, esta memória, estas provas.*¹¹⁴

¹¹² SIZA, Álvaro. *O desenho como memória*. in *Textos 01*. 2009. p.96.

¹¹³ PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos - *op.cit.* 1980. p.XXI

¹¹⁴ GRAÇA DIAS. Manuel. *Prova*. In *À la recherche du temps perdu*. 2003. p.3

BIBLIOGRAFIA

BRANCO, Camilo C. ***Vinte Horas de Liteira***. Lisboa: Alêtheia Editores, 2016. ISBN 978-989-99376-8-0.

_____. - ***Colóquio Viário do Marão***. [registo de video]. Instituto Politécnico de Bragança. Vila Real, 2020. Video na plataforma Youtube. (Consultado a 19/05/2021) disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=a-Vntayn6wpU&t=9209s> >

COSTA, F. Pereira da. ***Enciclopédia Prática da Construção Civil***. Edição do Autor. Lisboa: Portugália Editora. 1955

CRUZ, Domingos. Serra da Aboboreira: ***A Terra, o Homem e os Lobos***. [em linha]. Edição de Autor. 2015 (consultado a 05 de Maio de 2021) disponível em < <http://www.bestanca.com/2015/caminhada-pelas-margens-do-rio-ovelha/nggallery/page/3#fotografias> >

DOMÍNGUEZ, Carlos Alberto Maia. ***A Ideia Construtiva: Projeto de reabilitação do Apartamento José Soares do Edifício Vouga/Soares & Irmãos***. Guimarães: EAUM. 2016. Tese de Doutoramento.

GRAÇA DIAS, Manuel. ***Prova***. in *À la recherche du temps perdu*, J-A Jornal dos Arquitectos. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2003. ISSN 0870-1504

GONÇALVES, Joana. ***Tradição em Continuidade: Levantamento das Quintas da Terra Fria do Nordeste Transmontano e contributos para a Sustentabilidade***. Guimarães: EAUM. 2014. Dissertação de Mestrado.

MASCARENHAS, Jorge. ***Sistemas de Construção - XV Arquitectura Popular Portuguesa***. Lisboa: Livros Horizonte, 2015. ISBN 978-972-24-1796-9.

MENDES, José Guedes. ***Apontamentos para a História de Aboadela (Ovelha do Marão)***. Edição de Autor, 1997.
- ***Apontamentos para a História de Aboadela (Ovelha do Marão)***. Edição de Autor, 2010.

MOREIRA, Miguel - ***Pelourinho e o Cruzeiro de Aboadela***. Edição de Autor, 2020. (consultado a 06 de Maio de 2021). disponível em < <https://memgundar.blogspot.com/search/label/Aboadela> >

- ***Portal da Câmara de Ovelha do Marão***. Edição de Autor, 2020. (consultado a 06 de Maio de 2021). disponível em < <https://memgundar.blogspot.com/search/label/Aboadela> >

- ***Capela de Nossa Senhora da Conceição***. Edição de Autor, 2020. (consultado a 06 de Maio de 2021). disponível em < <https://memgundar.blogspot.com/search/label/Aboadela> >

- ***Ponte de Fundo de Rua (Ovelha do Marão)***. Edição de Autor, 2020. (consultado a 06 de Maio de 2021). disponível em < <https://memgundar.blogspot.com/search/label/Aboadela> >

MOUTINHO, Mário. ***A Arquitectura Popular Portuguesa***. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1979. ISBN 972-33-1054-6.

MUNICÍPIO DE LOUSADA. ***Oppidum - Revista de Arqueologia, História e Património*** [em linha]. Lousada: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2018. (consultado a 06 de Maio de 2021) disponível em < https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/19281/1/Oppidum%20-%20Via_do_Marao.pdf >. ISSN 1646-513X.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. ***Arquitectura Tradicional Portuguesa***. 1ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-0959-1.

OLIVEIRA, Inês Filipe. ***A fotografia no Inquérito da Arquitectura Popular Em Portugal***. Coimbra: FCTUC. 2011. Dissertação de Mestrado.

_____ - ***Ponte de Fundo de Rua: Amarante***. In *Rota do Românico* [em linha]. 1ª Edição. Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território, 2014. (consultado a 06 de Maio de 2021). Disponível em < <https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/ponte-de-fundo-de-rua/> >. ISBN 978-989-20-5243-4.

PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. ***Arquitectura Popular em Portugal***. 2ª Edição. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980.

_____ - **Roteiro natural: Amarante**. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2001. 94 p. ISBN 972-98539-4-0.

SALAVESSA, Eunice. **Arquitetura Vernácula do Alvão** in Pedra e Cal. Lisboa: GECORPA – Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico, 2015. ISSN 1645-4863

SANTOS, Gilson. **Aboadela e a Antiga Via do Marão** [em linha]. Edição do Autor. 2020 (consultado a 06 de Maio de 2021) disponível em < <https://institutopoimenica.com/2020/03/21/aboadela-e-a-antiga-via-do-mar/> >

- **A Porta de Entrada do Marão** [em linha]. Edição do Autor. 2020 (consultado a 06 de Maio de 2021) disponível em < <https://institutopoimenica.com/2020/03/10/a-porta-de-entrada-do-mar/> >

- **Entre duas velhas pontes da Região Maronesa**. [em linha]. Edição do Autor. 2020 (consultado a 06 de Maio de 2021) disponível em < <https://institutopoimenica.com/2020/03/02/entre-duas-velhas-pontes-da-regio-maronesa/> >

SIZA, Álvaro. **01 textos, Álvaro Siza**. Porto: Editora Civilização, 2009. ISBN 9789722629232.

SIZA, Álvaro. **Imaginar a evidência**. Lisboa: Edições 70, 1998. ISBN 972441390X.

TÁVORA, Fernando. **Casa da Covilhã** in Fernando Távora, Luiz Trigueiros. Lisboa: Editorial Blau, 1993. ISBN 9789728311292.

TÁVORA, Fernando. **O problema da casa portuguesa** [em linha]. Lisboa, 1947. (Consultado a 15/05/2021) disponível em < <https://revisitavora.wordpress.com/2018/06/27/o-problema-da-casa-portuguesa-fernando-tavora-2/> >

ÍNDICE ICONOGRÁFICO

Fig.01 Mapas de Altimetrias e Hidrografia - Editado pelo autor.....	18
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>Arquitectura Popular em Portugal</i> . 1980. p.6 e p.116	
Fig.02 Legenda Mapas 1 e 2 - Editada pelo autor.....	18
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op. cit.</i> , p.6	
Fig.03 Mapas de Altimetrias e Hidrografia de Amarante.....	18
Elaborado pelo autor	
Fig.04 Mapas Geológicos - Editado pelo autor.....	20
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op. cit.</i> , p.7 e p.116	
Fig.05 Legenda Mapa 1 - Editada pelo autor.....	20
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op. cit.</i> , p.7	
Fig.06 Mapa geológico, Amarante.....	20
Elaborado pelo autor	
Fig.07 Mapa de Aboadela.....	23
in: MENDES, José G. Apontamentos para a História de Aboadela (Ovelha do Marão). 1997. p.6	
Fig.08 Pelourinho.....	24
Fotografia do autor	
Fig.09 Argolas para prender os cavalos, Rua.....	24
Fotografia do autor	
Fig.10 Localização de Ovelha do Marão (Aboadela), 1561.....	25
Fernando Álvaro Seco - Mapa de Portugal (1561). in: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Portugalliae_1561_(Baseado_no_primeiro_mapa_de_Portugal)-JM.jpg	
Fig.11 Imagem/Desenho antigo da Ponte de Fundo de Rua, Aboadela....	25
in: MENDES, José G. Apontamentos para a História de Aboadela (Ovelha do Marão). 1997. p.11	
Fig.12 Ponte de Fundo de Rua.....	26
in: https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/ponte-de-fundo-de-rua/	
Fig.13 Inscrição “1630 RMO” na base do cruzeiro.....	27
in: Ponte de Fundo de Rua: Amarante. In Rota do Românico [em linha]. 2014. p.76	
Fig.14 Capela de Nossa Senhora da Conceição.....	27
Fotografia do autor	
Fig.15 Noticias sobre o incêndio de 15 de Setembro de 1985.....	27
in: https://riscos.pt/wp-content/uploads/2018/Encontros/ICIRVENR/Aprst/ICIR_VENR_ppt40.pdf	
Fig.16 Esquema das Vias Romanas e Medievais em Amarante.....	29
Elaborado pelo autor	
Fig.17 Esquema das Vias Romanas e Medievais em Aboadela.....	30
Elaborado pelo autor	
Fig.18 Ortofotomapa e principais Infra-estruturas, Aboadela, 2020.....	32
Ortofotomapa do Google Maps / Fotografias do autor	
Fig.19 Planta Topográfica e principais Lugares, Aboadela, 2020.....	34
Elaborado pelo autor / Fotografias do autor	

Fig.20 Área Agrícola.....	37
Elaborado pelo autor / Fotografia in: https://www.youtube.com/watch?v=5xRBf1b6ZC4	
Fig.21 Área Florestal.....	37
Elaborado pelo autor / Fotografia in: https://www.youtube.com/watch?v=5xRBf1b6ZC4	
Fig.22 Área Construída.....	37
Elaborado pelo autor / Fotografia in: https://www.youtube.com/watch?v=5xRBf1b6ZC4	
Fig.23 Análise sobre usos da água.....	39
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.24 Análise sobre as principais fontes de água existentes.....	41
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.25 Análise sobre as antigas vias existentes.....	43
Elaborado pelo autor	
Fig.26 Análise sobre as vias pavimentadas em asfalto.....	45
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.27 Análise sobre as vias pavimentadas em pedra.....	46
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.28 Análise sobre as vias não pavimentadas.....	47
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.29 Análise morfológica, Aboadela meados sec.XX.....	49
Elaborado pelo autor	
Fig.30 Análise morfológica, Aboadela 2020.....	49
Elaborado pelo autor	
Fig.31 Esquema comparação tipológica.....	50
Elaborado pelo autor	
Fig.32 Mapa geral - Análise tipológica, Aboadela.....	51
Elaborado pelo autor	
Fig.33 Barral, Aboadela.....	52
Fotografia do autor	
Fig.34 Mapa geral - Análise tipológica, Aboadela.....	53
Elaborado pelo autor	
Fig.35 Esquema comparação tipológica.....	54
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.36 Análise tipológica, Barral.....	55
Elaborado pelo autor	
Fig.37 Rua, Aboadela.....	56
in: https://www.youtube.com/watch?v=5xRBf1b6ZC4	
Fig.38 Mapa geral - Análise tipológica, Aboadela.....	57
Elaborado pelo autor	
Fig.39 Esquema comparação tipológica.....	58
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	

Fig.40 Análise tipológica, Rua.....	59
Elaborado pelo autor	
Fig.41 Igreja, Aboadela.....	60
in: https://www.youtube.com/watch?v=5xRBf1b6ZC4	
Fig.42 Mapa geral - Análise tipológica, Aboadela.....	61
Elaborado pelo autor	
Fig.43 Esquema comparação tipológica.....	62
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.44 Análise tipológica, Igreja.....	63
Elaborado pelo autor	
Fig.45 Caso de Estudo.....	66
Fotografia do autor	
Fig.46 Localização do Caso de Estudo.....	67
Elaborado pelo autor	
Fig.47 Casa de Barral.....	68
Fotografia do autor	
Fig.48 Análise da envolvente do caso de estudo.....	69
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.49 Caso de Estudo.....	70
Fotografia do autor	
Fig.50 Análise sobre a relação topográfica do caso de estudo.....	71
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.51 Análise tipológica, planta.....	73
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.52 Análise tipológica, axonometria poente-sul.....	74
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.53 Análise tipológica, axonometria nascente-norte.....	75
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.54 Análise métrica, plantas piso de habitação e piso inferior.....	77
Elaborado pelo autor	
Fig.55 Análise métrica, secção e alçado sul.....	78
Elaborado pelo autor	
Fig.56 Análise métrica, alçados nascente, poente e norte.....	79
Elaborado pelo autor	
Fig.57 Alçado sul, caso de estudo.....	81
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.58 Análise morfológica.....	82
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.59 Análise morfológica.....	83
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	

Fig.60	Análise da materialidade dos pisos, planta.....	85
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.61	Análise da materialidade, axonometria poente-sul.....	86
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.62	Análise da materialidade, axonometria nascente-norte.....	87
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.63	Análise das marcas e patologias, planta.....	89
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.64	Análise das marcas e patologias, axonometria poente-sul.....	90
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.65	Análise das marcas e patologias, axonometria nascente-norte.....	91
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.66	Esboço dos usos dos últimos habitantes do caso de estudo.....	93
	Elaborado pelo autor, Entrevista n°2	
Fig.67	Esquema de ocupações da família de José Alves (pais e irmão)...	95
	Elaborado pelo autor, Entrevista n°3	
Fig.68	Esquema de ocupações após distribuição das heranças.....	95
	Elaborado pelo autor, Entrevista n°3	
Fig.69	Esquema de ocupações após a morte da mãe de José Alves.....	95
	Elaborado pelo autor, Entrevista n°3	
Fig.70	Análise sobre os vãos interiores.....	97
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.71	Análise sobre os vãos exteriores dos alçados poente e sul.....	98
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.72	Análise sobre os vãos exteriores dos alçados nascente e norte.....	99
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.73	A Casa de Barral.....	101
	Fotografia do autor	
Fig.74	Análise sobre os sistemas construtivos.....	102
	Elaborado pelo autor	
Fig.75	Análise sobre os sistemas construtivos.....	103
	Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.76	Esquema Povoado, Barral, Aboadela.....	108
	Elaborado pelo autor	
Fig.77	Barral, Aboadela.....	108
	Fotografia do autor	
Fig.78	<i>Ponte do Lima. Panorâmica sobre Sobrada.....</i>	109
	in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>Arquitectura Popular em Portugal</i> . 1980. p.24	
Fig.79	<i>Esquema de povoamento concentrado</i>	109
	in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.25	

Fig.80 <i>Esquema do povoado de montanha</i>	109
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.29	
Fig.81 <i>Chão de Espinho. Arouca</i>	109
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.28	
Fig.82 Esquema Povoado, Rua, Aboadela.....	110
Elaborado pelo autor	
Fig.83 Rua, Aboadela.....	110
in: https://www.youtube.com/watch?v=5xRBf1b6ZC4	
Fig.84 <i>Rio de Onor, Esquema da povoação</i>	111
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.136	
Fig.85 <i>Rio de Onor. Vista geral</i>	111
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.136	
Fig.86 <i>Burgau, Vila do Bispo</i>	111
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.587	
Fig.87 <i>Burgau, Vila do Bispo</i>	111
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.587	
Fig.88 Esquema Povoado, Igreja, Aboadela.....	112
Elaborado pelo autor	
Fig.89 Igreja, Aboadela.....	112
in: https://www.youtube.com/watch?v=5xRBf1b6ZC4	
Fig.90 <i>Montes. O largo da capela</i>	113
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.123	
Fig.91 <i>Montes. O 'lugar</i>	113
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.123	
Fig.92 <i>Moreira de Rei</i>	113
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.236	
Fig.93 <i>Moreira de Rei</i>	113
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.236	
Fig.94 Axonometria, caso de estudo.....	114
Elaborado pelo autor	
Fig.95 <i>Vale de Igreja. Habitação</i>	115
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.245	
Fig.96 <i>Fervença. Corte</i>	115
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.424	
Fig.97 <i>Montes. Corte transversal da casa da tecedeira</i>	115
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.126	
Fig.98 <i>Escudeiros. Braga. Cada do Ribeiro. Alçado</i>	115
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.46 e 47	
Fig.99 Vista do acesso ao Caso de Estudo.....	116
Fotografia do autor	

Fig.100 <i>Guiomil. Longos Vales. Monção. Habitação.....</i>	117
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.73	
Fig.101 <i>Monsanto.....</i>	117
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.235	
Fig.102 <i>Sá. S.Martinho da Sardoura. Castelo de Paiva. Habitação.....</i>	117
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.31	
Fig.103 <i>S. Pedro de Rio Seco.....</i>	117
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.249	
Fig.104 <i>Manhouce. S.Pedro do Sul. Particular de Rua.....</i>	117
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.31	
Fig.105 <i>A Rua de acesso ao Caso de Estudo.....</i>	118
Fotografia do autor	
Fig.106 <i>Colo de Pito.....</i>	119
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.235	
Fig.107 <i>Mogadouro.....</i>	119
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.202	
Fig.108 <i>Viseu.....</i>	119
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.235	
Fig.109 <i>Alpedrinha.....</i>	119
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.235	
Fig.110 <i>Malpartida.....</i>	121
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.249	
Fig.111 <i>Malpica do Tejo</i>	121
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.254	
Fig.112 <i>Malpica do Tejo.....</i>	121
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.254	
Fig.113 <i>Malpica do Tejo.....</i>	121
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.254	
Fig.114 <i>Malpica do Tejo.....</i>	121
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.255	
Fig.115 <i>Terreiro, planta.....</i>	122
Elaborado pelo autor	
Fig.116 <i>Ifanes. O pátio da casa do Sr.Virgílio. Planta.....</i>	123
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.151	
Fig.117 <i>Ifanes. Planta do pátio.....</i>	123
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.152	
Fig.118 <i>Planta de Conjunto.....</i>	123
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.514	
Fig.119 <i>Peroguarda. Planta.....</i>	123
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.556	

Fig.120 A vinha.....	124
Fotografia do autor	
Fig.121 <i>Ventusela. STº Estêvão de Briteiros. Guimarães. Quinteiro da Casa da Lavoura</i>	125
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.39	
Fig.122 <i>Creixomil. Barcelos. Casa de Calcelhe. Habitação</i>	125
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.42	
Fig.123 <i>Quatro Estradas - Lagos</i>	125
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.647	
Fig.124 <i>Quatro Estradas - Lagos</i>	125
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.647	
Fig.125 Asna, caso de estudo.....	126
Elaborado pelo autor / Fotografia do autor	
Fig.126 <i>Santo André. O forno do povo</i>	127
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.166	
Fig.127 <i>Santo André. Corte transversal do forno</i>	127
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.167	
Fig.128 <i>S. Francisco da Serra - S. Tiago do Cacém</i>	127
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.670	
Fig.129 <i>Pataias</i>	127
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.421	
Fig.130 O telhado.....	128
Fotografia do autor	
Fig.131 <i>Pitões das Júnias. Granito</i>	129
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.172	
Fig.132 <i>Vale de Igreja. Habitação</i>	129
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.245	
Fig.133 <i>Moura Morta</i>	129
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.246	
Fig.134 <i>Urgueira</i>	129
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.244	
Fig.135 Telhado, caso de estudo.....	130
Fotografia do autor	
Fig.136 <i>Outeiro da Vinha</i>	131
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.236	
Fig.137 <i>Guadramil. Telhados</i>	131
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.143	
Fig.138 <i>Outeiro da Vinha</i>	131
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.236	
Fig.139 <i>Varge. Cume do telhado da igreja</i>	131
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.143	

Fig.140 Paredes caiadas.....	131
Fotografia do autor	
Fig.141 <i>Via Glória. Mértola</i>	133
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.629	
Fig.142 <i>Lindoso. Capela de St.^a Maria Madalena. Frente</i>	133
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.93	
Fig.143 <i>Sta. Cruz. Almodovar</i>	133
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.664	
Fig.144 <i>Alcaria Alta. Alcoutim</i>	133
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.665	
Fig.145 <i>Vale Maior</i>	133
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.78	
Fig.146 Caso de estudo, planta.....	134
Elaborado pelo autor	
Fig.147 <i>Portela das Padeira, planta</i>	135
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.436	
Fig.148 <i>Casa do Ribeiro. Habitação, planta do 2º piso</i>	135
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.47	
Fig.149 <i>Assafora, planta</i>	135
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.435	
Fig.150 <i>Assafora</i>	135
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.435	
Fig.151 Cozinha, lareira e escano, Caso de estudo.....	136
Fotografia do autor	
Fig.152 Sala/Quarto, Interior, Caso de estudo.....	136
Fotografia do autor	
Fig.153 <i>Gralheira</i>	137
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.232	
Fig.154 <i>Monsanto</i>	137
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.233	
Fig.155 <i>Monsanto</i>	137
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.232	
Fig.156 <i>Rio de Onor, Cozinha - um escano</i>	137
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.141	
Fig.157 <i>Freineda</i>	137
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.243	
Fig.158 <i>Montes, Interior da casa da tecedeira</i>	137
in: PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. <i>op.cit.</i> 1980. p.124	

ENTREVISTA Nº1 - MARIA ALICE

Maria Alice, avó do autor.

Foi vizinha dos últimos habitantes do caso de estudo.

(Lugar da Rua) “A Rua já não é do meu tempo, era muito mais antigo (...), sei que tem lá em baixo o pelourinho, diziam que era a forca (...).”

(Estradas Real) “Dizia-se que na Rua passava a estrada Real, por onde passava o rei, vinha pelo Cabo de Vila, passava na Rua e depois ia por ali, (...) onde agora passa a via rápida, seguia aquela estrada velha, ali em Pensais (...). Aquele caminho ia até à Lage e lá em cima nos baldios tem ainda um caminho velho, quando se atravessa a estrada, (...) aquele caminho por lá segue. Por aquele caminho passei eu muitas vezes com os molhos de mato (...), agora já fizeram aquele estradão, mas o caminho ia até à Cruz da Talhada. Depois na Cruz da Talhada tinha lá dois penedos, (...) e a gente passava lá por eles, e naqueles penedos tinha lá uma cruz, diziam que tinham lá matado um homem (...), esses penedos ainda lá estão, mas agora já não se conhece caminho nenhum, está tudo cheio de mato e depois fizeram novos caminhos (...). Até à Cruz Talhada era por ali (...).”

(Caminho Velho) “Sei que havia também um caminho velho (...), onde tem a estrada 15, onde era o hotel, pela parte de cima chamavam-lhe o caminho velho, por baixo era a estrada, que ainda é a estrada 15, por cima agora fizeram a via rápida, mas passa por lá mais ou menos (...). Nós íamos daqui para a Campeã, íamos quase sempre por esse tal caminho que era mais a direito, lá íamos ter à Fonte do Ladrão. (...) Na lameira encontras ali aquele caminho velho, onde tem o estradão que vai para Covelo (...) e lá íamos por aí acima pra Campeã, muitas vezes (...).”

(Estradas da aldeia) “Aqui, no meu tempo, eram uns caminhos, não havia estradas nenhuma (...). O caminho da procissão da igreja, da festa, ia aqui por Barral adiante até à Calçada (...), ia na mesma à Ponte da Rua dar a volta (...). O caminho para a igreja, lá seguia pela Póvoa (...), e tinha uma ‘canelha’ por aí acima (...) mas depois aproveitaram e fizeram a estrada (...). Seguia lá outro caminho onde tem a estrada para Penouços, era um caminho onde se ia lá à lenha (...). Pra Sá, o caminho era aqui pela Povoia, passava por cima da casa do Jaime, era um carreiro, era o caminho para ir pra lá a pé. Se fosse o carro do gado era por lá por cima por Guilharim, (...) ou pelo Outeiro (...), não havia caminho de carro para ir directo pra Sá. (...) Agora a pé ia-se num carreiro que ia pelos campos abaixo e descia-se lá em baixo no Gontão (...). Depois a estrada seguia por baixo (...) onde tinha o engenho e era por lá o caminho de Gontão(...).”

(Equipamentos importantes) “O engenho era em Sá, ainda lá está, o engenho do azeite (...) mas agora não é utilizado. Eu acho que ainda tem lá dentro as coisas. Primeiro a gente passava e tinha lá a janela aberta e via-se a prensa (...)”

“Na Tornada havia moinhos e ainda há pra lá moinhos (...). Aqui havia um, mas foi abaixo, ao pé da ponte. Onde tem as casas da Tornada (...) tinha mais adiante o moinho, nós íamos lá, tínhamos uma renda, íamos lá moer quinze dias, pagávamos a renda e íamos lá moer. E tinha outro do lado de baixo que era de Sá (...), e mais acima tinha mais onde tinha o engenho do linho. (...) Do lado de baixo tinha o moinho do milho, (...) com a mesma água, que descia de um e ia para o outro e aquelas águas tinham de vir pela açude (...). Lá em baixo também tem no Saltadoiro, chamavam-lhe o moinho da Cal (...)”

(As minas e a floresta) “As minas já eram mais antigas, no meu tempo ainda ia muita gente para as minas, mas depois acabou. Era só carreiros por essa floresta acima por onde passavam as pessoas que iam para lá e também outras que iam trabalhar na floresta quando não havia lá trabalho. Eu também lá andei a roçar mato, no desbaste, plantar árvores lá cima na Lameira e no Salgueiro (...)”

(Actual edifício da junta de freguesia) “Era lá o engenho (...), ao lado era a casa do caseiro (...), tinha uma cozinha, e depois tinha umas escadas que tinha por cima uma sala e o engenho era por baixo (...)”

(Barral e o caso de estudo) “Por aqui morava muita gente, nestas casinhas tinham todas pessoal (...). A Sr. Emília morava só nesta parte daqui e tem aquele quartinho e era para ela, o homem e os filhos e na de lá era a sogra na sala e na outra cozinha (...). Depois ela morreu e já ficou com tudo.”

“Era tudo cheio de pessoal, todas as casinhas estavam ocupadas (...). Quando o tio Joaquim Moutas fez a casa lá em cima, na Portelinha, o caminho era mais estreito (...), e depois quando começaram a trazer os carros (...) deixou alargar um bocadinho.”

(Outros lugares) “Na Seara conheci lá sempre povo da Seara. Muitas já foram compostas, era tudo mais em ponto pequenino, casinhas velhas. Era em todos os lados, era tudo pobrezinho (...)”

(As fontes) “As fontes, havia esta aqui de Barral, a da Igreja, a da Rua e a do Gontão. No Outeiro ia-se às Nogueiras, que era em baixo na terra do doutor, agora já não há água nenhuma. Tinha cá em Marta uma que lhe chamam a fonte de Santa Ana, também lá iam à água (...). Faziam as casas mais pertinho da água (...)”

ENTREVISTA Nº2 - EDITE PINHEIRO

Edite Pinheiro, mãe do autor.

Foi vizinha e cuidou de Emília Ribeiro, última habitante do caso de estudo.

(Cozinha) “Na cozinha tinha um lava-loiça ao pé da janela depois ao lado tinha um balcão e umas caixas, umas caixas grandes (...) Era uma caixa e uma mesa. Tinha a lareira, no canto, com um sarilho, que é uma peça com vários paus para depois pendurar as moiras. Na lareira tem um rebaixo, em cimento e na zona da porta também. Também tinha um escano, é tipo um sofá em madeira. (...) Comiam numa mesa encostada à parede. (...) A janela da cozinha, a pequenina, era o miradoiro deles para ver quem passava. A outra janela tinha lá uma cadeira onde ela ia para lá costurar. (...) Onde tem as tomadas era onde tinha o frigorífico. O frigorífico era rente à porta e depois tinha a mesa do outro lado. (...) No lado do lava-loiça, onde tinha o fogão e onde ela cozinhava tinha um móvel com prateleiras onde guardava os pratos e as panelas. (...) Do lado da porta que dá lá pra fora tinha um móvel alto, onde punha os guarda-chuvas, o arroz e massa, as mercearias. Tinha portas em baixo e em cima não tinha. Ao meio da cozinha não tinham nada, era tudo livre. (...) Tinha uma cestinha em cima da caixa na cozinha onde tinha os medicamentos. (...)”

(Sala) “Depois tinha uma cama, na divisão pequena. (...) Na sala tinha a cama dela encostada à janela, tinha uma mesa perto da porta e tinha também duas caixas. Não tinham guarda-fatos, arrumavam tudo nas caixas, (...) eram os moveis antigos. (...) Eu quando a conheci, ela dormia na sala, e eu dormia aí com ela, na cama do quarto pequeno era onde tinha a roupa. Essa cama era onde dormia o filho. Depois da sogra ter morrido é que eles ficaram com a sala. Quando o homem morreu acho que tinham a cama no sítio da mesa ao lado da porta. (...) Só abriam a sala para a Pascoa ou quando ia o medico a casa e se fossem lá visitar, senão era sempre na cozinha. (...) Os colchões ainda eram em palha. (...)”

(Antiga cozinha) “Na outra cozinha tinha uma gamela de fazer o pão ao pé da porta de baixo, tinha o forno num canto encostado. (...) O chão do forno é em pedra como lá está. (...) Os outros eram em madeira e este era em pedra. Tem cimento em algumas partes, mas é mais recente. (...) O resto é tudo em soalho. (...) A outra cozinha, onde morava a sogra, foi sempre para arrumos, onde o filho tinha lá as ferramentas e tinha lá uma pipa. (...)”

(Ocupações) “Ela para ir aos animais ia muitas vezes pela porta da cozinha, pelo caminho e ia pensar as galinhas. Às vezes também ia pela parte de cima, tem lá uma porta na cerca, e dava a volta à casa, mas mais vezes

ia por baixo, era mais perto. (...) Ela tinha galinhas, gostava muito das galinhas. Não sei se alguma vez teve porcos, mas que eu me lembre nunca lá vi porcos. (...) Ela acordava e ia sempre para o lume, fazia o café, era a coisa dela. (...) Ela quando era nova ia para o quintal, plantava repolho, semeava feijões, quando não podia pedia a alguém que lhe fosse semear os feijões (...) lavava num tanquinho que lá tinha, mais ou menos onde está o outro, lavava a roupa dela. Nunca teve um trabalho com ordenado, era naquilo. (...) Tinha gatos, gostava muito de gatos. (...) A primeira coisa que ela fazia de manhã era ir às galinhas, acordava deixava o café a fazer e ia às galinhas. Ela tinha uma paixão pelas galinhas. Na parte do jardim tem lá o galinheiro e as galinhas andavam muitas vezes lá no jardim, e ao lado tem uma loja, onde arrumavam as coisas. (...) Ela ia sempre buscar água à fonte, usava um jarro que levava 6 litros ou 5 litros. Depois quando não podia íamos nós lá buscar água para a mulher, ela estava sempre à espera da água. Eles não tinham água em casa, foi o filho que lá meteu mais tarde e a água toda que usava ia à fonte buscá-la. (...) Tomar banho era numa bacia, tanto podia ser na cozinha como no quarto, mas era quase sempre na cozinha. Antigamente não havia quartos de banho. (...) Ela depois passava o dia ou na lareira, ou a costurar na cadeira, a rezar, a ouvir radio, quase sempre na cozinha. (...) Se estivesse bom tempo vinha cá fora apanhar sol, conversar com alguém. Ou sentava-se lá nos degraus dela ou vinha até cá em cima ao largo. (...)"

(*Anexos*) "Também usavam o lagar, tinham aquela ramada toda, à volta da casa até lá acima à estrada. Aquela ramada é a que lhes dava o vinho. Na leira do fundo também tinha lá umas "videcas" mas era praticamente só aquela ramada. (...) Por baixo era onde tinha as galinhas. E tinha um tear, por baixo da sala onde era mais alto, e ela ia para lá tear, fazia mantas era isso que ela fazia. (...) Por baixo da cozinha era para os animais. (...) As cortes, os anexos, isso já foram eles que fizeram. (...) A varanda para a retrete tinha uma guarda de madeira. (...) A retrete era fora da casa, na varandinha, depois fazia lá as necessidades e levavam para o quintal. (...)"

Ela usava a luz para iluminar, tinha na cozinha e na sala também. A luz ficava toda a noite acesa. Quando íamos lá dormir com ela não. Uma vez quando fui à Senhora da Serra, foi a primeira e única que lá fui, (...) há 35 anos talvez, devia ter praí 12 anos, 13 ou 14. E nessa noite ela ficou sozinha, ela morria de medo de ficar sozinha, (...) e a parti daí começou a habituar-se e começou a ficar sempre com a luz acesa e com o cobertor na cabeça. (...) Sempre que ela estivesse em casa era sempre de luz acesa. (...)

Em frente à cozinha tem lá umas escadas nas pedras que era mais para as pessoas que iam abrir a água da poça, tinham o direito de passar por lá.

ENTREVISTA Nº3 - JOSÉ RITO

Sr. José Rito, sobrinho dos últimos habitantes do caso de estudo.

(O caso de estudo) “Aquela casa já a conheci assim (...). Eu ia lá ver a minha avó (...), a minha avó morava lá no lado do lagar. O lagar foi o meu tio que o fez (...). Depois mais tarde o meu tio é que compôs a cozinha de cá. Lá é que era a cozinha, era lá que tinha o forno (...).”

“Aquilo era da minha avó e lá era onde eles viviam, do lado do lagar é que era a cozinha. Já não sei muito bem como era aquilo, mas tinha lá uma “caleiritas” para ir pra lá. Depois o meu tio mais tarde quando aquilo já era dele passou a cozinha para o lado (...). Onde agora é a cozinha antes eram arrumos, mas depois deu uma “ajeitadela”. (...) Aquilo era comprido era tipo canastos. (...)”

“A retrete era cá fora (...) tinham pra lá uma “casebresito” ou um barraco, mas era cá fora. Depois mais tarde quando mudou pra lá é que fez também a retrete pra lá (...).”

“Eu ia lá ver a minha avó, o meu avô morreu quando era pequeno, mas lembro-me bem do meu avô. (...) A cozinha tinha a porta e umas caleiras pra baixo e ainda tem, e tinha uma porta do lado de baixo já mais baixa que também tinha umas caleiras. (...)”

(Heranças) “Lá tocou ao meu tio e do lado de cá tocou ao meu pai, no barreiro. Aquilo era tudo da minha avó. (...) Em solteiros moravam juntos, na casa. Depois o meu pai era mais velho, casou-se e foi morar pra casa do barreiro. Ele era barbeiro e lá passava o povo pra missa e fazia lá a barba na casa que tocou ao meu pai. Lá não passava nada, era só os que moravam lá. Eles eram dois irmãos, tocou metade para cada um, o meu pai ficou com a metade do terreno de lá e a casa do barreiro e ao meu tio José Rito tocou o quintal e a casa.”

(O terreno) “Aquilo era de um tempo pobre. (...) Eu acho que já era mais antiga, mais antiga que os meus avós. (...) Cá sei, já não era do meu tempo, (...) onde tem as leiras, que era uma insua, era um montado, era monte, era só água lá, aquilo era uma insua. Depois o meu avô, o meu pai e o meu tio é que agarraram-se lá a “escabouçar” e é que fizeram aquelas “leiritas” (...).”

“O meu tio era mineiro, a vida dele era trabalhar para este e para aquele a explorar água em minas. (...) Cá como era lenteiro, e quando eles fizeram as leiras, não podiam trabalhar sem tirar a água. E para poder trabalhar tiveram que fazer regos e deitaram a água pro ribeiro, que nasce lá um fieiro de água que vai para a poça. Aquela água era de lá daqueles terrenos. (...) O meu pai, o meu tio e o meu avô para poder trabalhar fizeram uma “rôta” e

depois encanaram a água. (...) Não havia cimento nem nada naquela altura, era uma pedra de cada lado e outra por cima e fizeram o caninho, chamavam-lhe aquilo um “cano rateiro”. E deitaram aquela água para o ribeiro para poderem trabalhar e ainda deve ter lá o cano a trazer a água pra poça. (...) O meu tio depois como queria lá uma pinguinha de água como é que ele fez... Tinha uma leirinha no cima (...) e deitou metade da leira abaixo (...) e nasceu a água e o meu tio fez lá o tanquinho (...).”

“Tanto o meu pai como o meu tio tinham água na mina e não precisavam de tanque nenhum (...) e a água tapava-se dentro da minha, tinha lá uma caleira em pedra (...). Depois taparam a mina, (...) quiseram alargar a rua pra Póvoa e tiveram que tapar a mina (...) e já não se podia ir lá abrir e tapar a mina. (...) Aquela poça ia-se tapar lá dentro (...).”

“Lá cultivavam o que lhes apetecesse, cultivavam hortaliça, legumes, era um quintal, cultivavam para comer. (...).”

(Caminhos importantes) “A estrada Real foi agora tapada com a via rápida, ia pra baixo, passava à porta do antigo presidente e ia pela calçada abaixo. Nós chamávamos a estrada velha, porque era a estrada que havia antigamente. (...) lá ter lá abaixo ao lado da capela. Se reparares naquelas casas velhas que ainda deve lá ter argolas que era de o povo prender os cavalos. Antigamente andava tudo de cavalo. (...) Tem lá uma porta d’armas, uns portões, lá antigamente era a vila. (...) A camara como é agora em Amarante, antigamente era ali. (...) Tem um cruzeiro ao pé da ponte e um pelourinho. Era a forca e tinha lá o cruzeiro porque matavam lá o povo (...). Ao cabo da ponte, aquela casa grande que lá está (...) também tem lá as tais argolas para prender os cavalos (...).”

(Lugar do caso de estudo) “Na minha altura havia muito mais, já foi tudo embora. (...) Em Barral aquelas casas estavam todas habitadas, mas todas e algumas já foram embora, já foram alagadas. Havia muito povo ali em Barral, muito, muito. Do meu conhecimento já não vejo muita gente como lá havia. (...) Porque num “casolinho” (...) vivia lá duas ou três pessoas. (...) Onde se vira para a rua de baixo, só ali havia, (...) naquela casa composta de novo e com a do fundo, viviam quatro viventes. (...) Onde está aquela casa só com as paredes cobertas com a heradeira viviam do lado cá eram uns e do lado de lá eram outros. (...) Foi uma abaixo onde está o terreiro, onde põe o carro. (...) Ainda me lembro de lá morarem (...). Onde tem o portão, a corte que tem lá, era uma casa que lá havia, e lá moravam vários. (...) Aqui à beira do caminho, esta que está metade alagada, só ali viviam cinco pessoas. (...) Havia ali muita gente. Faziam casa onde herdavam, onde podiam (...).”